



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO CULTURA E INTERATIVIDADE  
MESTRADO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE

ANA APARECIDA PORTO MASCARENHAS

**ENTRE TRAÇOS E MEMÓRIAS: O *URBAN SKETCHERS* E O REGISTRO DA  
PAISAGEM URBANA DE FEIRA DE SANTANA**

FEIRA DE SANTANA

2025

ANA APARECIDA PORTO MASCARENHAS

**ENTRE TRAÇOS E MEMÓRIAS: O *URBAN SKETCHERS* E O REGISTRO DA  
PAISAGEM URBANA DE FEIRA DE SANTANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual Feira de Santana, como exigência parcial para obtenção do título de mestre.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gláucia Maria Costa Trincham.

**Coorientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Borges de Andrade.

FEIRA DE SANTANA

2025

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

M361e

Mascarenhas, Ana Aparecida Porto

Entre traços e memórias: o Urban Sketchers e o registro da paisagem urbana de Feira de Santana / Ana Aparecida Porto Mascarenhas. – 2025.  
121 f.: il.

Orientadora: Gláucia Maria Costa Trinham

Coorientadora: Carla Borges de Andrade

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Feira de Santana, 2025.

1. Desenho. 2. Urban Sketchers. 3. Memória visual. 4. Desenho *in loco*. 5. Paisagem urbana. I. Trinham, Gláucia Maria Costa, orient. II. Andrade, Carla Borges de, coorient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU 744.42(814.22)

ANA APARECIDA PORTO MASCARENHAS

**ENTRE TRAÇOS E MEMÓRIAS: O *URBAN SKETCHER* E O REGISTRO DA PAISAGEM URBANA DE FEIRA DE SANTANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual Feira de Santana, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Desenho, Cultura e Interatividade.

Aprovada em 24 de abril de 2025.

**BANCA EXAMINADORA:**

Documento assinado digitalmente  
 **GLAUCIA MARIA COSTA TRINCHÃO PAULO**  
Data: 22/07/2025 07:14:24-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Orientadora:** PROFESSORA DR<sup>a</sup>. GLÁUCIA MARIA COSTA TRINCHÃO (UEFS)

Documento assinado digitalmente  
 **CARLA BORGES DE ANDRADE**  
Data: 22/07/2025 20:36:59-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Coorientadora:** PROFESSORA DR<sup>a</sup>. CARLA BORGES DE ANDRADE (UEFS)

Documento assinado digitalmente  
 **LIVIA DIAS DE AZEVEDO**  
Data: 22/07/2025 20:45:29-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Membro interno:** PROFESSORA DR<sup>a</sup> LIVIA DIAS DE AZEVEDO (UEFS)

Documento assinado digitalmente  
 **MARCIO SANTOS LIMA**  
Data: 22/07/2025 19:09:58-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Membro externo:** PROFESSOR DR. MÁRCIO SANTOS LIMA (IFS)

Feira de Santana  
2025

## AGRADECIMENTOS

A jornada do mestrado foi intensa, desafiadora e transformadora. Ao longo desse percurso, muitas pessoas foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. A cada uma delas dedico minha mais profunda gratidão.

Aos meus pais, **Epifânio e Raimunda (in memoriam)**, por me darem a vida. À minha mãe, por sua dedicação, incentivo e amor incondicional, sempre me mostrando que eu poderia ser o que quisesse.

Aos meus irmãos, **Júnior, Edison, Edival e Isabel**, pelo carinho, apoio e compreensão diante dos momentos em que precisei me ausentar para seguir esse sonho.

Ao meu esposo, **Luiz Carlos**, por estar ao meu lado em todos os momentos, segurando firme minha mão quando tudo parecia difícil. Te amo!

À minha psicóloga, **Lorena Santana**, por me ajudar a seguir em frente, mesmo nos períodos mais turbulentos, me mantendo firme no caminho certo.

À minha orientadora, **Prof. Gláucia Trincham**, que honra foi ser sua orientanda! Obrigada por sua dedicação, paciência e por acreditar no meu trabalho.

À minha coorientadora, **Prof. Carla Borges**, por ser minha bússola quando me senti perdida e por me mostrar que sempre há um caminho.

Aos meus colegas de turma, pelo apoio, pelas trocas e por me ajudarem a continuar.

À minha amiga **Gabriele Alexandre**, que me incentivou a dar o primeiro passo e embarcar nessa jornada do mestrado.

À **Tamires Aguiar**, por insistir incansavelmente para que eu participasse do projeto *Desenhando Feira*, uma experiência que me transformou.

À prof.<sup>a</sup> **Rosa Eugênia**, por plantar a semente do mestrado e me fazer enxergar que esse caminho era possível.

Aos meus alunos, especialmente à turma de **Desenho II do CUCA**, por tornarem meus dias mais leves e cheios de inspiração.

A **Aderlon Mascarenhas**, por me emprestar seu maravilhoso notebook gamer de última geração na fase final do mestrado, depois que o meu quebrou.

À minha dinda, **Luziane**, por seus conselhos e bênçãos sempre tão necessários.

A **Hygor Almeida** produtor de Artes Visuais Sesc por tornar minha jornada de trabalho possível para a realização do mestrado.

Ao meu gerente favorito, **Fabrcio Messias**, pela compreensão, apoio e incentivo ao longo dessa trajetória.

A todos os meus **colegas de trabalho**, que, de alguma forma, tornaram essa caminhada mais leve e possível.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa trajetória, meu mais sincero agradecimento. Esta conquista também é de vocês!

*“Qualquer pessoa terá muito mais apreço e mais lembranças a partir do desenho que fez de uma paisagem que viu em uma viagem, do que de uma fotografia que fez dessa mesma paisagem, pois o ato de olhar para desenhar, em si, traz outro tipo de memória daquele lugar” (Peixoto, 2013, p. 24).*

## RESUMO

Este estudo investiga a prática do Urban Sketchers e sua relação com a memória e as transformações urbanas, destacando como o desenho in loco contribui para a construção de narrativas tanto pessoais quanto coletivas. Tem por objetivo, analisar como os registros visuais produzidos, por mim, durante os encontros do *Urban Sketchers* Feira de Santana refletem as mudanças da cidade e a vivência de seus habitantes, evidenciando o potencial do desenho como instrumento de observação e interpretação da paisagem urbana em transformação. Adoto uma abordagem qualitativa, examinando os desenhos realizados nesses encontros para compreender de que maneira capturam, registram e reinterpretam a cidade e suas dinâmicas. Para isso, utilizo uma perspectiva psicogeográfica, inspirada na prática da deriva, que possibilita uma exploração sensível dos espaços urbanos por meio da experiência do caminhar e do ato de desenhar. A metodologia inclui observações diretas, narrativas, registros fotográficos e a análise dos próprios desenhos, compreendendo-os como documentos visuais que articulam memória, cultura e urbanização. Dessa maneira, proponho que a prática do *Urban Sketchers* não apenas documenta a cidade, mas também estabelece um diálogo entre passado e presente, fortalecendo os laços afetivos dos habitantes com os espaços de relevância histórica, social e cultural. Por fim, defendo que essa prática artística desempenha um papel essencial na valorização da memória urbana, destacando o desenho como uma forma de expressão cultural e registro visual da cidade de Feira de Santana – BA.

**Palavras-chave:** *Urban Sketchers*; desenho registro; memória; cidade, memória visual.

## ABSTRACT

This study investigates the practice of Urban Sketchers and its relationship with memory and urban transformations, highlighting how in situ drawing contributes to the construction of both personal and collective narratives. Its objective is to analyze how the visual records I produced during the meetings of Urban Sketchers Feira de Santana reflect the changes in the city and the experiences of its inhabitants, highlighting the potential of drawing as an instrument for observing and interpreting the changing urban landscape. I adopt a qualitative approach, examining the drawings produced in these meetings to understand how they capture, record and reinterpret the city and its dynamics. To this end, I use a psychogeographic perspective, inspired by the practice of drifting, which allows for a sensitive exploration of urban spaces through the experience of walking and the act of drawing. The methodology includes direct observations, narratives, photographic records and the analysis of the drawings themselves, understanding them as visual documents that articulate memory, culture and urbanization. In this way, I propose that the practice of Urban Sketchers not only documents the city, but also establishes a dialogue between past and present, strengthening the affective ties of the inhabitants with spaces of historical, social and cultural relevance. Finally, I argue that this artistic practice plays an essential role in the valorization of urban memory, highlighting drawing as a form of cultural expression and visual record of the city of Feira de Santana - BA.

**Keywords:** Urban Sketchers; drawing record; memory; city, visual memory.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> – Desenho de infância .....	9
<b>Imagem 2:</b> Caixa D'água do Tomba .....	17
<b>Imagem 3:</b> Logo do <i>Urban Sketchers</i> de Feira de Santana .....	17
<b>Imagem 4</b> – Mapa do Município de Feira de Santana – BA .....	27
<b>Imagem 5</b> – Prédio do Mercado Municipal .....	28
<b>Imagem 6</b> – Coretos da Praça Bernadino Bahia .....	29
<b>Imagem 7</b> – Coreto da Praça da Matriz .....	29
<b>Imagem 8</b> – Coreto da Praça Fróes da Motta .....	30
<b>Imagem 9</b> – Prédio do Grupo Escolar J. J. Seabra .....	30
<b>Imagem 10</b> – Prédio do Arquivo Público Municipal .....	31
<b>Imagem 11</b> - Prédio da Escola Maria Quitéria .....	31
<b>Imagem 12</b> – Paço Municipal .....	32
<b>Imagem 13</b> – Igreja Senhor dos Passos.....	32
<b>Imagem 14</b> – Prédio da cadeia Pública .....	33
<b>Imagem 15</b> – Casa de Epifânio José de Souza.....	34
<b>Imagem 16</b> - Casa de Francisco Pinto .....	34
<b>Imagem 17</b> - Casa de João Evangelista.....	35
<b>Imagem 18</b> - Casa da Torre .....	35
<b>Imagem 19</b> - Casa de Artur Fróes da Motta .....	36
<b>Imagem 20</b> - Prédio Hotel Solar Santana .....	36
<b>Imagem 21</b> - Casarão Fróes da Motta.....	37
<b>Imagem 22</b> - Casa de João Marinho Falcão .....	37
<b>Imagem 23</b> - Casa de Fernando Ramos .....	38
<b>Imagem 24</b> - Prédio do Colégio Intelecto .....	38
<b>Imagem 25</b> - Lago .....	46
<b>Imagem 26</b> - Cartaz de Convocação do primeiro encontro <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana.....	50
<b>Imagem 27</b> – Desenho do Primeiro encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana.....	51
<b>Imagem 28</b> – Foto do desenho e local retratado .....	52
<b>Imagem 29</b> - Cartaz de Convocação do segundo encontro <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	53
<b>Imagem 30</b> – Desenho do segundo encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	54
<b>Imagem 31</b> – Cartaz de Convocação do terceiro encontro <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	56
<b>Imagem 32</b> – Desenho do terceiro encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	58
<b>Imagem 33</b> – Cartaz de Convocação do quarto encontro <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	60
<b>Imagem 34</b> – Desenho do quarto encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	61
<b>Imagem 35</b> - Foto do desenho e local retratado .....	62

<b>Imagem 36</b> – Desenho do quarto encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	63
<b>Imagem 37</b> - Expositão.....	64
<b>Imagem 38</b> - Cartaz de Convocação do quinto encontro Urban Sketchers em Feira de Santana .....	65
<b>Imagem 39</b> – Foto do desenho e local retratado .....	66
<b>Imagem 40</b> – Desenho do quinto encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	66
<b>Imagem 41</b> - Expositão.....	68
<b>Imagem 42</b> - Cartaz de Convocação do sexto encontro Urban Sketchers em Feira de Santana .....	69
<b>Imagem 43</b> - fotografia coletiva.....	70
<b>Imagem 44</b> – Desenho do sexto encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana.....	71
<b>Imagem 45</b> - Cartaz de Convocação do sétimo encontro Urban Sketchers em Feira de Santana.....	73
<b>Imagem 46</b> - Foto do desenho e local retratado .....	74
<b>Imagem 47</b> – Desenho do sétimo encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana.....	75
<b>Imagem 48</b> - Cartaz de Convocação do oitavo encontro Urban Sketchers em Feira de Santana .....	76
<b>Imagem 49</b> – Desenho do oitavo encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	78
<b>Imagem 50</b> – Registro fotográfico do desenho .....	79
<b>Imagem 51</b> - Cartaz de Convocação do nono encontro Urban Sketchers em Feira de Santana .....	80
<b>Imagem 52</b> – Desenho do nono encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	82
<b>Imagem 53</b> - Cartaz de Convocação do décimo encontro Urban Sketchers em Feira de Santana.....	84
<b>Imagem 54</b> – Desenho do décimo encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana.....	86
<b>Imagem 55</b> - Cartaz de Convocação do décimo primeiro encontro Urban Sketchers em Feira de Santana.....	88
<b>Imagem 56</b> – Desenho do décimo primeiro encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	90
<b>Imagem 57</b> - Cartaz de Convocação do décimo segundo encontro Urban Sketchers em Feira de Santana: USkDendicasa.....	92
<b>Imagem 58</b> – Registro fotográfico do USkDendicasa .....	94
<b>Imagem 59</b> – Desenho do USkDendicasa .....	94
<b>Imagem 60</b> - Cartaz de Convocação do décimo terceiro encontro Urban Sketchers em Feira de Santana.....	96
<b>Imagem 61</b> – Desenho do décimo terceiro encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana.....	98
<b>Imagem 62</b> - Cartaz de Convocação do décimo quarto encontro Urban Sketchers em Feira de Santana .....	100
<b>Imagem 63</b> – Desenho do quarto encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	102
<b>Imagem 64</b> - Cartaz de Convocação do décimo quinto encontro Urban Sketchers em Feira de Santana .....	104
<b>Imagem 65</b> – Desenho do quinto encontro de <i>Urban Sketchers</i> em Feira de Santana .....	106

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 PATRIMÔNIO MATERIAL, CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE CIDADE, FORMAÇÃO IDENTITÁRIA</b> .....	21
2.1 A formação da cidade e suas nuances temporal .....	21
2.2 PAISAGEM CULTURAL E SUAS FACETAS .....	24
2.3 A Importância do Patrimônio Material na Construção da Identidade da cidade Feira de Santana - Bahia.....	26
2.4 Psicogeografia e Deriva: Percursos Sensíveis na Cidade.....	40
<b>3 O DESENHO DE OBSERVAÇÃO, URBAN SKETCHERS E A MEMÓRIA</b> .....	43
3.1 DESENHO, OBSERVAÇÃO E MEMÓRIA.....	43
3.2 URBAN <i>SKETCHERS</i> : DESENHANDO PAISAGENS, RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS.....	45
3.3 <i>URBAN SKETCHERS</i> : RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS POR MEIO DO DESENHO	
48	
3.3.1 Traços da Cidade: o primeiro encontro do <i>Urban Sketchers</i> Feira de Santana .....	49
3.3.2 Arquitetura e Tempo: o Paço Municipal em Traços e Cores .....	52
3.3.3 Museu Regional de Arte.....	56
3.3.4 USkFSA: contraste entre leveza e rigidez .....	59
3.3.5 O desenhar ao ar livre .....	64
3.3.6 O Mercado de Arte Popular sob o olhar do Urban Sketchers .....	68
3.3.7 A Biblioteca Arnold Ferreira Silva: Entre Linhas, Formas e Cores .....	72
3.3.8 Catedral Metropolitana de Sant’Ana: ressignificando memórias por meio do desenho .....	76
3.3.9 Catedral Metropolitana De Sant’Ana sob nova perspectiva .....	79
3.3.10 CUCA: emoções e novas percepções .....	83

<b>3.3.11 Um paralelo entre passado e presente: o Casarão Fróes da Mota.....</b>	<b>87</b>
<b>3.3.12 A Arte do Urban Sketchers durante a Pandemia: Desenho, Aquarela e Memórias Afetivas em Tempos de Isolamento .....</b>	<b>91</b>
<b>3.3.13 O Retorno ao Urban Sketchers: Psicogeografia, Deriva e a Expressão do Desenho a Lápis .....</b>	<b>95</b>
<b>3.3.14 Diálogos entre Música, Psicogeografia e Pintura Plein Air no Museu Regional de Arte .....</b>	<b>99</b>
<b>3.3.15 Idas e vindas: um novo olhar sob o Parque Erivaldo Cerqueira .....</b>	<b>103</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>108</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>113</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa adota, em diversos momentos, um caráter narrativo-descritivo, fundamentado nas minhas vivências e experiências enquanto desenhista *in loco*. Nesse sentido, a utilização da primeira pessoa ao longo do texto se justifica pela necessidade de reforçar a relação entre pesquisador e objeto de estudo, bem como de evidenciar a perspectiva subjetiva que permeia esta investigação. Tal abordagem contribui para a construção de uma análise reflexiva, alinhada às metodologias que valorizam a experiência direta no processo de produção do conhecimento científico.

Antes de iniciar o diálogo sobre este estudo, sinto a necessidade de me apresentar, pois acredito que assim lhe ajude a compreender determinadas falas ao longo do texto. Sou Ana Aparecida Porto Mascarenhas, natural de Feira de Santana – Bahia, adoto o nome artístico Cida Porto, pois desde criança todos no meu ciclo familiar e amigos assim me chamavam.

Desde a infância, utilizava o desenho como meio expressivo desenhando principalmente nos muros e paredes da minha residência; tal ação despertava a atenção de minha mãe, maior incentivadora, familiares e vizinhos. Certo dia, resolvi desenhar em uma parede da casa, preenchi 3m de altura com uma estrutura de prédios desenhados com carvão. Para chegar na parte mais alta, eu utilizava escada (Imagem 1). Certo dia, um vizinho que presenciou tal feito proferiu a seguinte frase para minha mãe: “*essa menina é uma artista, artista plástica de verdade!*”. Essa frase ficou guardada em algum lugar em minha memória, e veio à tona durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Sou artista plástica, arte-educadora, grafiteira, *urban sketcher* e apaixonada por plantas e animais. Minha formação como artística tem início na minha adolescência no Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), instituição ligada à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Posteriormente, cursei Licenciatura em Artes e Plástica pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Comecei a ensinar desenho e pintura nas oficinas do CUCA em 2005, e permaneço até a presente data. Atualmente, sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI) da UEFS, onde desenvolvo pesquisas voltadas ao desenho de observação como instrumento de registro da memória visual da cidade e suas transformações urbanas. Minha atuação profissional inclui a docência como instrutora de Artes no Serviço Social do Comércio (SESC) de Feira de Santana, como professora nas oficinas do CUCA e da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), ambos vinculados à UEFS.

**Imagem 1 – Desenho de infância**



**Fonte:** Acervo particular da autora.

Agora que já me apresentei, vamos falar da pesquisa. O presente estudo investiga o desenho de observação como instrumento para a construção de memórias visuais e contribui para a reflexão sobre o contexto urbano de Feira de Santana – Bahia. A pesquisa parte da análise dos desenhos produzidos por mim durante os encontros do *Urban Sketchers* (USk) nesta cidade entre os anos de 2017 e 2023, considerando-os como fontes de pesquisa, documentos e registros visuais que possibilitam reflexões sobre memória visual, conexões afetivas e transformações da paisagem urbana. Os desenhos além de serem fonte da apreciação da cidade e do seu entorno, capitam aspectos culturais, históricos e sociais, fomentando o pertencimento, o olhar para preservação, através da construção e ressignificação de memórias.

O incentivo para enxergar os desenhos realizados nos encontros de USk como fonte de produção de conhecimento científico surgiu através do convite para participar de uma oficina sobre desenho de observação como ação de um projeto de extensão cujo tema era “Desenhando Feira” na Universidade Estadual de Feira de Santana, onde fui motivada em pensar uma pesquisa que fosse capaz de trazer os desenhos do USk realizados na cidade numa dimensão que remete mais que o registro visual, mas como meio de resgatar e construir memórias revelando a importância do desenho de observação para despertar o sentimento de pertencimento e o olhar mais atento as transformações da paisagem urbana.

As vivências compartilhadas na oficina provocaram-me diversos questionamentos tais como: quais os processos técnicos utilizados na feitura dos croquis do USk de Feira de Santana-Ba? Qual a relação dos desenhos desenvolvidos durante os encontros de *Urban* com a memória visual da cidade de Feira de Santana? Existe material didático disponível relacionado às memórias urbanas de Feira de Santana que levam o olhar do espectador para os locais de representatividade histórico e cultural da cidade através do desenho? Existem políticas públicas educacionais que levam para as escolas as questões tangentes à observação e valorização dos locais de representatividade histórico e cultural local?

A partir desses questionamentos chego na questão desta pesquisa: como os desenhos produzidos nos encontros de USk em Feira de Santana podem colaborar para a preservação da memória visual dos locais de representatividade artístico e cultural da cidade Feira de Santana? Haja vista que, estes, experienciam um processo de apagamento em decorrência da constante modernização da arquitetura urbana para atender questões desenvolvimentistas atrelada a práticas comerciais e econômicas.

Dessa maneira, percebo no movimento USk um potencial tanto de abrigo de memórias quanto de meios para realizar uma educação voltada ao despertar da busca da construção da

memória visual para a preservação dos entes arquitetônicos (construções que atravessam o tempo se resignificando), e do seu entorno, que envolve vivências que remetem ao presente e ao passado, proporcionando assim, aos artistas e a população em geral o interesse, a apropriação e, conseqüentemente, o desenvolvimento de um olhar sensível, para a manutenção e preservação de cenários urbanos que se resignificam com o passar do tempo.

Uma análise mais aprofundada sobre os desenhos realizados nos encontros USk na cidade de Feira de Santana pode apontar como esses registros de cenas cotidianas servem de elementos facilitadores para a preservação dos lugares que lhes são associados e que fazem com que os indivíduos se reconheçam como parte integrante da paisagem. Esses lugares são constantemente recriados pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua história de maneira singular e plural, contribuindo para o respeito à diversidade cultural.

Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho é analisar como os registros visuais produzidos, por mim, durante os encontros do *Urban Sketchers* Feira de Santana refletem as mudanças da cidade e a vivência de seus habitantes, evidenciando o potencial do desenho como instrumento de observação e interpretação da paisagem urbana em transformação. Além disso, busca-se especificamente detectar as percepções e emoções do artista em relação às paisagens que está desenhando; refletir sobre a paisagem cultural e como esta pode ser um elemento facilitador da preservação e construção de memórias e; identificar elementos de memória e aspectos afetivos ligados a cidade de Feira de Santana nos desenhos produzidos nos encontros de *Urban Sketchers*.

Este estudo adota uma abordagem fundamentada na psicogeografia, conceito criado em 1955 por Guy Debord, filósofo da Universidade de Paris dentro movimento Internacional Situacionista (IS)<sup>1</sup> (Bomfim, 2020). Debord estudou como o ambiente geográfico afeta as emoções e comportamentos das pessoas, conscientes ou não, considerando que o espaço urbano oferece surpresas que podem levar o indivíduo a percorrer caminhos inesperados e, assim, gerar uma nova percepção da cidade (Monte, 2015; Gonçalves, 2019; Bomfim, 2020). Dessa maneira, a psicogeografia avalia as interações entre os seres humanos e o ambiente, observando os efeitos do espaço sobre os sentimentos e a percepção das pessoas (Gonçalves, 2019). Assim, exploro como a experiência subjetiva do deslocamento pela cidade, registrada

---

<sup>1</sup> A Internacional Situacionista foi um movimento de raiz essencialmente anticapitalista. O grupo visava transformar profundamente o modo de vida das sociedades; a crítica a um tipo de vida no qual as condições sociais tornavam-se elementos subordinados ao sistema de lucro do capital era um dos pontos principais dos textos do movimento (Monte, 2015, p. 16).

através de desenhos, influencia a percepção dos espaços e suas transformações ao longo do tempo.

Utilizo junto com a psicogeografia o procedimento da deriva<sup>2</sup>, que sugere uma caminhada sem destino fixo, permitindo ao participante captar as atmosferas e fluxos urbanos (Monte, 2015). A deriva, como técnica de pesquisa, possibilita ser guiado por um olhar descompromissado e exploratório sobre o ambiente urbano. Em vez de um método cartográfico rigoroso, a deriva propõe um deslocamento guiado pela experiência subjetiva do espaço. Nesse contexto, o desenho emerge como um meio de captura das nuances da paisagem urbana, enfatizando tanto a dimensão objetiva da arquitetura quanto a atmosfera do local (Careri, 2013), isto é do seu entorno.

O *Urban Sketchers*, movimento iniciado por Gabriel Campanário em 2007, compartilha dessa abordagem ao estimular a prática do desenho in loco como forma de registrar a experiência individual do espaço urbano (Campanário, 2012). Assim, a interseção entre a deriva e o USK nesta pesquisa permite um mapeamento visual dinâmico da cidade, onde os desenhos são interpretações subjetivas do espaço vivido.

Dessa forma, os desenhos que produzi nos encontros do USk podem ser considerados registros sensíveis dessas vivências, desempenhando não apenas a função de documentação visual, mas também a de expressão das relações entre memória, afetividade e transformações urbanas. Nesse sentido, esta pesquisa propõe uma reflexão sobre o papel do desenho na construção de narrativas visuais da cidade, a partir do olhar do desenhista. E, assim, contribuir para uma construção de um olhar sobre os locais de representatividade histórico e cultural de Feira de Santana através dos desenhos produzidos por mim nos encontros USk, demonstrando como eles podem ser utilizados com uma finalidade educativa, proporcionando a observação crítica da cidade, bem como dos seus patrimônios arquitetônicos e do seu entorno.

É válido salientar que essa perspectiva educativa está em consonância com a missão do USK, que é elevar o valor artístico, narrativo e educativo do desenho no local, promovendo a sua prática e ligando pessoas em todo o mundo que desenharam no local onde vivem e/ou viajam. Mas, aqui buscamos demonstrar também a perspectiva de como esses

---

<sup>2</sup> A deriva, neste estudo, é tomada como inspiração metodológica, e não como uma prática adotada nos moldes da teoria situacionista. Ao longo da pesquisa, percebi afinidades entre o percurso investigativo realizado e os princípios da deriva; entretanto, optei por não aplicar integralmente essa técnica, considerando os objetivos específicos do trabalho. O que se buscou foi uma espécie de deriva simbólica, sustentada por um olhar sensível e diferenciado sobre locais que evocam aspectos socioculturais já conhecidos, mas vivenciados de maneiras diversas. Essa experiência se concretizou por meio dos desenhos desenvolvidos durante os encontros do USkFSA.

registros visuais podem desencadear no apreciador memórias afetivas que desencadeiem o sentido de pertencimento.

Ao praticar os desenhos nos encontros do USk, seus participantes descrevem a história do local desenhado, refletindo sobre sua memória e importância. O ato de registarem o momento através de fotos junto a suas obras e as difundirem por diversas mídias digitais promovem não só a divulgação dos locais, como ativam memórias e interesses dos que o apreciam. Da mesma forma, acionaram as minhas memórias e interesse por esta temática.

Portanto, acredito que este estudo possibilita ampliação das concepções do desenho além da prática, envolvendo aspectos ligados ao ensino e à preservação cultural, para o fortalecimento do vínculo entre os moradores e sua cidade, com o intuito de educar para preservar os locais de representatividade histórica e cultural local, que a cada dia está sofrendo com o processo de modernização e os apagamentos de suas memórias. Além disso, possui relevância para profissionais que se inserem na área das linguagens artísticas e humanidades e, também, no âmbito pedagógico, por possibilitar uma compreensão de conceitos como desenho de observação, memória visual, paisagem cultural e educação patrimonial.

Antes de tudo é importante conhecer em linhas gerais o movimento *Urban Sketchers*, como se deu o meu ingresso nesse movimento e quais as implicações que desencadearam o desenvolvimento deste estudo.

O USk é uma organização sem fins lucrativos fundada pelo ilustrador e jornalista espanhol Gabriel Campanário, em novembro de 2007, na cidade de Seattle, nos Estados Unidos. Ao estabelecer-se nessa localidade, Campanário buscou representar a cidade por meio do desenho, visando compreender melhor seu entorno. Para compartilhar essa experiência, criou um grupo na plataforma *Flickr*<sup>3</sup> e um *blog* denominado *Urban Sketchers*, onde divulgou suas ideias por meio de um manifesto composto por oito itens<sup>4</sup>. Nesse espaço, propôs que aqueles que compartilhassem sua visão se unissem a ele, formando uma ampla rede de desenhistas urbanos (Thorspecken, 2014).

---

<sup>3</sup> O *Flickr* é um *site da web* de hospedagem e partilha de imagens como fotografias, desenhos e ilustrações.

<sup>4</sup> Os oito itens do Manifesto são esses: 1. Nós fazemos desenhos de locação, através da observação direta, seja em ambientes externos ou internos. 2. Nossos desenhos contam histórias do dia a dia, dos lugares em que vivemos, e para onde viajamos. 3. Nossos desenhos são um registro do tempo e do lugar. 4. Nós somos fiéis às cenas que estamos retratando. 5. Nós utilizamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual. 6. Nós nos apoiamos e desenhamos juntos. 7. Nós compartilhamos nossos desenhos online. 8. Nós mostramos o mundo, um desenho de cada vez. Disponível em: <http://brasil.urbansketchers.org/p/sobre-o-urban-sketchers-br.html>. Acesso em: 21 dez. 2024.

Dessa forma, o USk surgiu como uma organização dedicada à valorização do desenho *in loco*, registrando paisagens e locais históricos de maneira singular, conferindo-lhes permanência ao transformar momentos específicos em representações visuais. Inicialmente, a proposta consistia na publicação, em plataformas digitais, dos desenhos produzidos a partir da experiência de explorar as ruas e praticar o desenho *in loco*.

No entanto, à medida que a comunidade ganhou visibilidade, passou a inspirar entusiastas do desenho em diferentes partes do mundo (Valgas, 2019). Como resultado desse crescimento, desde 2010 são realizados simpósios anuais em diversos países, entre eles Estados Unidos, Portugal, República Dominicana, Espanha, Brasil, Singapura, Inglaterra, Holanda e Argentina. O primeiro Simpósio do *Urban Sketchers* foi realizado em 2010 na cidade de Portland, Oregon, Estados Unidos. O evento foi concebido e organizado pela comunidade do USk em parceria com *Pacific Northwest College of Art* (Simpósio de *Urban Sketchers*, 2025).

A estrutura do simpósio incluiu oficinas práticas, demonstrações e atividades de desenho realizadas ao ar livre. A iniciativa esteve alinhada com a filosofia do grupo, que preconiza a representação visual do cotidiano urbano por meio do desenho *in loco*, além de incentivar a interação e a troca de experiências entre desenhistas de diversas partes do mundo proporcionando-lhes um ambiente de aprendizado, compartilhamento de técnicas e imersão na prática do desenho urbano.

O USk conta com membros em diversas partes do mundo, organizados em grupos locais, regionais e nacionais. Esses grupos mantêm contato por meio de blogs oficiais e redes sociais digitais, como *Facebook* e *Instagram*, onde são divulgadas informações sobre novos encontros e publicadas as obras produzidas, permitindo que qualquer interessado tenha acesso e interaja com os trabalhos.

Gabi Campanário, fundador do movimento, sintetiza a proposta do USk na seguinte frase estampada nas plataformas oficiais: "Com o intuito de que os leitores pudessem ver o mundo, um desenho por vez"<sup>5</sup>. Essa afirmação evidencia a concepção dos desenhos realizados nos encontros do USk como instrumentos de leitura do espaço retratado, capazes de revelar, àqueles que os observam, características peculiares de cada local representado.

No Brasil, o USk surgiu em 2011 através dos arquitetos Eduardo Bajzek e Juliana Russo e do artista João Pinheiro, residentes em São Paulo. No final de 2018 essa

---

<sup>5</sup> <https://urbansketchers.org/>

comunidade já possuía em torno de 60 correspondentes no *blog* e mais de 8 mil membros no perfil do *Facebook*. O USk Brasil tem realizado encontros nacionais anuais desde 2016, nos mesmos moldes dos simpósios internacionais, tendo sido sedes as cidades de Curitiba, São Paulo, Salvador e Ouro Preto, reunindo em média 200 a 300 pessoas a cada ano (Valgas, 2019, p. 219).

Em meados de 2016, conheci Fabiana Boiman<sup>6</sup> por meio das redes sociais. Foi através de nossas interações que fui apresentada ao *Urban Sketchers* e, conseqüentemente, ao grupo USk São Paulo. O contato com essa comunidade despertou em mim um grande interesse pela proposta de registrar artisticamente a paisagem urbana e o cotidiano das cidades.

Motivada por essa experiência, em julho de 2017, com o apoio de Fabiana Boiman, decidi fundar um grupo local na minha cidade natal, Feira de Santana – Bahia. O objetivo era destacar locais de relevância histórica e cultural, bem como retratar a paisagem urbana e seus elementos característicos.

Para consolidar essa iniciativa, convidei Caio Augusto e Isabely Seixas, publicitários e artistas com forte ligação com o desenho de observação e o desejo de registrar cenas emblemáticas da cidade. Juntos, formamos a equipe de administradores locais do Urban Sketchers Feira de Santana – Bahia (USkFSA), estruturando o grupo de acordo com os princípios da comunidade global.

Para a criação de um grupo local do USk, é essencial seguir um conjunto de diretrizes estabelecidas pela organização. Os grupos devem manter a filosofia central do USk, que preconiza o desenho feito *in loco*, promovendo a observação direta do ambiente urbano. Além disso, a criação de um grupo exige que seus administradores sigam as normas estabelecidas pela organização global, incluindo o uso do nome "*Urban Sketchers*" acompanhado do nome da cidade; a manutenção de uma plataforma digital para compartilhamento dos trabalhos e; a promoção de encontros periódicos que incentivem a prática coletiva do desenho de observação. Essas diretrizes garantem a integração dos grupos locais à rede mundial do USk, possibilitando uma experiência enriquecedora para seus membros e promovendo a valorização da arte do desenho urbano.

Ademais, a organização USk define diretrizes específicas para a criação do logotipo. O logotipo oficial do *Urban Sketchers Global* (USkG) deve ser preservado em sua forma original, sem alterações ou modificações, mas os grupos locais têm a prerrogativa de

---

<sup>6</sup> Atua como administradora do coletivo Urban Sketchers São Paulo, além de exercer as funções de astróloga e psicanalista. Desenvolve trabalhos no campo das artes visuais, com ênfase em ilustração, e dedica-se à docência e à formação em diferentes técnicas de desenho e ilustração.

desenvolver suas próprias marcas visuais, desde que respeitem os padrões visuais e conceituais estabelecidos pela organização.

O logotipo de um grupo local deve obrigatoriamente conter a denominação da cidade ou região correspondente, reforçando a identidade geográfica do coletivo. Em termos estéticos, a abordagem visual deve ser simplificada, com preferência para traços manuais que reflitam a essência do USk. Além disso, o design não pode conter elementos que sugiram fins comerciais ou publicitários, garantindo que a identidade do grupo esteja alinhada com a proposta original da rede USk.

Para que um grupo local seja oficialmente reconhecido pelo USkG, é necessário submeter tanto a proposta de criação do grupo quanto o logotipo para análise e aprovação. A identidade visual adotada deve estar em consonância com a missão institucional da organização, sintetizada no lema "mostrar o mundo, um desenho de cada vez".

Ao criar um grupo de *Urban*, cada localidade precisa de sua marca representativa que deve estar presente nas diversas mídias de divulgação do grupo e no carimbo que é usado para a identificação dos desenhos produzidos durante os encontros do USk. A escolha da logo do USkFSA ficou atribuída a mim. Deste modo, juntei a paixão antiga que tenho pela emblemática Caixa D'água do Tomba<sup>7</sup>, que admirava e desenhava a partir da janela da minha casa desde a infância. Rascunhei a logo e apresentei a proposta para os demais administradores que concordaram, assim surge a logo do USkFSA, que traz toda essa carga de memória afetiva e visual eternizada nas diversas fases da minha formação como artista. A seguir, temos a imagem 2, que representa a Caixa D'água do Tomba, e a imagem 3, que representa a logo USkFSA.

---

<sup>7</sup> O bairro Tomba é o mais populoso de Feira de Santana, abrigando mais de 50 mil habitantes. Ele serve como uma ligação entre os municípios de Feira de Santana e São Gonçalo dos Campos. Segundo relatos, o nome do bairro tem origem em um episódio peculiar: o trem que fazia a conexão entre o Sertão e o Recôncavo Baiano precisava reduzir a velocidade ao passar pela região e, em alguns casos, os passageiros tinham que descer para evitar que o trem tombasse. Assim, o local ficou conhecido como "O lugar que o trem tomba", posteriormente abreviado para "Tomba" (Nunes, 2013).

Uma das características mais marcantes do bairro é um grande reservatório de água da Embasa, cuja estrutura, que lembra um disco voador, se destaca na paisagem e pode ser vista de diversos pontos da cidade. Construído em 1984 como parte do Sistema Integrado de Abastecimento de Água de Feira de Santana, o reservatório tem capacidade para armazenar 3.900 m<sup>3</sup> de água, sendo, na época, o segundo maior do Brasil. Atualmente, ele encontra-se fora de operação, pois já não atende mais ao regime operacional adotado no sistema de abastecimento do município (Gonçalves, 2021).

**Imagem 2:** Caixa D'água do Tomba



**Fonte:** Paulo José/Acorda Cidade<sup>8</sup>.

**Imagem 3:** Logo do *Urban Sketchers* de Feira de Santana



**Fonte:** Instagram: @USkfsa<sup>9</sup>.

A criação do grupo do USK na minha cidade natal nasceu da minha paixão por retratar e registrar, por meio do desenho, cenas cotidianas que jamais se repetiriam em locais que representam a cultura e a história da cidade. Ao desenhar nesses espaços, percebi que esses

<sup>8</sup><https://www.acordacidade.com.br/feira-de-santana/conheca-a-historia-da-caixa-dagua-do-tomba-o-reservatorio-que-virou-cartao-postal-de-feira-de-santana-2/>

<sup>9</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

registros visuais criam uma conexão especial entre o artista, o local e com quem os observa, despertando memórias, muitas vezes, adormecidas. Foi exatamente essa sensação de resgate de memórias e valorização histórica da Caixa d'água do Tomba que tive durante o processo de criação da logo do grupo.

Essa minha percepção em enxergar os desenhos realizados nos encontros de USk como fonte de produção de conhecimento científico surgiu a partir do convite para realizar uma oficina na Universidade Estadual de Feira de Santana, onde, através das discussões a respeito da produção dos desenhos comecei a pensar uma pesquisa que fosse capaz de trazer os desenhos do USk numa perspectiva que remete mais que o registro visual, mas a memórias e formação identitária.

Desde a criação do USkFSA, foram realizados quinze encontros que ampliaram minha compreensão do desenho para além da técnica, proporcionando vivências artísticas e visuais únicas. Esses encontros também me permitiram aprofundar minha visão sobre as construções arquitetônicas e seu entorno, elementos que fazem parte da minha vida cotidiana desde a infância. Cada encontro atrai novos adeptos, fortalecendo a comunidade de desenhistas urbanos e reafirmando a importância do desenho *in loco* como forma de expressão, registro visual e preservação de memórias diante das transformações urbanas. O USkFSA, mais do que um coletivo de desenhadores urbanos, tornou-se um espaço que propicia a troca de experiência, o aprendizado e a conexão com a cidade e suas histórias.

Ao decidir desenvolver uma pesquisa sobre o desenho de observação em ambientes urbanos por meio do grupo USkFSA, passei a acompanhar com grande interesse o crescimento do movimento Urban Sketchers no Brasil, bem como as produções acadêmicas que analisam essa prática. Para isso, realizei buscas nas plataformas *Google Acadêmico* e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), identificando a relevância do Urban Sketchers como ferramenta de documentação e interpretação dos espaços urbanos, proporcionando uma leitura singular das cidades brasileiras.

Como critério de inclusão, selecionei trabalhos entre artigos, dissertações e teses que abordassem as palavras-chave *Urban Sketchers*, desenho, memória e cidade. A primeira busca na plataforma SciELO não apresentou resultados relevantes. Assim, optei por incluir a expressão "desenhos urbanos" como palavra-chave adicional, resultando em seis trabalhos, que, após uma análise preliminar, se mostraram pouco pertinentes para a pesquisa. A terceira busca foi realizada no Google Acadêmico com as palavras-chave originais, resultando em dez trabalhos encontrados, dos quais sete apresentaram afinidade com a pesquisa em desenvolvimento.

Dentre os estudos mais relevantes, destaco a dissertação de mestrado de Giovanna Carolina Silva, apresentada na Universidade Estadual de Goiás, intitulada "Janelas do Cerrado para o mundo: o movimento Urban Sketchers". O trabalho investiga a manifestação do movimento no Cerrado goiano, analisando desenhos, croquis e diários gráficos de artistas com diferentes perspectivas sobre o espaço urbano. O estudo evidencia o *Urban Sketchers* como uma atividade cultural contemporânea que permite uma representação subjetiva e autêntica do ambiente urbano.

Outro estudo relevante é a dissertação "O olhar sobre a cidade através do desenho e as dinâmicas coletivas dos Urban Sketchers (Natal/RN)", de Emanuel Aquila Bezerra de Souza. O autor investiga a prática do desenho urbano como um meio de compreender e representar a cidade, analisando a interação entre os membros do coletivo e o espaço urbano. O estudo destaca a relevância do *Urban Sketchers* na construção de memórias afetivas e no fortalecimento do senso de coletividade.

O artigo "Resgate, valorização, educação e documentação do patrimônio por meio de sketches", de Luana Miranda Esper Kallas, Juan Carlos Guillén-Salas e Eliel Américo Santana da Silva, ressalta o papel do *Urban Sketchers* na preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico. Os autores enfatizam que a prática contribui para o registro da história das cidades e para a conscientização sobre a importância do patrimônio cultural.

Dentre os pesquisadores identificados, Paulo Henrique Tôrres Valgas se destacou por sua ampla produção sobre o tema. Professor de História no Instituto Federal Catarinense (IFC), Valgas tem experiência em História da Arte, História da Cidade e suas sensibilidades, concentrando suas pesquisas no movimento *Urban Sketchers*. Foram encontrados cinco trabalhos de sua autoria, cujas análises compartilho a seguir.

No artigo "Urban Sketchers: o desenho e o olhar" (Valgas, 2019a), o autor explora o movimento USk como um fenômeno mundial que incentiva a prática do desenho urbano e sua disseminação por meio das redes sociais. Valgas destaca o desenho como uma ferramenta de educação do olhar, promovendo uma conexão mais profunda com os espaços urbanos representados.

Em "Urban Sketchers e a cidade: sociabilidades, materialidades e sensibilidades" (Valgas, 2019b), o pesquisador investiga a importância do movimento na vivência das cidades contemporâneas, enfatizando a coletividade e o compartilhamento online dos desenhos. O estudo sugere que o USk se configura como uma forma de resistência à brutalidade da vida urbana, proporcionando uma reflexão sensível sobre o ambiente habitado.

No texto "Urban Sketchers: memória e ressonância nos espaços da cidade" (Valgas, 2019c), o autor analisa como os *Urban Sketchers* documentam tanto os aspectos materiais quanto imateriais das cidades, contribuindo para o resgate de memórias individuais e coletivas. O estudo evidencia o USk como uma prática que fortalece a relação dos desenhistas com suas cidades e a história urbana.

O artigo "Urban Sketchers e o heroísmo moderno" (Valgas, 2019) estabelece um diálogo entre o USk e a concepção de "artista moderno" proposta por Baudelaire. Valgas sugere que os desenhistas urbanos atuam como cronistas visuais da vida cotidiana, registrando a dinâmica urbana por meio de diferentes abordagens artísticas.

Por fim, "O Urban Sketchers diante do espaço global" (Valgas, 2024) utiliza conceitos da História Global para compreender a conexão entre desenhistas urbanos ao redor do mundo. O estudo evidencia a comunidade USk como um espaço de troca cultural e compartilhamento visual entre cidades e artistas de diferentes contextos.

As produções de Paulo Henrique Tôrres Valgas apresentam uma abordagem ampla e aprofundada sobre o movimento Urban Sketchers, destacando suas dimensões artísticas, sociais e históricas. Seus estudos reforçam a importância do desenho urbano não apenas como uma expressão artística, mas também como um meio de interpretação e ressignificação das cidades. Através de suas análises, Valgas demonstra como a prática do USk possibilita uma leitura sensível dos espaços urbanos, promovendo um olhar mais atento e reflexivo sobre o cotidiano urbano.

Essas pesquisas ressaltam a importância do *Urban Sketchers* no Brasil, não apenas como um movimento artístico, mas também como um fenômeno social que estimula a observação, a documentação e a conexão entre indivíduos por meio do desenho. Além disso, evidenciam a escassez de produção acadêmica sobre o movimento USk no país, apesar de seu expressivo crescimento. Esse panorama reforça a necessidade de novos estudos que aprofundem a compreensão sobre o impacto do USk na percepção e na ressignificação dos espaços urbanos. Diante desse cenário, sinto-me ainda mais motivada a seguir investigando e participando dessa comunidade, que continua transformando a maneira como enxergamos e registramos nossas cidades.

O presente texto está estruturado da seguinte forma:

No Capítulo 1, apresento a introdução, na qual narro o percurso de construção da pesquisa, descrevendo o caminho metodológico adotado e destacando as principais investigações desenvolvidas no Brasil sobre o tema.

No Capítulo 2, trago uma reflexão sobre os aspectos culturais da cidade de Feira de Santana - Bahia, considerando as constantes transformações em sua paisagem, sejam elas decorrentes de intervenções humanas ou de fatores naturais. Discuto como essas mudanças afetam os espaços de representatividade artística e cultural, ressignificando os ao longo do tempo e transformando a maneira como são percebidos e vivenciados pela comunidade.

No Capítulo 3, abordo o desenho de observação como uma ferramenta para registrar locais de importância histórica e cultural em Feira de Santana - BA, analisando como essa prática, juntamente com a representação de seu entorno, pode despertar, construir e reconstruir memórias. Também apresento reflexões analíticas sobre o desenho *in loco*, conforme proposto pelo movimento *Urban Sketchers*, para isso, utilizo a psicogeografia e a deriva para explicar meu deslocamento pela cidade e a experiência sensorial envolvida no ato de observar e registrar os espaços urbanos.

Por fim, as considerações finais, onde trago uma dimensão ainda mais singular ao considerar minha perspectiva enquanto participante do grupo e, ao mesmo tempo, pesquisadora e objeto de estudo, promovendo uma análise subjetiva e imersiva da prática.

## **2 PATRIMÔNIO MATERIAL, CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE CIDADE, FORMAÇÃO IDENTITÁRIA**

### **2.1 A FORMAÇÃO DA CIDADE E SUAS NUANCES TEMPORAL**

As cidades carregam em suas paisagens urbanas marcas de episódios históricos, períodos artísticos e movimentos sociais que ao longo do tempo moldaram suas características atuais. Dessa maneira, uma cidade se distingue de outra por sua diversidade temporal, perceptíveis através dos diversos entes arquitetônicos, logo, não se pode enquadrá-la em um único período histórico, mas por uma sucessão de períodos coexistentes (Coelho, 2000). A presença de construções antigas em meio à modernidade urbana cria um diálogo entre diferentes épocas, muitas vezes de forma sufocante (Cardoso et al, 2017), mas encontra partida permite às gerações contemporâneas compreendam e valorizem as contribuições de seus antepassados mesmo que o ente cultural esteja emergindo em ambientes que subjugue sua plenitude.

A cidade pode ser vista tanto na leitura dos tecidos urbanos quanto na projeção de como estará no futuro. Conforme Coelho (2000) a forma urbana pode ser lida a partir de sua dimensão física considerando a composição do tecido urbano: edificações, estruturas urbanas e espaços não edificados. Todavia, as três dimensões físicas que define os tecidos urbanos requerem um exercício de abstração significativo por considerar a cidade somente como um ambiente edificado sem levar em consideração a dimensão tempo, contudo, o objeto físico só se elucida através de ações e acontecimentos encadeados no tempo. Dessa maneira, as cidades enredam redes narrativas, suas ruas contam histórias e fazem reaparecer memórias, num exercício que não é neutro, construindo um instrumento de afirmação política; em alguns casos anacrônicos, por encarnar mais o passado que o presente (Cardoso e et al, 2017, p. 87).

Assim, Coelho (2000) reitera que o tecido urbano não deve ser compreendido apenas por três dimensões, mas por quatro dimensões, sendo o tempo essa quarta dimensão (incluindo o seu movimento no espaço), pois uma cidade possui todos os tempos e não é possível enquadrá-la em uma única data, “mas pelo contrário nela coincidem todos os tempos e todos são contemporâneos na sua experimentação” (Coelho, 2000, p. 14). Uma cidade, nesse sentido, se caracteriza por sua diversidade temporal e espacial (Junior; Souza, 2020), logo, não se pode compreendê-la em um único período histórico, mas por uma sucessão de períodos coexistentes.

Portanto, a compreensão da forma urbana ultrapassa a conceituação histórica da sua estrutura física, pois estas só “abordam metade do tempo e da forma da cidade e a outra metade é a projeção futura que é feita também a partir do presente da cidade” (Coelho, 2000; Cardoso e et al, 2017). Portanto, a forma física da cidade contém informações que contemplam o passado e que poderá permanecer no futuro, podendo assim, reconhecer-se neste futuro, mesmo que ainda especulativo em suas ideias e projetos, pois esses podem ser realizados ou não (Coelho, 2000). É pertinente destacar que, este futuro projetado pode sofrer interferências de fenômenos da natureza, das ações humanas de forma deliberada e do próprio tempo.

Dessa maneira, Coelho (2000) categoriza o caráter evolutivo do tecido urbano em três processos: adição, sobreposição e sedimentação. A adição é caracterizada pelos períodos de expansão e desenvolvimento da cidade quando o núcleo existente já não consegue satisfazer em termos espaciais as funções urbanas. A sobreposição, por sua vez, ocorre quando existe uma vontade expressa de reestruturar um tecido existente lhe fornecendo uma nova interpretação ou leitura. Por outro lado, a sedimentação, é marcada pelo movimento de cada

parcela que constitui o tecido urbano de forma individual e dos movimentos dos espaços públicos que as circundam.

Partindo desses conceitos observa-se que,

Há uma tendência da evolução urbanística que procura melhorar o conforto de quem vive no espaço urbano, em simultâneo com reorganizações do espaço para ceder posição a novos lugares, que correspondem a demanda da ampliação de espaços de atividades empresariais, ou inclusão de novos, ao sabor do desenvolvimento, dos movimentos da economia e sociedade, na dinâmica capitalista, transformando as cidades a uma velocidade vertiginosa (Cardoso *et al.*, 2017, p. 85).

Essas transformações urbanísticas têm por finalidade, na sua maioria, o retorno econômico logo, não possuem um compromisso com a preservação de características peculiares concernentes aos locais explorados. Cardoso e et al nos apresenta que,

obras localizadas em bairros, grandes avenidas e ruas das cidades que rompem com a preservação de edificações históricas, bem como a construção de grandes empreendimentos que avançam pela zona rural e provocam a destruição de parcelas significantes do meio físico, histórico e arqueológico; provocando também a extinção de espécies da fauna, flora, nascentes e cursos d'água Cardoso *et al.* (2017 p. 96).

Outro impacto expressivo provocado pelo desenvolvimento urbano no patrimônio material é a gentrificação<sup>10</sup>. Esse fenômeno ocorre quando áreas históricas são revitalizadas para atrair novos residentes e investidores, gerando um aumento substancial nos custos de moradia, forçando comunidades tradicionais a se deslocarem para áreas periféricas (Bataller, 2012). Isso não apenas modifica o tecido urbano e social de uma cidade, mas também pode resultar na perda de tradições culturais e na descaracterização de locais históricos. Bataller (2012, p. 4) ratifica que a gentrificação está profundamente enraizada na dinâmica social e econômica das cidades e, em grande parte, está determinada pelo contexto local: os bairros, os agentes e atores urbanos, as funções dominantes da cidade e a política governamental local.

Evidenciando assim, o atendimento aos interesses de uma minoria e subjugando uma maioria que, por tradições históricas absorvem essas modificações sem uma reflexão crítica sobre as reais intenções e impactos, sejam estes positivos ou negativos, fruto da realização de tais transformações nos ambientes que fazem da sua vida cotidiana trazendo mudanças de valores culturais, sociais e históricos os quais poderiam ser decisivos para sua caracterização identitária.

---

<sup>10</sup> O fenômeno fundamentalmente urbano conhecido como gentrificação consiste em uma série de melhorias físicas ou materiais e mudanças imateriais – econômicas, sociais e culturais – que ocorrem em alguns centros urbanos antigos, os quais experimentam uma apreciável elevação de seu *status* (Bataller, 2012, p. 2).

Entretanto, nem todo processo de desenvolvimento urbano de uma cidade afeta de forma negativa. Em alguns casos, a restauração e a conservação de edifícios históricos podem ser incentivadas como parte de projetos de revitalização urbana. Esforços para preservar a identidade cultural de uma cidade podem ser integrados ao planejamento urbano, promovendo um equilíbrio entre o crescimento econômico e a conservação das características singulares àquela cidade.

## 2.2 PAISAGEM CULTURAL E SUAS FACETAS

A paisagem cultural é conceituada por diversas áreas do conhecimento como a arte, a geografia, a arquitetura, a biologia etc. Entretanto, iremos focar aqui no conceito de paisagem cultural ligada à arte. Mas, para isso, é necessário compreendermos o conceito de paisagem e cultura para, a partir deste, expandir-se para o conceito de paisagem cultural e como este está ligado a memórias visuais e afetivas.

De acordo com o dicionário Aurélio (1986, p. 1154) da Língua Portuguesa, o termo paisagem (Do fr. *paysage*) refere-se a: “1. Espaço de terreno que se abrange num lance de vista; 2. Pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem natural ou urbana.”

Segundo Milton Santos (1997, p. 67-8), é possível considerar acerca da paisagem: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores etc. [...] A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão”.

O teórico espanhol Javier Maderuelo (2005, p. 38) afirma que:

A paisagem não é [...] o que está aí, diante de nós, é um conceito inventado ou, melhor, uma construção cultural. A paisagem não é um mero lugar físico, e sim o conjunto de uma série de ideias, sensações e sentimentos que elaboramos a partir do lugar e seus elementos constituintes. A palavra paisagem [...] reclama também algo mais: reclama uma interpretação, a busca de um caráter e a presença de uma sensibilidade. [...] A ideia de paisagem não se encontra tanto no objeto que se contempla como na mirada de quem contempla. Não é o que está a sua frente e sim o que se vê.

Sendo assim, Santos (1997) e Maderuelo (2005) trazem a reflexão sobre como o conceito de paisagem ultrapassa a ideia do que este está atrelado simplesmente ao campo visual de um observador. Para conceituar paisagem, os autores apresentam uma perspectiva da construção coletiva dos diversos sentidos, em que se estabelecem relações entre o meio

onde o observador está imerso, levando em consideração aspectos de suas vivências para a conceituação. Assim, é um pressuposto para a produção ou percepção da paisagem, na qual a mediação de um observador é de extrema importância, visto que, sem ele, a paisagem não chega a existir.

Definido o que aqui se entende por paisagem, chegou o momento de refletirmos sobre o conceito de cultura a partir do sujeito que estabelece relações consigo e com o grupo em que está inserido; e ainda, como a perspectiva cultural relaciona-se com a percepção da paisagem, contribuindo assim para a criação e apreciação artística.

A respeito da conceituação de cultura, a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) no seu Art. 216 considera cultura as ações por meio das quais os povos expressam suas formas de criar, fazer e viver. Para Brandão (2009, p. 717), a cultura “[...] representa o processo e os produtos do trabalho dos seres humanos no complexo acontecer da transformação de uma natureza dada (como aos outros animais do planeta Terra) em um mundo intencionalmente criado. Assim, a cultura institui o reino do universal e possibilita ao homem construir um mundo histórico, ou seja, o mundo humano é construído como um mundo de significações e valores (Pinto, 2007).

Por conseguinte,

A cultura é e está, portanto, nos atos e nos fatos através dos quais nos apropriamos do mundo natural e o transformamos em um mundo humano, assim como nos gestos e nos feitos com que nós criamos a nós próprios ao passarmos de organismos biológicos a sujeitos sociais, ao criarmos socialmente nossos próprios mundos e ao dotá-los e a nós próprios – nossos diversos seres, nossas múltiplas vidas e nossos infinitos destinos – de algum sentido (Brandão, 2009, p. 718).

Nesse sentido, a cultura está alicerçada em sensações, saberes, sentidos, significados, sensibilidades e sociabilidades com que pessoas e grupos de pessoas constroem e compartilham ideias e pontos de vistas individuais e coletivos (Brandão, 2009). Dessa maneira, percebe-se que é por meio das relações estabelecidas que as pessoas constroem sua identidade cultural e, conseqüentemente, elaboram a conceituação de cultura.

Diante do conceito de paisagem e cultura, podemos compreender que o termo paisagem cultural está ligado a como o ser humano interage e modifica a natureza ao longo do tempo, fornecendo marcas peculiares que agregam valores sociais e culturais a determinados grupos (Nascimento; Scifoni, 2010). As autoras ainda afirmam que:

[...] a perspectiva da paisagem cultural implica em que se identifique as relações estabelecidas, nos vários momentos históricos, entre as comunidades locais e a natureza, considerada matéria-prima para a apropriação social. Estas relações entre

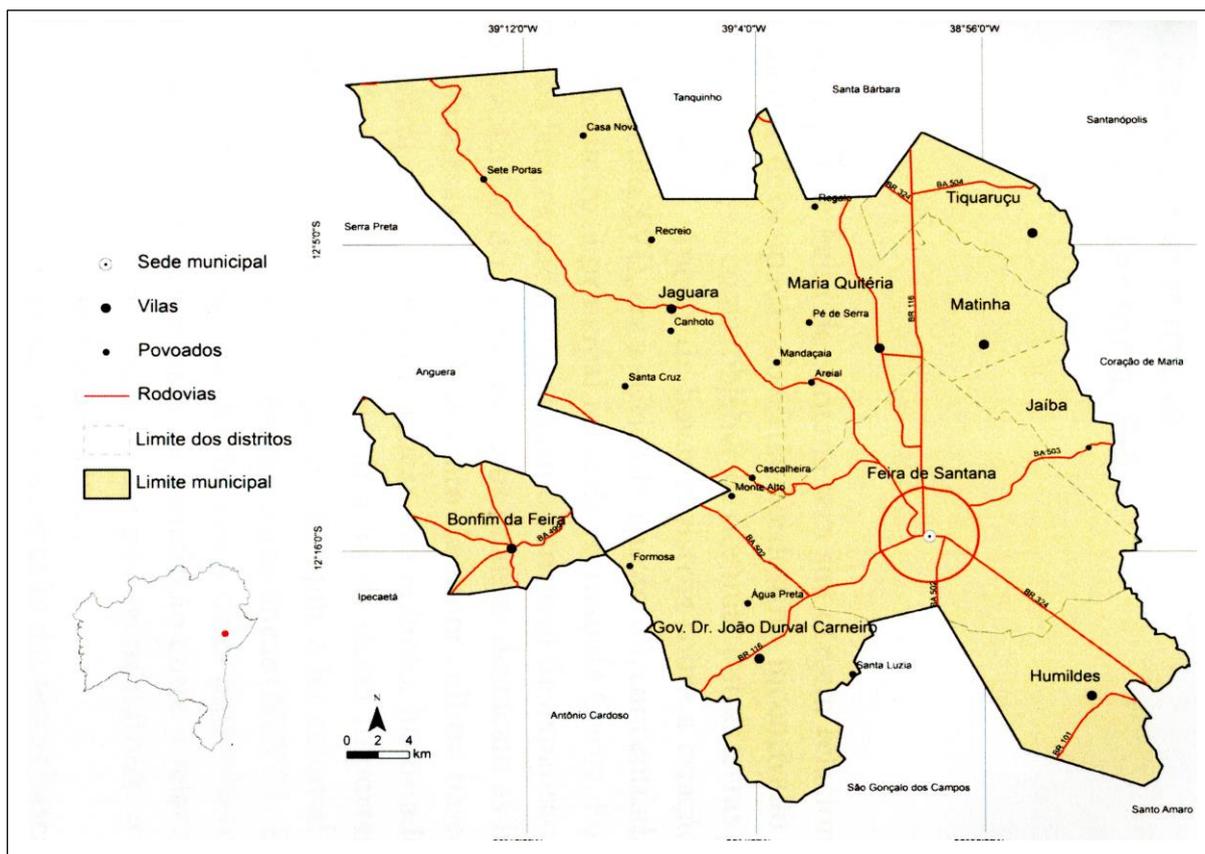
comunidade-natureza explicam como se deu a produção dos objetos materiais (cidades, edificações, campos de cultivo) e da vida imaterial (festividades, lendas, tradições, crenças, elementos simbólicos, memória coletiva) (Nascimento; Scifoni, 2010, p. 32).

A relação entre o ambiente natural e o meio cultural é um pressuposto para a produção ou percepção da paisagem cultural, na qual a mediação de um observador é de extrema importância, visto que, sem ele, a paisagem cultural não se constitui. Portanto, a paisagem cultural é produto da ação humana no meio natural. Assim, ela não se constitui apenas de um lugar concreto, e sim de um conglomerado de ideias, sensações e sentimentos produzidos a partir do lugar onde as pessoas estão inseridas, que cada pessoa percebe e se relaciona de forma única.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO MATERIAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CIDADE FEIRA DE SANTANA - BAHIA

Feira de Santana, localizada no interior da Bahia, é uma cidade que se caracteriza pelo seu contexto histórico, social e cultural forjado pela prática comercial (Junior; Souza, 2020; Silva, 2008). De acordo com Silva (2008), Dias e Lobão (2016) e Dórea (2018), a história do município de Feira de Santana tem sua origem no final do século XVIII, com o crescimento da pecuária através do deslocamento do gado entre o litoral ao sertão baiano e pelas feiras livres. “Mas foi só a partir do segundo quartel do século XIX que a cidade começou a ganhar alguma projeção” (Silva, 2008, p.105). O mesmo autor destaca que, por gozar de uma posição geográfica privilegiada e comércio ativo Feira de Santana alcançou nas primeiras décadas do século XX o posto de terceira maior cidade do interior baiano no tocante, ao desenvolvimento econômico. Dessa maneira, seu patrimônio material reflete o contexto evolutivo deste tipo de prática. A seguir temos a imagem 4, referente ao mapa do Município de Feira de Santana – Ba.

**Imagem 4** – Mapa do Município de Feira de Santana – BA



Fonte: Dias; Lobão (2016, p. 15).

Com a construção das rodovias, BR-116 e BR-324, em meados do século XX, Feira de Santana firmou-se como um importante rota de interligação não só de cidades baianas, mas de regiões do país, como sudeste, norte e nordeste, ratificando sua função de abastecimento e comunicação entre cidades do estado da Bahia e do Brasil e, por conseguinte, favorecendo uma produção econômica correlacionada ao comércio o que serviu para o poder público municipal justificar as intervenções urbanas como forma necessária de garantir um progresso em um curto período de tempo (Azevedo, 2015). Entretanto, para implantação desse modelo progressista foi necessário realizar modificações substanciais no aspecto urbanístico da cidade o que ocasionou marcas significativas no patrimônio material de Feira de Santana.

Uma das principais marcas do desenvolvimento urbano em Feira de Santana é a deterioração de edifícios históricos. Junior e Souza (2020, p. 117) salientam que,

[...] as elites políticas feirenses não economizaram esforços no sentido de forjar um modelo de cidade para Feira de Santana que traduzisse a sofisticação do moderno, a funcionalidade do civilizado, tudo isso associado à eficácia do centro urbano economicamente desenvolvido que de modo tão competente além de fazer surgir uma nova urbe, apagava tudo o que remetesse ao seu passado agropastoril.

Assim, à medida que a cidade crescia e se expandia, muitos edifícios antigos, que eram testemunhos de diferentes épocas e estilos arquitetônicos, foram demolidos — a exemplo da antiga capela do Senhor dos Passos e alguns sobrados que existiam no centro da cidade (Dórea, 2018, p.85) — para dar lugar a novos empreendimentos comerciais e residenciais. Dórea (2018) destaca que, Feira Santana identificou-se com o urbanismo higienizador que o Brasil experimentava mediante a euforia moderna a qual trazia a proposta de construção e reconstrução do espaço urbano.

Assim o arquiteto Juraci Dórea (2018) destaca as obras públicas e privada que marcaram a renovação da paisagem local. Das obras públicas, temos a imagem 5, do Prédio do Mercado Municipal (1914 /1915); a imagem 6, do coreto da praça Bernardino Bahia; a imagem 7, do coreto da praça da Matriz (1916); a imagem 8, do coreto da praça Fróes da Motta (1919); a imagem 9, do prédio do Grupo Escolar J. J. Seabra (1916); a imagem 10, do prédio do Arquivo Público Municipal (1917); a imagem 11, do prédio da Escola Maria Quitéria (1918); a imagem 12, do Paço Municipal (1922/1926); a imagem 13, da Igreja Senhor dos Passos (iniciada em 1921); e a imagem 14, do prédio da cadeia pública, atual Câmara Municipal (1929).

### **Imagem 5 – Prédio do Mercado Municipal**



**Fonte:** Memorial da Feira<sup>11</sup>.

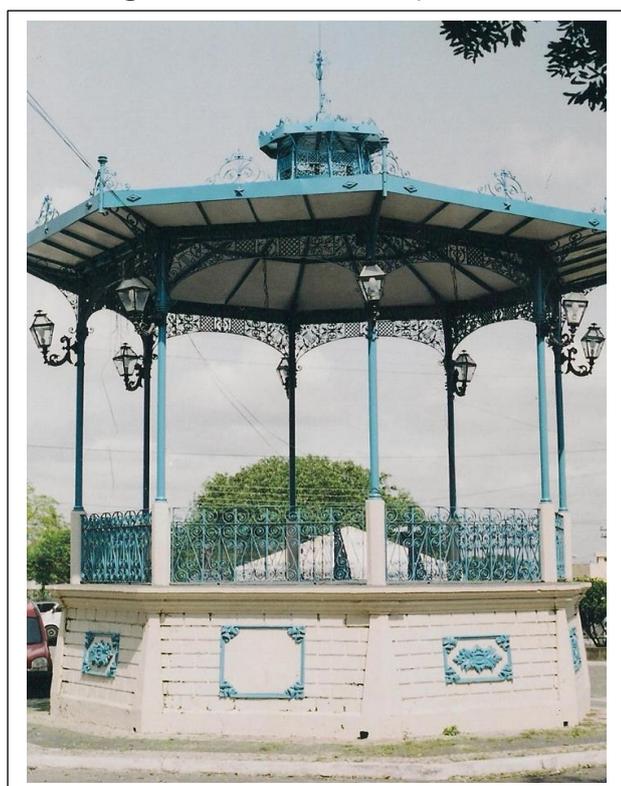
<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

**Imagem 6 – Coretos da Praça Bernadino Bahia**



**Fonte:** Memorial da Feira<sup>12</sup>

**Imagem 7 – Coreto da Praça da Matriz**



**Fonte:** Memorial da Feira<sup>13</sup>

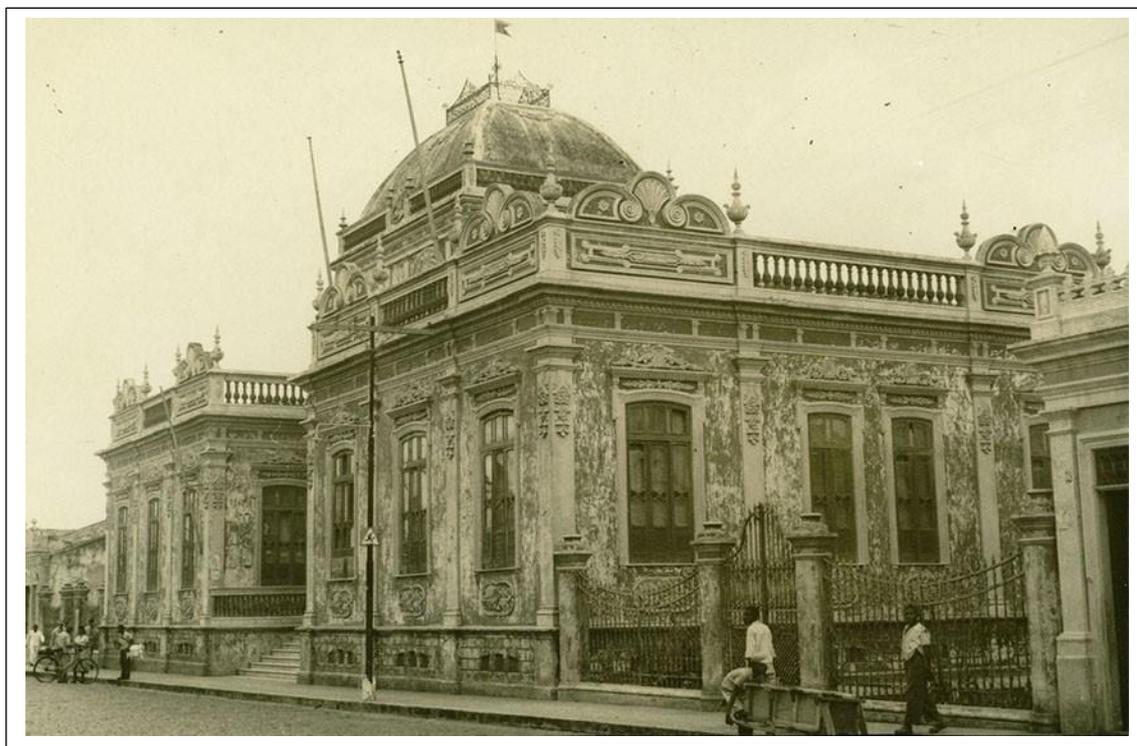
<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em 26 jul. 2024.

**Imagem 8 – Coreto da Praça Fróes da Motta**



Fonte: Memorial da Feira<sup>14</sup>

**Imagem 9 – Prédio do Grupo Escolar J. J. Seabra**



Fonte: Memorial da Feira<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Acesso em 26 jul. 2024. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>

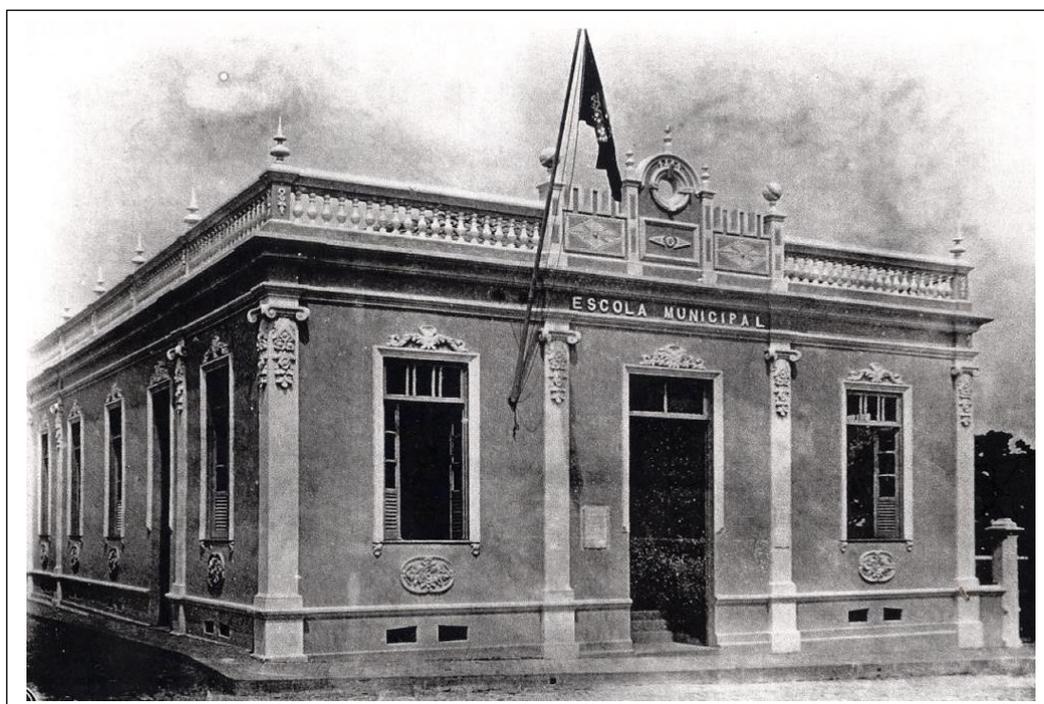
<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

**Imagem 10 – Prédio do Arquivo Público Municipal**



Fonte: Portal Acorda Cidade<sup>16</sup>.

**Imagem 11 - Prédio da Escola Maria Quitéria**



Fonte: Memorial da Feira<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

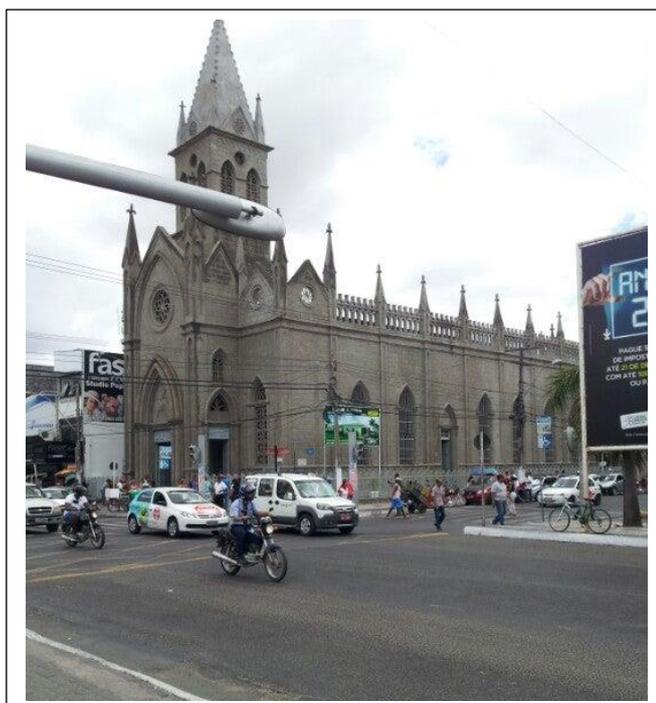
<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/feira-de-santana/arquivo-publico-municipal-abriga-documentos-historicos-de-feira-de-santana/>. Acesso: 24 jul. 2024.

**Imagem 12 – Paço Municipal**



**Fonte:** Memorial da Feira<sup>18</sup>.

**Imagem 13 – Igreja Senhor dos Passos**



**Fonte:** Memorial da Feira<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

**Imagem 14 – Prédio da cadeia Pública**

Fonte: Memorial da Feira<sup>20</sup>

No que se refere às edificações particulares, Dórea (2018), destaca as suntuosas residências, mas salienta que a maioria foi demolida. Assim temos, casa de Epifânio José de Souza (1918) na imagem 15; casa de Francisco Pinto, na imagem 16; casa de João Evangelista, na imagem 17; casa da Torre (1922) na imagem 18; casa de Artur Fróes da Motta (1923) na imagem 19; prédio Hotel Solar Santana, na imagem 20; casarão Fróes da Motta (1923/1924) na imagem 21; casa de João Marinho Falcão, na imagem 22; e casa de Fernando Ramos (1929), prédio do Colégio Intelecto, na imagem 23.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

**Imagem 15 – Casa de Epifânio José de Souza**



**Fonte:** Memorial da Feira<sup>21</sup>

**Imagem 16 - Casa de Francisco Pinto**



**Fonte:** Memorial da Feira<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

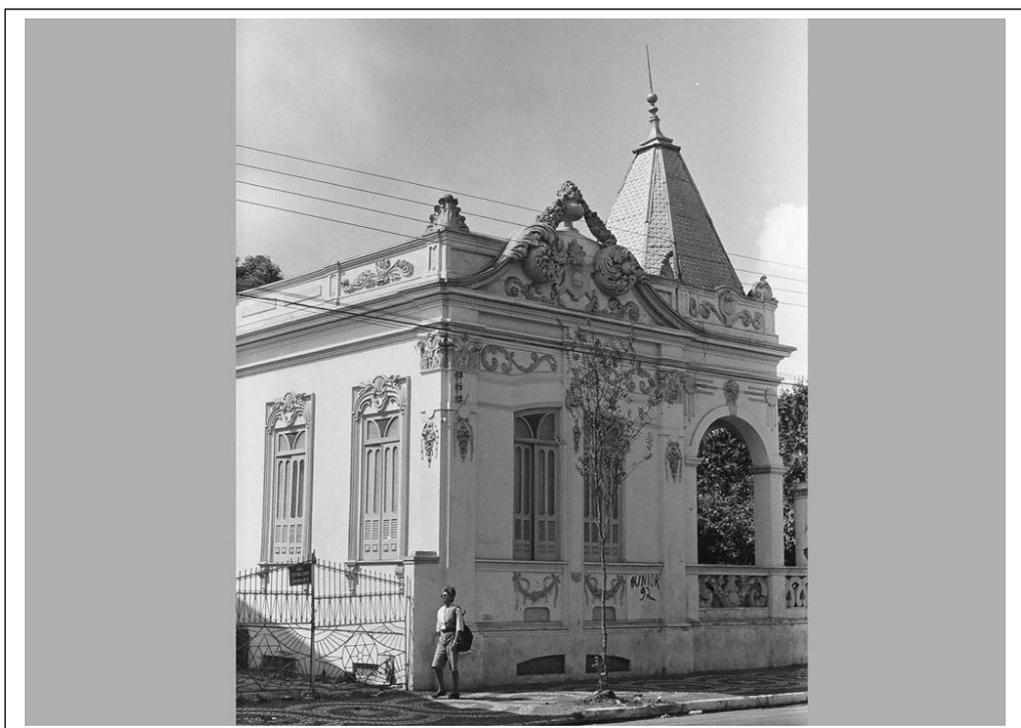
<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

**Imagem 17 - Casa de João Evangelista**



Fonte: Memorial da Feira<sup>23</sup>

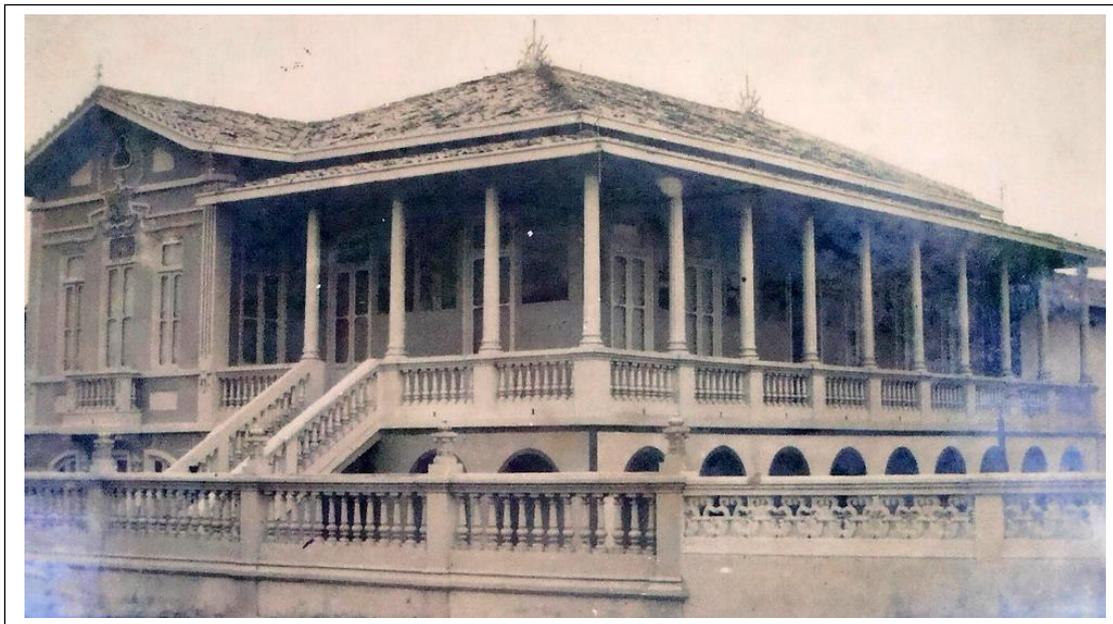
**Imagem 18 - Casa da Torre**



Fonte: Memorial da Feira<sup>24</sup>

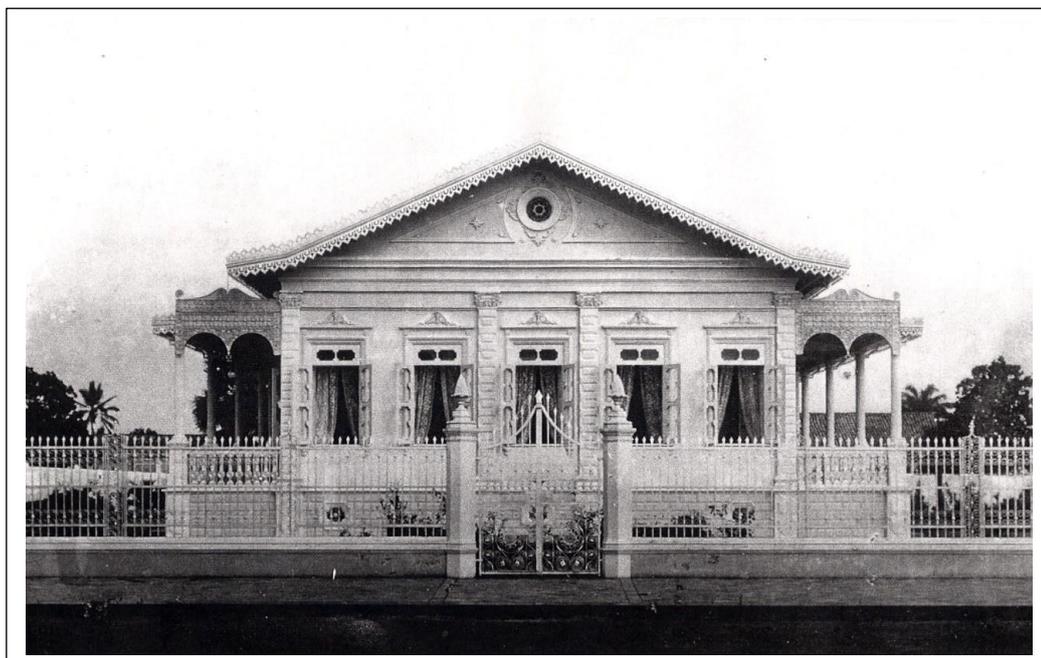
<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

**Imagem 19 - Casa de Artur Fróes da Motta**



Fonte: Memorial da Feira<sup>25</sup>

**Imagem 20 - Prédio Hotel Solar Santana**



Fonte: Memorial da Feira<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

**Imagem 21 - Casarão Fróes da Motta**



Fonte: Memorial da Feira<sup>27</sup>

**Imagem 22 - Casa de João Marinho Falcão**



Fonte: Memorial da Feira<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

**Imagem 23 - Casa de Fernando Ramos**

Fonte: Memorial da Feira<sup>29</sup>

**Imagem 24 - Prédio do Colégio Intelecto**

Fonte: Memorial da Feira<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=9#tag>. Acesso em: 26 jul. 2024.

Esse fenômeno, por sua vez, resultou na descaracterização de áreas antes preservadas e na perda de parte da identidade visual da cidade.

Além disso, a urbanização acelerada tem exercido pressão sobre áreas rurais que margeiam a cidade (Dias; Lobão, 2016) o que compromete a preservação de importantes ecossistemas e, a manutenção da biodiversidade e de mananciais, pois estes, estão sendo convertidos em loteamentos e infraestruturas urbanas, o que resulta na degradação ambiental, assim, esses espaços passam ser ocupados por pessoas que optam por manter uma relação trabalhista com o centro urbano. Deste modo, “o feirense passou edificar suas residências nas áreas novas, onde os terrenos eram mais amplos e baratos, e abandonou o sítio original da cidade, que, progressivamente, foi ocupado pelo comércio” (Dórea, 2018, p.95). Ademais, esse crescimento urbano passa a “revelar um novo comportamento e dinamismo nas zonas rurais de Feira de Santana, pois representam áreas de refúgios e integração entre hábitos urbanos e contextos rurais” (Dias; Lobão, 2016, p.89).

Assim, pode-se inferir que o desenvolvimento urbano em Feira de Santana, tem desempenhado um papel transformador na identidade dos seus habitantes. Primeiramente, o impacto mais evidente é na paisagem urbana. À medida que novos edifícios e infraestruturas urbanísticas são construídos, muitas vezes em detrimento de edificações históricas, a cidade assume uma nova estética que contrasta com suas raízes mais antigas. Tendo como um possível resultado um sentimento de desconexão, sobretudo, para aqueles que valorizam a história presentes nos diversos bens materiais.

Dórea (2018), nos traz que ausência de uma política de preservação patrimonial juntamente com a valorização do solo urbano e a ganância de empresários cujo único objetivo era expandir seus negócios, pois com essa atitude demonstraram não possuir nenhum vínculo afetivo com a cidade, pois contribuíram para o desaparecimento de expressivos exemplares da arquitetura eclética<sup>31</sup> em Feira de Santana. Dessa maneira, o problema persiste e os poucos exemplares remanescentes desse período e outros históricos ameaçados, caso a população não venha a desenvolver o vínculo de pertencimento perante os seus bens de representatividade artístico e cultural, teremos essas memórias passadas somente em registros fotográfico, desenhos e mídias de armazenamentos visuais.

---

<sup>31</sup> A palavra ecletismo vem do francês *éclectisme* e está associada à ideia de escolha de elementos de diferentes fontes (doutrinas, etilos, etc.) para formar um novo sistema. O novo sistema reúne tais elementos e cria um contexto que obviamente evoca, mas distinto de sua matriz original. [...] Costuma-se dizer, entretanto, que a orientação conciliadora que está na genealogia do movimento eclético não se limita apenas aos aspectos estéticos. Ela tem sentido mais amplo, engloba os valores políticos, sociais e filosóficos de sua época e molda um imaginário que se evidencia pela tolerância e pela diversidade (Dórea, 2018).

Outro aspecto atrelado ao crescimento urbano é a redefinição dos espaços públicos e comunitários. Áreas antes utilizadas para práticas culturais e comunitárias podem ser transformadas em zonas comerciais ou residenciais, alterando as interações sociais e a dinâmica comunitária dos feirenses. Isso pode levar a uma perda de senso de pertencimento e de conexão com o ambiente urbano que moldou suas experiências e memórias.

A gentrificação também desempenha um papel significativo na modificação da identidade do feirense. À medida que áreas históricas são renovadas e se tornam mais atraentes para investidores e novos residentes, os custos de vida podem aumentar, forçando muitos feirenses a se deslocarem para áreas periféricas (Dórea, 2018; Junior e Souza, 2020). Isso não só altera o tecido social e urbano da cidade, mas também cria divisões socioeconômicas entre aqueles que podem ou não se adaptar às mudanças.

Em síntese, os impactos do desenvolvimento urbano em Feira de Santana estão moldando não apenas sua paisagem física, mas também a identidade e as experiências dos seus habitantes, pelo fato das iniciativas de valorização da memória urbana nem sempre estarem presentes em projetos como medidas essenciais e, tão pouco, estarem ligadas ao conceito amplo de patrimônio e sua relação com a reafirmação da identidade e cidadania coletiva (Junior; Souza 2020).

Assim, a busca por um equilíbrio entre a modernização necessária e a preservação da cultura e história local, mostra-se crucial para garantir que o desenvolvimento urbano contribua positivamente para manutenção da identidade coletiva dos feirenses a longo prazo. Dessa maneira, o equilíbrio entre crescimento econômico e preservação do patrimônio histórico e cultural é crucial para garantir que a cidade mantenha sua identidade histórico e cultural única enquanto continua a se desenvolver como um centro econômico e comercial importante para nosso estado e nosso país.

## 2.4 PSICOGEOGRAFIA E DERIVA: PERCURSOS SENSÍVEIS NA CIDADE

O ato de percorrer a cidade em busca de referências visuais e emocionais para o desenho urbano é uma prática que ultrapassa a simples documentação do espaço. Trata-se de um processo que envolve sensibilidade, percepção e uma profunda conexão com o ambiente. No contexto do USkFSA, essa experiência pode ser compreendida a partir das teorias da psicogeografia e da deriva, conceitos fundamentais do pensamento situacionista.

Assim, vamos explorar aqui como essas abordagens influenciam a prática do desenho de observação e como se conectam à experiência subjetiva de registrar a cidade, construindo um olhar crítico e afetivo sobre o espaço urbano. A psicogeografia surgiu na década de 1950, no contexto do movimento Internacional Situacionista, como uma crítica ao urbanismo funcionalista. Essa abordagem estuda os efeitos do ambiente geográfico nas emoções e no comportamento humano (Monte, 2015).

Essa perspectiva desafia a ideia de que a cidade é apenas um espaço físico a ser percorrido de forma objetiva. Pelo contrário, a psicogeografia propõe que o ambiente urbano contém zonas de atração e repulsão, elementos invisíveis que influenciam as escolhas e sensações dos transeuntes (Bomfim, 2020). O espaço urbano, nesse sentido, é entendido não apenas como um conjunto de edificações e ruas, mas como um território vivo, carregado de memórias, simbologias e fluxos humanos.

Dentro da prática do USk, essa noção se manifesta na escolha dos locais de desenho, no tempo dedicado à observação e na relação subjetiva com cada cena registrada. O ato de desenhar *in loco* não é neutro: ele é carregado de impressões e narrativas pessoais que transformam o simples registro em uma experiência psicogeográfica através da deriva. Logo, a deriva não é um passeio casual, mas uma prática de imersão no espaço urbano, onde as escolhas do percurso são influenciadas pelas emoções e atmosferas dos lugares visitados. A ideia central da deriva é que o espaço urbano possui uma lógica própria de fluxo e de experiências, que pode ser percebida e explorada de maneira subjetiva (Jacques, 2012).

No contexto do USkFSA, a deriva não acontece de forma literal, como propunham os situacionistas — perder-se intencionalmente no espaço urbano, rompendo com os trajetos previamente estabelecidos —, ela acontece de forma subjetiva nos encontros do grupo. Ao escolher um ponto de partida<sup>32</sup>, os participantes se deixam guiar pela curiosidade, explorando ângulos inesperados, jogos de luz e sombra e interações sociais que surgem ao longo do trajeto. Esse processo não apenas enriquece o repertório visual, mas também cria uma cartografia afetiva, onde cada esboço é um fragmento da vivência do espaço urbano.

A relação entre psicogeografia e prática artística pode ser observada em diversas dimensões do trabalho do USkFSA. O desenho, além de registrar um espaço, é também um meio de o interpretar e ressignificá-lo. Ao se inspirar nos conceitos da deriva, os participantes

---

<sup>32</sup> A escolha dos locais para os encontros do USKFA ocorre de maneira espontânea, sendo frequentemente sugerida pelos organizadores, mas fundamenta-se, sobretudo, na escuta sensível das demandas e sugestões dos participantes, manifestadas em diálogos informais ao término de cada atividade.

do grupo experimentam a cidade de maneira sensorial, percebendo como diferentes locais evocam memórias e estados emocionais distintos. O desenho se torna, assim, um meio de materializar essas sensações, criando um diálogo entre espaço, percepção e subjetividade.

Além disso, a prática do desenho urbano sob essa ótica permite compreender como a cidade se revela por meio dos detalhes. Elementos como fachadas desgastadas, grafites ocultos, sombras projetadas e pequenos gestos cotidianos ganham destaque no papel, transformando-se em símbolos de um espaço vivo e mutável (Gonçalves, 2019).

Em Feira de Santana, essa abordagem também permite explorar questões relacionadas à memória e transformações urbana ocorridas em prol da expansão comercial. A cidade, frequentemente percebida apenas como um espaço de passagem, pode ser resgatada por meio do desenho como um território de narrativas visuais e conexões afetivas.

A experiência urbana tem por base o direito à cidade, que deve ser tomado como ação, permitindo o contato com a alteridade e a construção de uma nova relação com o espaço urbano (Lefebvre, 2011). Esse pensamento se conecta diretamente ao trabalho do USk, pois cada desenho se torna um testemunho visual de como os espaços urbanos são vivenciados, sentidos e reinterpretados pelos artistas.

A psicogeografia e a deriva oferecem uma nova lente para compreender a experiência urbana e suas relações com o desenho de observação. No contexto do USkFSA, essas abordagens enriquecem a prática artística, permitindo que os participantes não apenas documentem, mas vivenciem e ressignifiquem a cidade.

Ao desenhar a cidade sob essa ótica, os Urban Sketchers se tornam exploradores do espaço urbano, traduzindo em traços e cores as sensações e histórias que encontram em cada esquina. Dessa forma, o desenho ultrapassa sua função técnica e se transforma em um instrumento de investigação e conexão com o ambiente, evidenciando que a cidade é, acima de tudo, um espaço de afetos, encontros e descobertas.

### 3 O DESENHO DE OBSERVAÇÃO, URBAN SKETCHERS E A MEMÓRIA

#### 3.1 DESENHO, OBSERVAÇÃO E MEMÓRIA

A palavra desenho tem origem no termo desígnio, que significa intenção. O desenho, portanto, refere-se ao processo de transformar uma ideia abstrata, ou intenção em uma imagem concreta, utilizando qualquer meio ou técnica (Halawell, 2017, p.13). Assim, “[...] o desenho é uma expressão humana essencial para representação das coisas concretas e abstratas do mundo em que vivemos” (Oliveira, 2013, p.23). Dessa maneira, o desenho ostenta uma estrutura representativa elaborada mentalmente e vivenciada nos contextos socioculturais materializada nos suportes físicos possibilitando-nos perceber e compreender a nossa realidade (Trinchão; Costa; Queiroz, 2021).

Mais do que uma habilidade manual, “[...] o desenho é pensamento e começa com a observação” (Peixoto, 2013, p.8). Ao observar cuidadosamente um objeto, uma paisagem vasta ou um detalhe complexo, o artista mergulha em um estado de consciência profunda. Cada linha, cada sombra, cada contorno, é um convite para explorar a interação entre luz e forma, entre espaço e matéria. O desenho, nesse sentido, configura-se não apenas como meio de representação, mas como instrumento de interpretação pessoal e expressão artística (Hallawell, 2017). Portanto, um desenho nunca é simplesmente a cópia da realidade, mas antes de tudo, “[...] é um olhar do desenhista sobre um objeto ou sobre os elementos da realidade” (Peixoto, 2013, p.15).

Logo, percebe que ato de observar é algo intrínseco ao ato de desenhar, que demanda não só aspectos técnicos, mas um conhecimento abstrato que perpassa pelas vivências de quem desenha. Portanto, o desenho reflete a interpretação de uma realidade visual, emocional, intelectual etc., através da representação gráfica (Hallawell, 2017). Assim, Simone Peixoto afirma que quando nos dispomos a desenhar necessitamos ter em mente que, “[...] a primeira ferramenta que precisamos aprender a usar é o olhar, isto é, precisamos ter paciência para observar o detalhe e compreender o todo” (Peixoto, 2013, p. 8).

Dessa maneira, o desenho de observação assume um papel que transcende ato de reproduzir o que os olhos veem. O ato de desenhar, nesse sentido, configura-se como um fenômeno contemplativo ativo, em que cada linha traçada é uma conversa silenciosa entre o artista o objeto e/ou paisagem que lhe rouba a atenção. Na essência desse processo está a

captura não apenas da forma física, mas também da essência e da energia que emanam do que é observado.

À luz de um mundo repleto de altas tecnologias, onde tudo pode ser registrado, armazenado e reproduzido, parece pequeno o valor de uma gravura, um rabisco ou um esboço feito a lápis. Todo esse material, aparentemente irrelevante, circunscreve um conteúdo muito além das ou das letras. Em cada folha de papel ou tela estão inscritos os traços de uma cultura, os costumes, as tradições a arquitetura, os valores a identidade de um povo (Martins *et al.*, 2005, p. 9).

Nesse sentido, “[...] o desenho de observação é sobretudo um meio para que se possa compreender os fundamentos do desenho (que não regras), sobre a percepção visual e sobre o espaço no qual se desenvolve a obra de arte” (Hallawell, 2017, p.19). Conforme Peixoto (2013, p.16), “[...] assim como o texto ou como o verbo permite expressarmos nossas ideias por meio de palavras, o desenho possibilita que nos expressemos por meio de imagens”.

Além de técnica, o desenho de observação evoca uma conexão emocional com o a paisagem retratada, proporcionando ao artista captar não apenas o aspecto físico material, mas também o sentimento que ela emana. Portanto, cada linha traçada é uma expressão de interpretação pessoal, uma tentativa de compartilhar com o espectador (leitor) não apenas o que é visto, mas também o que é sentido e vivido. Azevedo (2015, p. 42) afirma que, “[...] o desenho atua não apenas como representação do espaço, mas, principalmente como fonte de informação e conhecimento, como indicativo de um tempo e de um espaço específico e, dessa forma, atua como importante registro histórico”.

Logo, o desenho de observação está intrinsecamente ligado a memória, quando associado a cenas cotidianas, por promover um “jogo” de percepção e reconstrução do percurso histórico e cultural através do aspecto visual. Dessa maneira, pode-se destacar que, enquanto o desenho de observação exige um olhar aguçado e meticuloso sobre singularidades visíveis e materiais, a memória o complementa por intermédios de experiência na medida que fornece um arquivo interno de referências e significados pessoais e/ou coletivos (Hallawell, 2017; Silva 2020).

Nesse contexto, observa-se que a memória não se limita a um mero armazenamento de informações visuais a favor da produção do desenho. Ela atua como um filtro interpretativo, realçando a percepção do artista tendo por base experiências passadas, emoções e associações pessoais que lhe auxiliam na escolha de técnicas e caminhos representativos do que é visto para criar uma narrativa coesa para si e para quem apreciar o seu desenho (Silva, 2020).

Assim, o ato de desenhar se torna um diálogo contínuo entre a realidade observada e a narrativa interna do artista, onde cada traço é uma fusão única de percepção e recordação.

A memória também desempenha um papel crucial no desenvolvimento técnico, pois, à medida que o artista desenvolve seu olhar e suas técnicas, a memória muscular e visual se aprimora, lhe proporcionando uma representação mais fluida e intuitiva da paisagem que está vivenciando (Hallawell, 2017; Valgas, 2019). Essa habilidade de lembrar e reconstruir formas, proporções e gestos com precisão é fundamental para a evolução artística e a expressão individual (Peixoto, 2013; Hallawell, 2017; Souza, 2021).

Por outro lado, o desenho de observação desafia e enriquece a memória, exigindo que o artista esteja constantemente presente e engajado no ato de ver, mas não ver no sentido literal da palavra (Valgas, 2019). Cada nova sessão de desenho oferece uma oportunidade única para refinar a percepção e expandir os limites da representação visual, por revelar nuances anteriormente despercebidas (Peixoto, 2013), transformando o ato de desenhar em uma jornada de descoberta contínua e, por conseguinte, conseguir aprimorar sua narrativa histórico e cultural por meio do desenho.

Deste modo, percebe-se que o desenho de observação e a memória visual se complementam de maneira íntima. Enquanto a observação aprimora a capacidade de perceber e registrar com precisão, a memória visual amplia as possibilidades criativas, permitindo ao artista ir além da replicação lhe possibilitando explorar novos caminho interpretativos a fim de ampliar suas narrativas visuais. Juntos, esses elementos formam a base de uma prática artística enriquecedora e evolutiva, onde cada obra se torna uma expressão única da interação entre a realidade observada e a visão pessoal do artista, transformam ato de desenhar em uma jornada rica e contínua de descoberta pessoal e de expressão artística.

### 3.2 URBAN *SKETCHERS*: DESENHANDO PAISAGENS, RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS

O movimento *Urban Sketchers* tem ganhado ênfase em todo o mundo pela sua maneira singular de capturar a essência das cidades através de desenhos feitos *in loco*. Este movimento, além de promover uma forma de expressão artística, desempenha um papel peculiar no que concerne à preservação dos locais de representatividade histórico e cultural, bem como a memória coletiva, através do registro de cenas da vida cotidiana, da arquitetura e da paisagem local.

Todavia, o desenho *in loco*, não é uma prática que tem sua origem no movimento *Urban Sketchers*. Gombrich (2015, p. 518) nos traz que,

Foi Monet quem insistiu com seus amigos para que abandonassem completamente o ateliê e nunca mais voltassem a dar uma pincelada, exceto diante “do motivo”. Ele era dono de um pequeno bote equipado com um estúdio para lhe permitir a exploração dos cambiantes do cenário fluvial. Manet, que foi visitá-lo, convenceu-se da validade do método do seu colega mais jovem e prestou-lhe homenagem pintando o retrato dele enquanto trabalhava nesse estúdio ao ar livre.

A Imagem 25, a seguir, é a pintura *in loco* de Edouard Manet:

**Imagem 25 - Lago**



**Fonte:** Gombrich (2015, p. 518.)

Dessa maneira, é importante ressaltar que o desenho é o modo mais antigo de expressão gráfica humana. Desde os primórdios da civilização, a capacidade de representar visualmente o mundo ao nosso redor tem sido fundamental para a comunicação, registro histórico, e preservação cultural. O desenho nesse sentido, é usado para representar coisas

concretas e abstratas por meio de um exercício sistêmico, expandindo a consciência crítica e os conhecimentos.

Conforme Gomes (1996), no ato do desenho, são feitas seleções que não são aleatórias, mas sim intencionais. Partindo dessa premissa, os participantes do USk escolhem os locais e materiais utilizados para melhor representarem a sua cultura por meio do desenho. As técnicas de desenhos utilizadas pelos artistas são de livre escolha (aquarela, nanquim e grafite são alguns exemplos), valorizando assim o estilo de cada um.

Os encontros de *Urban Sketchers* podem ser realizados tanto em locais abertos quanto fechados. Ao desenhar em público, os artistas atraem a curiosidade de quem os vê nos momentos de atividades (Souza, 2021), promovendo conversas sobre a importância do patrimônio local, fomentando, dessa maneira, o engajamento da comunidade com seu ambiente urbano, por proporcionar a estes um olhar diferenciado para aspectos peculiares da vida cotidiana. Assim, o ato de desenhar em locais públicos não só documenta a cidade, mas também encoraja os cidadãos a apreciarem-na e valorizar seu patrimônio cultural.

O movimento USk desempenha uma função que ultrapassa a fronteira artística. Pois seus membros constroem narrativas visuais através dos desenhos, que capturam a essência das paisagens urbanas com suas linhas e cores (Silva, 2020) e (Souza, 2021). Munidos de cadernos, lápis e aquarelas, esses talentosos observadores transformam esquinas movimentadas, praças tranquilas e edifícios imponentes em obras de arte carregadas de significado artístico, histórico e cultural.

Cada traço emana de um construto de memórias individuais e coletivas que habitam ao mesmo tempo o artista e o espaços retratado. Dessa maneira, a rua onde brincávamos quando crianças, a cafeteria onde tantas histórias foram contadas, desenhada com tal riqueza de detalhes de suas nuances, que podemos quase sentir o aroma do café e ouvir o burburinho das conversas; são exemplo, de registro capitados por esses artistas, que se eternizam em papel, nos permitindo apreciar e reviver momentos tais instantes de alegria e nostalgia.

Dito isso, os participantes do movimento USk podem ser considerados construtores de memória urbana que fornecem identidade a sociedade (Kallas; Guillen-Salas; Silva, 2020), por documentarem não apenas estruturas físicas, mas os sentimentos e experiências que permeiam lugares retratados. Por captarem o íntimo das cidades, revelando detalhes que passam despercebidos no dia a dia agitado (Silva, 2020). Assim, um simples banco de praça torna-se um refúgio de introspecção, enquanto um mercado local ganha vida com suas cores vibrantes e personagens únicos.

Além de registros artísticos, O USk, como movimento configura-se como um mecanismo de resistência contra a transitoriedade do mundo moderno. Em um tempo em que tudo parece efêmero, seus integrantes procuram preservar instantes que parecem representar pouca importância em papel, celebrando a beleza do cotidiano e congelando momentos que poderiam desaparecer no fluxo constante do progresso.

Assim, o USk não apenas proporciona a representação de paisagens por intermédio do desenho de observação, mas ressignifica memórias, com linhas, traços e cores eternizando locais que moldaram nossas vidas, nos oferecendo a chance de reviver, através da arte, as histórias que nos tornam quem somos.

No mundo movido pela velocidade, parar, observar e apreciar a beleza que nos cerca, é uma ação bastante significativa que nos emerge a reflexão a respeito dos nossos valores históricos, culturais e sociais. Os desenhadores urbanos nos proporcionam essa reflexão, transformando simples paisagens em obras de arte que transcendem o tempo diante de todos que estão dispostos a ceder um pouco do seu tempo para apreciação artística (Kallas; Guillen-Salas; Silva, 2020; Silva, 2020).

Assim o trabalho do USk não se limita a reproduzir a paisagem, mas também a reinterpretá-la. Os traços e escolhas artísticas, oferecem uma nova perspectiva aos espectadores, convidando-os a ver a paisagem retratada sob nova ótica. Em seus cadernos, cada página conta uma história visual que vai além do desenho, conectando passado e presente, memória e realidade.

Por meio de sua arte, os integrantes do USk inspiram uma apreciação mais profunda do mundo ao nosso redor. Dessa maneira o verdadeiro integrante do *Urban Sketchers* deve compartilhar seu trabalho, postar nas redes sociais, ou seja, construir um museu ou arquivo contemporâneo (Kallas; Guillen-Salas; Silva, 2020). Convidando, assim o olhar espectador para além da correria cotidiana, a pausar e admirar a complexidade e a simplicidade que coexistem nas paisagens urbanas. Em seus traços, encontramos uma janela para a poesia escondida nas ruas, praças e edifícios que habitamos (Valgas, 2019), lembrando-nos da riqueza que reside na diversidade e na singularidade de cada lugar que chamamos de lar.

### 3.3 URBAN SKETCHERS: RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS POR MEIO DO DESENHO

Ao promover a ressignificação da memória através do desenho, o *Urban Sketchers* proporciona a preservação não apenas da forma física dos lugares, mas também suas histórias

vividas. Nesse sentido, é necessário compreender que “[...] a memória é a reconstrução do passado no presente vivido, diferenciando-se da história, pois parte de uma relação afetiva com o passado, que tende a mitificá-lo. A memória, portanto, é feita da história vivida e não da história aprendida, mas sempre mantém relação com a afetividade” (Valgas, 2019, p. 5)

Os desenhos elaborados por seus integrantes, embora, muitas vezes produzidos pensando no viés artístico de aprimoramentos técnicos, configuram-se, ao mesmo tempo, como uma espécie de janela para o passado conectando-o ao presente através de memórias que nos revela nossa própria história.

Logo, o desenho não configura-se como um retrato fidedigno de um dado momento, pois ele porta a experiência do olhar, que reúne várias cenas para gerá-lo. Todavia, esse aspecto não torna o desenho algo menor frente a representatividade do contexto histórico, pois ele revela a imaginação e a intelectualidade de quem o faz (Valgas, 2019).

Em um mundo cada vez mais digital onde a velocidade de informação corrobora para uma aceleração de desenvolvimento das atividades diárias, o USk nos lembra da importância de valorizar o instante e o contato humano de maneira tangível e próxima. Por isso, seus encontros proporcionam, além do ato de desenhar e do registro de memórias visuais, à interação entre as pessoas.

As fotografias dos artistas juntos as suas obras e espaços retratados, são testemunho da beleza e complexidade do mundo ao nosso redor e de quão importante é promover encontros onde exista vivências sem interação com as mídias sociais, convidando-nos a desacelerar, observar e apreciar as pequenas maravilhas das nossas vidas diárias.

Assim, os participantes dos encontros do USk, fazem uma (re)leitura da realidade favorecendo a produção de memórias que descrevem o passado e o presente ao mesmo tempo, na medida que seus registros remetem ao momento vivido e observado naquele instante que jamais se repetirá.

### **3.3.1 Traços da Cidade: o primeiro encontro do *Urban Sketchers* Feira de Santana**

O primeiro encontro de *Urban Sketchers* Feira de Santana foi realizado em primeiro de julho de 2017, em um local que tenho muito afeto, o Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA). Cujo o cartaz do primeiro encontro está na logo a seguir na imagem 26.

**Imagem 26** - Cartaz de Convocação do primeiro encontro Urban Sketchers Feira de Santana



Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>33</sup>.

As árvores, os adereços da estrutura do Museu Regional de Arte sempre me chamaram a atenção, e agora era o momento de colocar no papel. A construção do desenho foi bem fluida, a lápis, mantendo a estrutura arquitetônica essencial do prédio, com uma simplificação na ornamentação e detalhes menores. A perspectiva é bem aplicada, com uma ligeira estilização dos elementos para enfatizar a composição.

Para a pintura usei aquarela pois ela sugere uma abordagem fluida, rápida e espontânea, típica do USk. Para finalizar utilizei a caneta nanquim definindo as formas e adicionando um contorno expressivo, criando um equilíbrio entre controle e espontaneidade, conforme se pode ver na imagem 27.

Durante o desenvolvimento do estudo, percebi que a escolha do local para a realização do primeiro encontro do USkFSA estava ligado direta com a deriva — conceito desenvolvido por Guy Debord, no tocante à prática de caminhar pela cidade de forma sensível e subjetiva, sem um destino rígido, permitindo que o espaço urbano se revele ao observador de maneira diferente do experienciado no dia a dia. Embora o encontro tenha ocorrido em um local previamente definido, a experiência de observar o espaço, explorar os elementos visuais e registrar essa percepção no desenho se alinha com a ideia de se deixar guiar pelo olhar e pela relação afetiva com o ambiente, princípios norteadores da abordagem psicogeográfica.

Ao iniciar o desenho, busquei não apenas retratar o prédio em sua configuração física, mas também traduzir minha vivência e memória do lugar. Esse processo se deu pela escolha dos ângulos, pela simplificação de alguns detalhes e pelo uso da aquarela para criar um efeito de leveza e movimento, que reflete a atmosfera do momento. A combinação de técnica e percepção sensível permitiu que o registro visual fosse além da documentação arquitetônica, tornando-se uma experiência estética e emocionalmente conectada ao espaço.

<sup>33</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

**Imagem 27** – Desenho do Primeiro encontro de *Urban Sketchers* Feira de Santana



**Fonte:** Acervo particular da autora.

Na seleção dos elementos mantive o prédio do Museu Regional de Arte como ponto focal, mas modifiquei a disposição das árvores para criar um enquadramento visual mais dinâmico. Na imagem 28 temos o registro do desenho juntamente com o local retratado, demonstrando o enquadramento utilizado para realização do desenho.

**Imagem 28** – Foto do desenho e local retratado



Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>34</sup>.

### 3.3.2 Arquitetura e Tempo: o Paço Municipal em Traços e Cores

O 2º encontro do USkFSA ocorreu no estacionamento da Prefeitura Municipal, um dos prédios mais imponentes da cidade. Construído em 1921 e tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) em 2004, o edifício possui um forte valor histórico e cultural, situado na esquina entre a Avenida Senhor dos Passos e Avenida Getúlio Vargas (Dórea, 2018). A escolha desse local para o encontro reforça o objetivo do USk de documentar visualmente a cidade e

<sup>34</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

fomentar a valorização de sua arquitetura. O cartaz de convocação, destacado na imagem 29, traz em destaque esse prédio imponente.

### Imagem 29 - Cartaz de Convocação do segundo encontro Urban Sketchers Feira de Santana

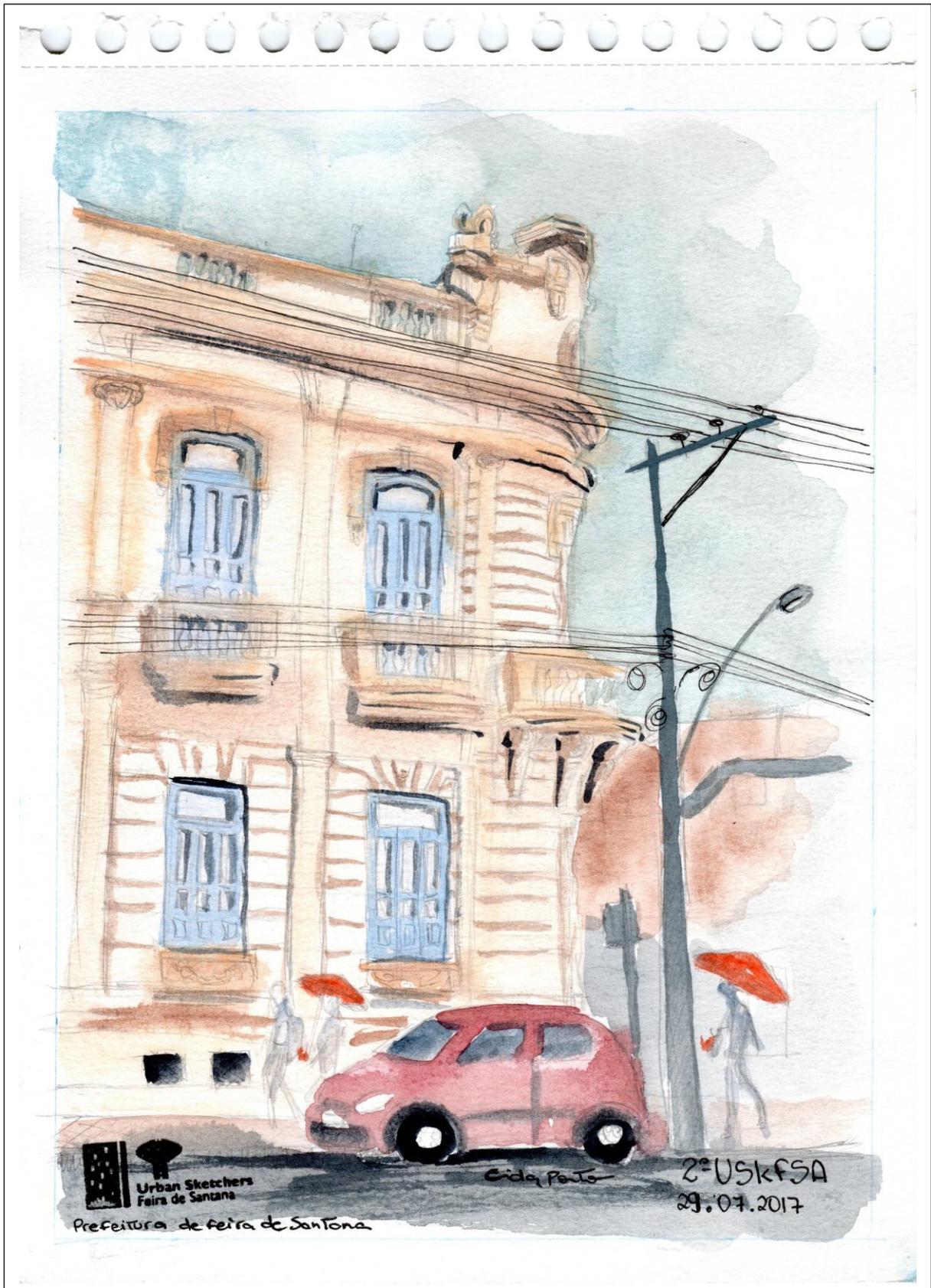


Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>35</sup>.

Para o desenho utilizei um sketchbook com papel aquarelável, permitindo flexibilidade na aplicação de técnicas mistas. A intenção era capturar a grandiosidade do Paço Municipal por meio de uma aquarela com riqueza de detalhes, o que exigia um rascunho bem estruturado para servir como base. O enquadramento escolhido foi a parte superior da construção, um recorte específico que valoriza a complexidade dos detalhes arquitetônicos, como ornamentos, colunas e o parapeito da sacada. Essa estratégia demonstra um olhar atento para os elementos históricos do edifício sem a necessidade de representar a totalidade da construção. A seguir temos a imagem 30 que materializa essa visão.

<sup>35</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

Imagem 30 – Desenho do segundo encontro de *Urban Sketchers* Feira de Santana



Fonte: Acervo particular da autora.

A experiência de desenhar um edifício tão significativo se relaciona diretamente com a prática a psicogeografia. Esse método incentiva um olhar atento às camadas urbanas e suas interações, algo essencial na experiência do USkFSA, onde o trajeto e o tempo de permanência em determinado local são guiados pela percepção subjetiva do artista. O desenho se torna, assim, um mapa visual do encontro entre o desenhista e a cidade, um registro que transcende a arquitetura e incorpora os fluxos e memórias do local.

A prática de desenhar *in loco* foi enriquecida pela interação com os transeuntes, que se aproximaram para observar o processo e compartilhar histórias sobre o local. Esse tipo de engajamento espontâneo demonstra como o desenho de observação pode servir como um catalisador para o interesse público no patrimônio urbano. Segundo Gabi Campanario (2012), fundador do USk, o desenho é uma forma de ver e sentir o ambiente de maneira mais profunda, criando conexões entre o artista e o espaço representado. O USk, portanto, vai além do simples ato de desenhar; ele atua como um meio de conscientização e preservação da memória visual coletiva, que acontece entre o desenhador, o monumento desenhado e as pessoas que circulam nesse ambiente compartilhando suas memórias através de relatos.

No entanto, um dos desafios enfrentados durante esse encontro foi a interferência do clima. O céu nublado indicava uma possível mudança no tempo, e logo a chuva interrompeu o desenho antes que a estrutura estivesse completamente finalizada. Essa experiência ressalta a dinâmica efêmera do USk, que exige adaptação às condições ambientais e rapidez na captura da cena. O desenho precisou ser finalizado mais tarde, em um ambiente protegido, o que levou a uma reflexão sobre a influência do tempo e do espaço no processo artístico. Esse fator evidencia a necessidade de flexibilidade na abordagem do USk, bem como a importância do registro rápido como ferramenta de preservação visual.

Paola Jacques (2012) destaca que, a cidade não é estática, ela é moldada pelos ritmos e interações humanas e suas paisagens mudam continuamente, tornando cada desenho um documento único de um instante específico. Assim, a experiência desse segundo encontro reafirma a relação entre psicogeografia, deriva, desenho urbano e memória visual, consolidando o USkFSA como um movimento que documenta, interpreta e interage com o espaço urbano de maneira única.

### 3.3.3 Museu Regional de Arte

O 3º Encontro do USkFSA ocorreu no interior do Museu Regional de Arte (MRA), localizado no CUCA, um espaço vinculado à UEFS. O MRA desempenha um papel essencial na preservação da memória e do patrimônio sociocultural da cidade, promovendo exposições, pesquisas e atividades educativas voltadas para o fortalecimento da identidade cultural local. Em conversas com a coordenação do museu, atualmente dirigida por Flávia Borges, onde destaca que, a atuação do MRA segue os princípios da universalidade do acesso, do respeito à diversidade cultural e da valorização do patrimônio artístico como meio de promoção da cidadania. A seguir temos a imagem 31 do cartaz desse encontro onde temos estampado o desenho realizado no primeiro encontro.

**Imagem 31** – Cartaz de Convocação do terceiro encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>36</sup>.

Os espaços museológicos atuam como lugares de memória, conforme descrito por Nora (1993), os lugares de memória não existem apenas como espaços físicos, mas como territórios simbólicos que articulam passado e presente em uma narrativa comum. O desenho *in loco* no MRA, transforma a experiência do visitante, permitindo que o artista se aproprie do espaço de forma sensorial e subjetiva.

Durante a visita ao museu, a escultura da artista Eliana Kertz, exposta no centro da sala sobre um pedestal, capturou minha atenção. Sua presença marcante no espaço expositivo motivou a escolha do enquadramento do desenho, onde optei por representar a escultura como o ponto focal da composição. Para a execução do rascunho, utilizei grafite sobre papel, garantindo flexibilidade para ajustes e estruturação da perspectiva antes da finalização.

<sup>36</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

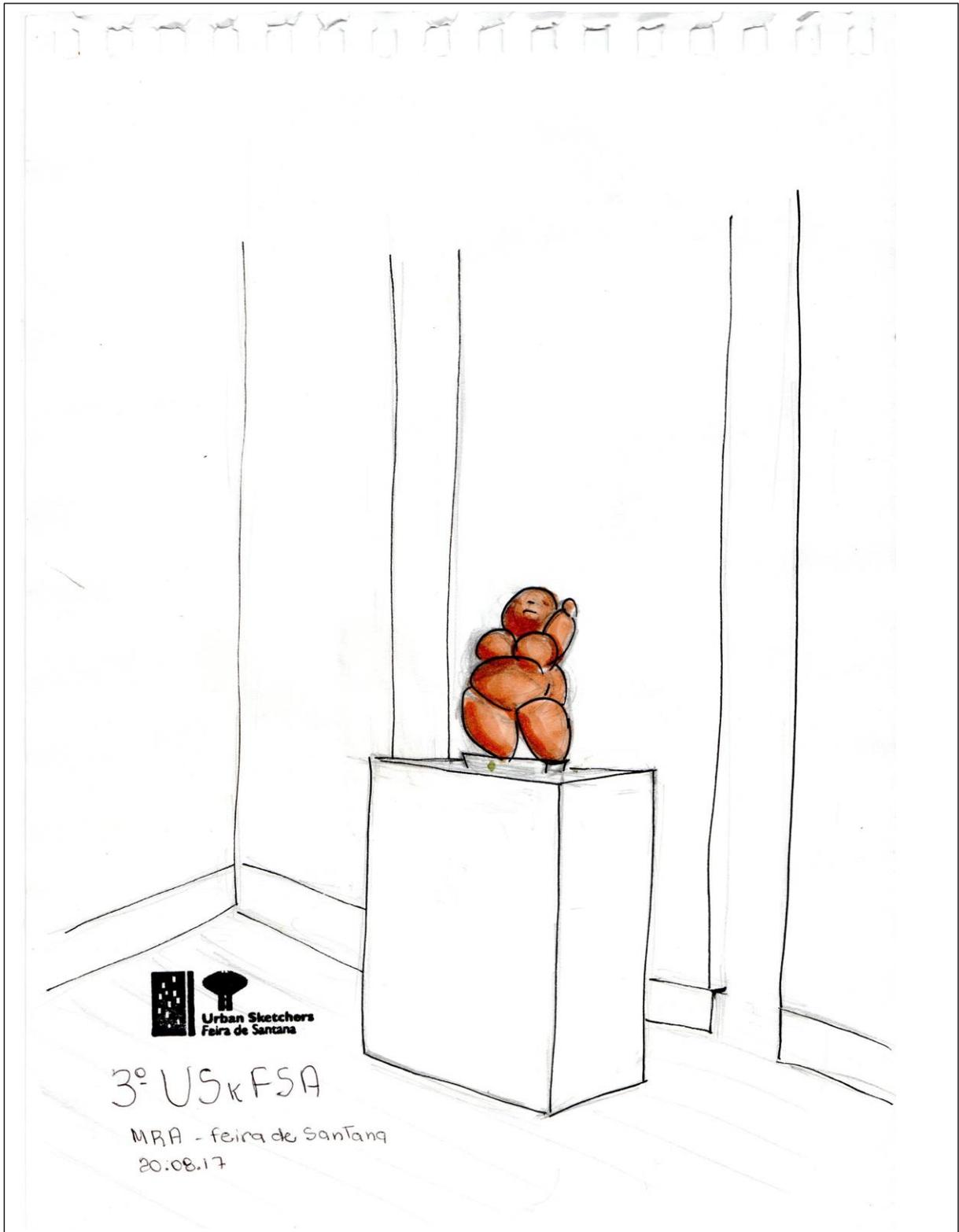
A construção do desenho seguiu um processo de observação atento à espacialidade da sala, buscando equilíbrio na disposição dos elementos. A técnica utilizada evidencia uma abordagem clássica do desenho de observação, priorizando a estrutura e a proporção antes da adição de detalhes e sombreamento. A escolha do ângulo reforça a tridimensionalidade da escultura, um aspecto fundamental na análise de obras escultóricas, conforme discutido por Gombrich (2000) em seu estudo sobre a percepção artística e a representação visual no desenho. A imagem 32 lhe possibilitam visualizar o que descrevi.

Além disso, a escolha do ângulo da representação está ligada à ideia de que a experiência urbana vai além do espaço físico, incorporando também os fluxos emocionais e simbólicos que influenciam a relação entre o indivíduo e a cidade. Nesse contexto, a prática do desenho *in loco* não se limita a uma simples documentação, mas se configura como uma interpretação sensível do espaço, que se alinha a psicogeografia, na medida que esta defende o olhar sobre o ambiente urbano de maneira mais atenta a sua dinamicidade.

Nesse contexto, a realização do USkFSA no MRA contribuiu para compreender como os museus, frequentemente vistos como espaços estáticos, podem ser experienciados de forma dinâmica. Isso demonstra que a psicogeografia é uma abordagem reveladora de aspectos únicos de lugares que estão constantemente presentes no nosso cotidiano. Assim, a cidade e seus espaços de memória não são entidades imutáveis, mas locais de ressignificação constante por aqueles que os vivenciam (Jacques, 2003). Ao desenhar no museu, a experiência deixa de ser apenas contemplativa, transformando-se em um processo interativo, onde cada traço é uma resposta à percepção sensorial do ambiente.

Um dos momentos mais marcantes durante o encontro no MRA foi a interação espontânea com os visitantes e funcionários do museu. Eles se mostraram curiosos sobre o processo de desenho e compartilharam histórias sobre o espaço. Essa troca me fez perceber ainda mais o papel do USkFSA, que não se limita a observar a cidade, registrar sutilezas do dia a dia e transformações, mas promove um momento de interações entre as pessoas diversas que compartilham vivências e memórias que são a floradas naquele instante.

**Imagem 32** – Desenho do terceiro encontro de *Urban Sketchers* Feira de Santana



**Fonte:** Acervo particular da autora.

Outro ponto relevante do encontro foi a interação com o público, que, por se tratar de um ambiente museológico, sentiu-se mais à vontade para se aproximar, observar o processo e dialogar sobre arte e o trabalho desenvolvido pelo USkFSA. Esse aspecto reforça o potencial do desenho de observação como ferramenta de mediação cultural, permitindo que a arte se torne mais acessível e estimulando discussões sobre sua importância na representatividade urbana.

A experiência no Museu Regional de Arte me oportunizou a evidenciar a relevância dos espaços culturais para a construção da memória visual da cidade. Os locais de representatividade histórico e cultural desempenham um papel central na constituição de memórias, e o desenho de observação se alinha a esse conceito ao registrar e reinterpretar elementos do patrimônio cultural. No contexto do USkFSA, esse registro visual torna-se um meio de documentar a cidade e suas transformações, promovendo um olhar mais atento sobre seu acervo artístico e histórico.

### **3.3.4 USkFSA: contraste entre leveza e rigidez**

O retorno ao CUCA para o 4º encontro do USkFSA não foi pensado como uma repetição da experiência anterior, mas uma redescoberta do espaço sob novas condições e atmosferas. A escolha desse local para realização desse encontro foi motivada pelo 10º Festival Nacional de Teatro Infantil de Feira de Santana (FENATIFS), um dos mais importantes eventos do gênero no Brasil, que reúne artistas, grupos teatrais e público infantojuvenil em uma programação rica e diversificada. Oportunizando trocas artísticas e um contato mais direto com um público que, muitas vezes, desconhece o valor histórico e cultural dos espaços que frequentam. Segue o cartaz desse encontro na imagem 33.

**Imagem 33** – Cartaz de Convocação do quarto encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>37</sup>.

Ao chegar ao CUCA, a entrada lateral imediatamente chamou minha atenção. O espaço estava decorado com um tapete vermelho e estrelas coloridas, criando um ambiente lúdico e envolvente. Esse primeiro impacto visual me levou a iniciar um desenho de observação no sketchbook com papel aquarelável, utilizando lápis para rascunhar a cena antes da aplicação da cor. O processo de desenho *in loco* sempre proporciona interações interessantes com o público, e durante esse momento várias pessoas se aproximaram para conversar sobre a arte e o festival, mas infelizmente não tenho registros visuais dessas interações.

A relação entre o desenhista e o ambiente ao seu redor é um aspecto frequentemente abordado em estudos sobre percepção e criatividade. Segundo Edwards (2002, p. 261), em seu livro *Desenhando com o Lado Direito do Cérebro*, “quando uma pessoa se sente só, basta sair para desenhar em logradouros públicos e a solidão desaparecerá num instante”. Essa experiência foi vivenciada de forma intensa nesse encontro, pois o desenho serviu como um meio de conexão social, aproximando espectadores curiosos e incentivando o diálogo sobre arte e cultura.

A cena captada na entrada do CUCA, retratada nas imagens 34 e 35, era composta por elementos arquitetônicos clássicos, como portões ornamentados e colunas, contrastando com a decoração efêmera do festival. Esse tipo de composição é um exemplo do conceito de palimpsesto urbano, onde camadas temporárias de intervenção artística coexistem com a estrutura permanente da cidade, um tema amplamente discutido por Rossi (1996) em sua obra *A Arquitetura da Cidade*. O desenho buscou registrar esse contraste, preservando tanto a rigidez da arquitetura quanto a leveza da ornamentação do festival.

<sup>37</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

Imagem 34 – Desenho do quarto encontro de *Urban Sketchers* Feira de Santana



Fonte: Acervo particular da autora.

**Imagem 35** - Foto do desenho e local retratado

**Fonte:** Instagram: @USkFSA<sup>38</sup>.

Após finalizar o primeiro desenho, segui para outra área do evento, o Teatro de Arena, onde um grande brinquedo inflável em forma de minhoca colorida servia como um túnel interativo para as crianças. A cena era repleta de cores vibrantes e movimento, um desafio interessante para o desenho de observação. A luz do dia criava reflexos e sombras dinâmicas sobre o brinquedo e os espectadores, elementos que busquei capturar utilizando aquarela de forma rápida para não perder os efeitos luminosos. A técnica aquarelada, com suas transições suaves e mistura de pigmentos, reforça a fluidez e a vivacidade da cena retratada na imagem 36.

<sup>38</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

**Imagem 36** – Desenho do quarto encontro de *Urban Sketchers* Feira de Santana



**Fonte:** Acervo particular da autora.

O ato de aquarelar é frequentemente descrito como um processo mágico, pois permite que simples pastilhas de cor sólida se transformem em paisagens ricas e expressivas. Esse conceito é discutido por Bower (2023), que argumenta que desenhar nos coloca em contato com o nosso tempo e lugar, enquanto a aquarela amplia essa conexão ao registrar a luz e a atmosfera de um instante único. Nesse sentido, o uso da aquarela no USK não apenas documenta um evento, mas também traduz a experiência sensorial de estar presente naquele espaço.

Ao final do encontro, realizamos uma “exposiChão” (cujo registro fotográfico está na imagem 37), uma prática recorrente nos encontros do urban, onde os desenhos são dispostos no chão para que os participantes compartilhem suas impressões, comentem as técnicas utilizadas e troquem conhecimentos sobre o processo artístico. Essa etapa final do encontro reforça o caráter colaborativo e educativo do USK, promovendo um ambiente de aprendizado mútuo e valorização da diversidade de olhares sobre a cidade, princípio alinhado a psicogeografia que preconiza o olhar diferenciado para aspectos peculiares da urbe.

**Imagem 37 - ExpositChão**

Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>39</sup>.

O 4º Encontro do USkFSA foi, portanto, uma experiência rica em camadas visuais e narrativas, demonstrando como o desenho de observação pode atuar como um elo entre arte, cidade e memória coletiva.

### 3.3.5 O desenhar ao ar livre

O Parque Erivaldo Cerqueira, popularmente conhecido como Parque da Lagoa, está localizado às margens da Avenida José Falcão, em Feira de Santana, e foi inaugurado em 30 de dezembro de 2009. Com uma ampla infraestrutura voltada para o lazer, o espaço conta com gramados, tanques de areia, parque infantil, pista de cooper e uma rica vegetação composta

<sup>39</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

por árvores frutíferas. Além disso, destaca-se pela presença de diversas espécies de animais, como peixes, jabutis e patos, que enriquecem a biodiversidade do local e criam um ambiente ideal para práticas artísticas ao ar livre.

A escolha do Parque da Lagoa como cenário para mais um encontro do USkFSA se deu pela sua paisagem inspiradora e pela possibilidade de explorar a relação entre desenho de observação, natureza e urbanismo. A tarde ensolarada proporcionou uma iluminação perfeita para capturar as cores vibrantes do local. Em meio a esse ambiente convidativo, sentei-me no chão, espalhei meus materiais artísticos e iniciei o processo de criação. Segue o cartaz referente a esse encontro na imagem 38.

**Imagem 38** - Cartaz de Convocação do quinto encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



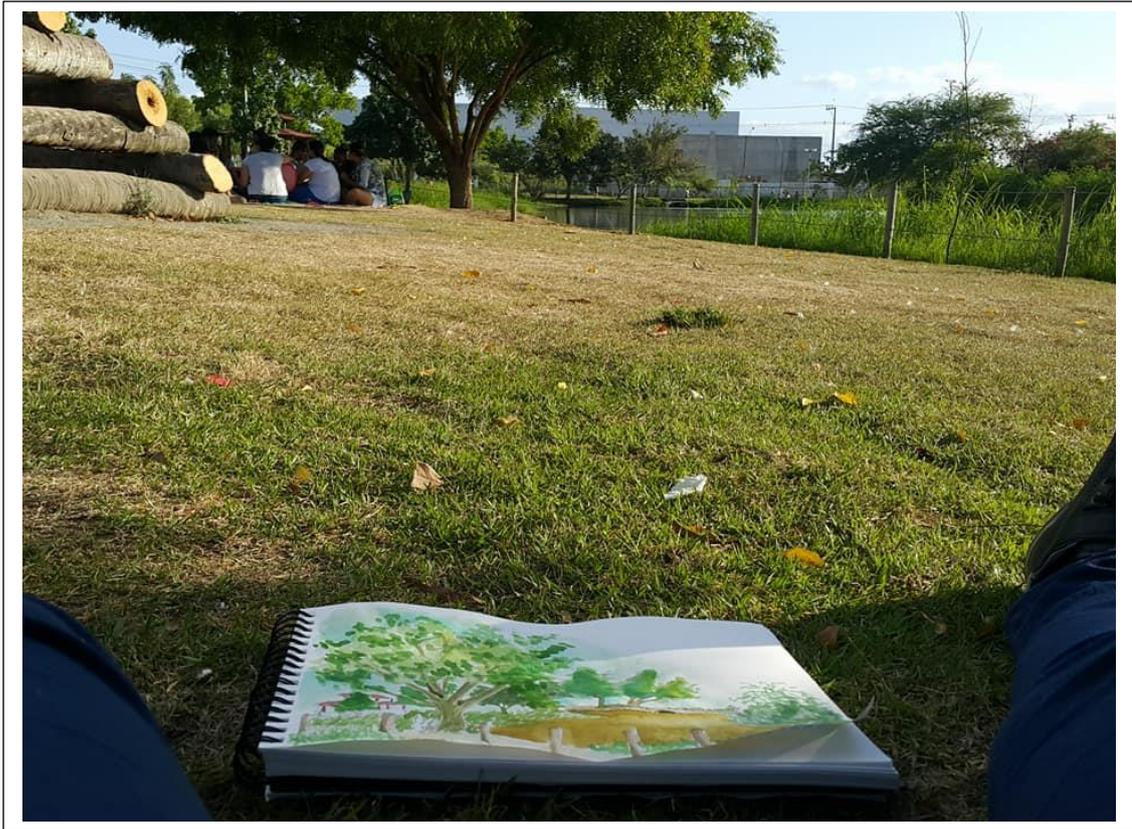
**Fonte:** Instagram: @USkFSA<sup>40</sup>.

O primeiro passo foi selecionar um enquadramento que capturasse a essência do espaço. Optei por uma composição que incluísse o lago ao fundo, permitindo trabalhar perspectiva aérea, um conceito fundamental na pintura paisagística. Como explica Pedrosa (2007, p. 92), esse tipo de perspectiva “deriva da quantidade de ar que se interpõe entre o olho e o objeto visto”, o que resulta em variações sutis de cor e contraste conforme os elementos se afastam no horizonte. Com isso em mente, iniciei o rascunho a lápis, estabelecendo a estrutura da cena antes de aplicar a aquarela.

A utilização da aquarela nesse contexto se mostrou especialmente adequada, pois essa técnica permite capturar a fluidez e transparência da água, bem como a suavidade das variações tonais das árvores e do céu, conforme podem perceber nas imagens 39 e 40.

<sup>40</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

**Imagem 39** – Foto do desenho e local retratado



Fonte: Acervo particular da autora.

**Imagem 40** – Desenho do quinto encontro de *Urban Sketchers* Feira de Santana



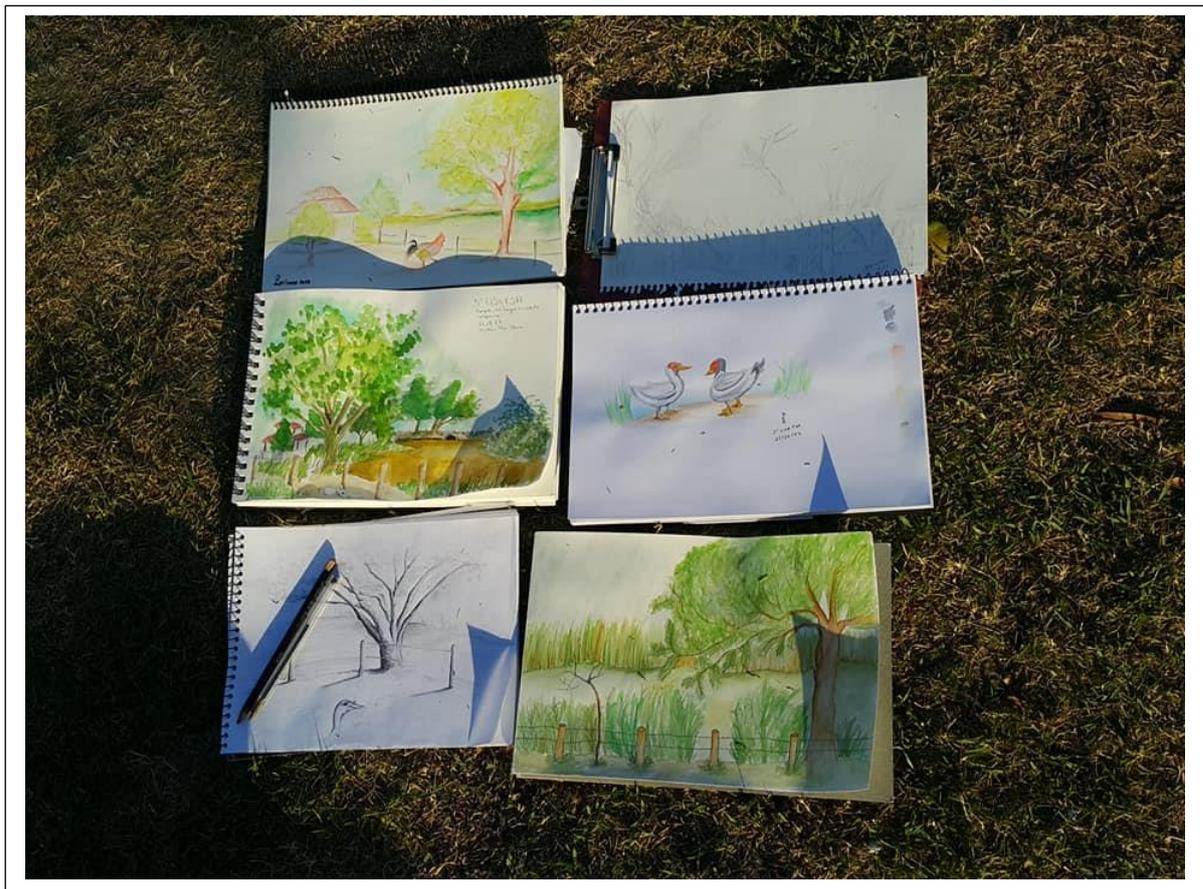
Fonte: Acervo particular da autora.

Como destaca Scheinberger (2017), a aquarela é uma das técnicas mais versáteis para o desenho de observação, pois pode ir a qualquer lugar, não necessita de grande suporte para uso, e permite transformar qualquer espaço em um estúdio. De fato, naquela tarde, meu estúdio foi um amplo gramado, cercado por verde e com um pôr do sol deslumbrante ao fundo.

O encontro foi marcado pela troca de experiências entre os participantes. Além dos integrantes do Urban Sketchers, algumas alunas de fotografia também estiveram presentes, encantadas com a proposta do grupo e interessadas na prática do desenho como forma de registro visual da cidade. Esse intercâmbio entre diferentes linguagens artísticas enriqueceu ainda mais a experiência, promovendo diálogos sobre composição, luz e percepção do espaço urbano.

Outro aspecto curioso foi a interação com a fauna do parque. Patos e jabutis demonstraram interesse pelo estojo de aquarela, proporcionando um momento lúdico e inesperado. Esse tipo de interação reforça a dimensão sensorial e imersiva do USk, pois, ao desenhar em ambientes externos, o artista não apenas registra a paisagem, mas também vivencia o local em sua totalidade, percebendo sons, cheiros e movimentos que fazem parte da cena. Essa experiência de imersão é discutida por Bower (2023), que ressalta como o ato de desenhar ao ar livre fortalece a conexão entre o artista e o ambiente, permitindo uma compreensão mais profunda do espaço e sua atmosfera. Tal perspectiva dialoga com os princípios da psicogeografia, principalmente, no que tange as interações entre o ambiente e as experiências subjetivas dos indivíduos, sobretudo no tocante as dimensões afetivas e comportamentais. Ao considerar o espaço como um agente ativo na produção de sentidos, a psicogeografia e a deriva, contribuem para a valorização de práticas que estimulam o deslocamento sensível do olhar que afetam direta ou indiretamente a vivência cotidiana.

Ao final da tarde, concluí o desenho e realizamos a tradicional *exposiChão*, retratada na imagem 41.

**Imagem 41 - ExpositChão**

Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>41</sup>.

Esse momento não apenas valoriza o processo criativo de cada um, mas também incentiva a análise crítica e a aprendizagem colaborativa, aspectos fundamentais do USkFSA.

### 3.3.6 O Mercado de Arte Popular sob o olhar do Urban Sketchers

O 6º encontro do USkFSA aconteceu no Mercado de Arte Popular (MAP) é um dos edifícios emblemáticos de Feira de Santana, localizado na Praça João Pedreira, no centro da cidade. Sua construção foi concluída em 1914, sob a gestão do intendente Bernardinho da Silva Bahia, sendo uma obra de grande relevância para a história e a cultura local (Dórea, 2018, p. 275). O mercado ocupa uma área expressiva e, ao longo do tempo, tornou-se um

<sup>41</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

importante polo de comércio e difusão artística, abrigando lojas de artesanato, galerias e eventos culturais.

O que mais me chamou a atenção ao observar o MAP foi sua imponente fachada em estilo neogótico, caracterizada pelos arcos ogivais e grades ornamentadas, que remetem a um bordado delicado, uma fusão entre a robustez arquitetônica e a leveza dos detalhes decorativos. A arquitetura neogótica, marcada pelo uso de elementos verticais e ornamentação detalhada, tem como referência as grandes catedrais medievais e se manifesta em diversos edifícios históricos ao redor do mundo (Rodrigues, 2021). No caso do MAP, esse estilo se adapta ao contexto local, conferindo ao edifício uma estética única dentro do cenário urbano de Feira de Santana. A seguir temos a imagem 42 com a convocatório para esse encontro.

**Imagem 42** - Cartaz de Convocação do sexto encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>42</sup>.

Para registrar essa riqueza arquitetônica, escolhi uma posição estratégica próxima a uma das portas do mercado, de onde poderia capturar os detalhes da estrutura com precisão. Com o sketchbook em punho, iniciei o desenho utilizando lápis, traçando os contornos da edificação e destacando a curvatura dos arcos e a simetria das grades. O processo de desenhar estruturas arquitetônicas exige um olhar atento para proporções, perspectiva e detalhamento, elementos fundamentais no desenho de observação. Segundo Ching (2017), a linha pode definir a forma e as proporções e até mesmo sugerir uma sensação de profundidade e espaço. Dessa forma, busquei explorar o potencial expressivo das linhas para criar profundidade apenas com o traçado, sem o uso imediato de sombreamento ou cor.

A experiência de desenhar in loco permitiu um maior aprofundamento na relação entre o olhar do artista e a materialidade do edifício. Conforme Ching (2017), a arquitetura não é

<sup>42</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

apenas uma experiência visual, mas também tátil e sensorial, envolvendo a percepção do espaço de maneira integral. Enquanto registrava os detalhes do mercado, a interação com o ambiente ao redor tornou-se parte essencial do processo: conversas com os transeuntes, o burburinho do comércio e o movimento contínuo da praça contribuíram para a construção da memória visual daquele momento.

Ao final do encontro, fizemos uma fotografia coletiva (imagem 43), registrando nossa visita ao MAP e compartilhando impressões sobre os desenhos. Enquanto os outros participantes do Urban Sketchers precisaram se retirar, decidi permanecer um pouco mais, pois queria finalizar a pintura diretamente no local, capturando a atmosfera única da edificação com cores aplicadas em aquarela.

**Imagem 43** - Fotografia coletiva



**Fonte:** Instagram: @USkFSA<sup>43</sup>.

A introdução da cor na ilustração foi feita de forma gradual, priorizando tonalidades que ressaltassem a textura e a profundidade da fachada. Como destaca Scheinberger (2017),

<sup>43</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

aquarelar diretamente no local permite uma conexão mais profunda com a cena, pois a percepção das cores e da luz muda constantemente, influenciada pelo ambiente e pela passagem do tempo. A escolha da paleta de cores foi baseada nas tonalidades predominantes da construção, buscando equilibrar tons quentes e frios para valorizar a tridimensionalidade da estrutura, aspectos que podem ser percebidos na imagem 44.

**Imagem 44** – Desenho do sexto encontro de *Urban Sketchers Feira de Santana*



**Fonte:** Acervo particular da autora.

Finalizado o desenho, deixei o mercado com a sensação de ter capturado não apenas a sua forma arquitetônica, mas também a sua essência histórica e cultural. O encontro no MAP reforçou a importância do desenho de observação como ferramenta de documentação e valorização do patrimônio urbano, permitindo um olhar mais atento sobre os elementos que compõem a identidade visual da cidade.

Mais do que representar o visível, desenhar nesse contexto é uma forma de ver com profundidade, de deixar-se afetar pelos detalhes esquecidos ou silenciados da paisagem. Nesse exercício de atenção ampliada, o “caminhar” sem rumo rígido — próprio da deriva — abre espaço para encontros inesperados com elementos conhecidos, mas vislumbrado de outras maneiras. O olhar se torna menos funcional e mais sensível, revelando camadas de memória, história e afeto que muitas vezes passam despercebidas no ritmo apressado do cotidiano.

### **3.3.7 A Biblioteca Arnold Ferreira Silva: Entre Linhas, Formas e Cores**

O 7º Encontro do USkFSA, cujo cartaz destacado na imagem 45, ocorreu na Biblioteca Municipal Arnold Ferreira Silva, situada na Rua Geminiano Costa, no centro da cidade de Feira de Santana. O edifício, de arquitetura imponente, destaca-se por sua ampla vidraça frontal, uma entrada com pilares robustos e uma cobertura de concreto, características que conferem ao espaço uma estética moderna e funcional. Em sua área externa, um jardim bem cuidado, adornado por palmeiras imperiais, complementa a composição arquitetônica e reforça sua presença visual no tecido urbano.

**Imagem 45** - Cartaz de Convocação do sétimo encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>44</sup>.

A escolha desse local para o encontro se deu pelo seu valor cultural e educacional, uma vez que a biblioteca desempenha um papel fundamental na difusão do conhecimento e no acesso à leitura para a população. Além disso, sua estrutura arquitetônica representa um interessante estudo de linhas, formas e volumetria, elementos essenciais no desenho de observação.

Cheguei cedo à biblioteca com grande entusiasmo para registrar sua forma no papel. Para este encontro, decidi explorar uma técnica diferente: desenhar diretamente com caneta nanquim, sem rascunho prévio. Esse método, muitas vezes utilizado por artistas do USk, desafia o desenhista a trabalhar com decisões mais rápidas e confiantes, sem a possibilidade de apagar ou refazer traços. No início, essa abordagem pareceu paralisante, mas logo tornou-se um processo envolvente e dinâmico.

O nanquim, utilizado para o contorno e estruturação do desenho, é uma tinta de origem chinesa, historicamente empregada na caligrafia e na arte desde a dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.). Sua composição tradicional inclui negro de fumo e goma laca, conferindo-lhe alta pigmentação e resistência ao tempo. No desenho *in loco*, o uso do nanquim oferece uma excelente definição de linhas e uma estética expressiva, característica fundamental para registros arquitetônicos.

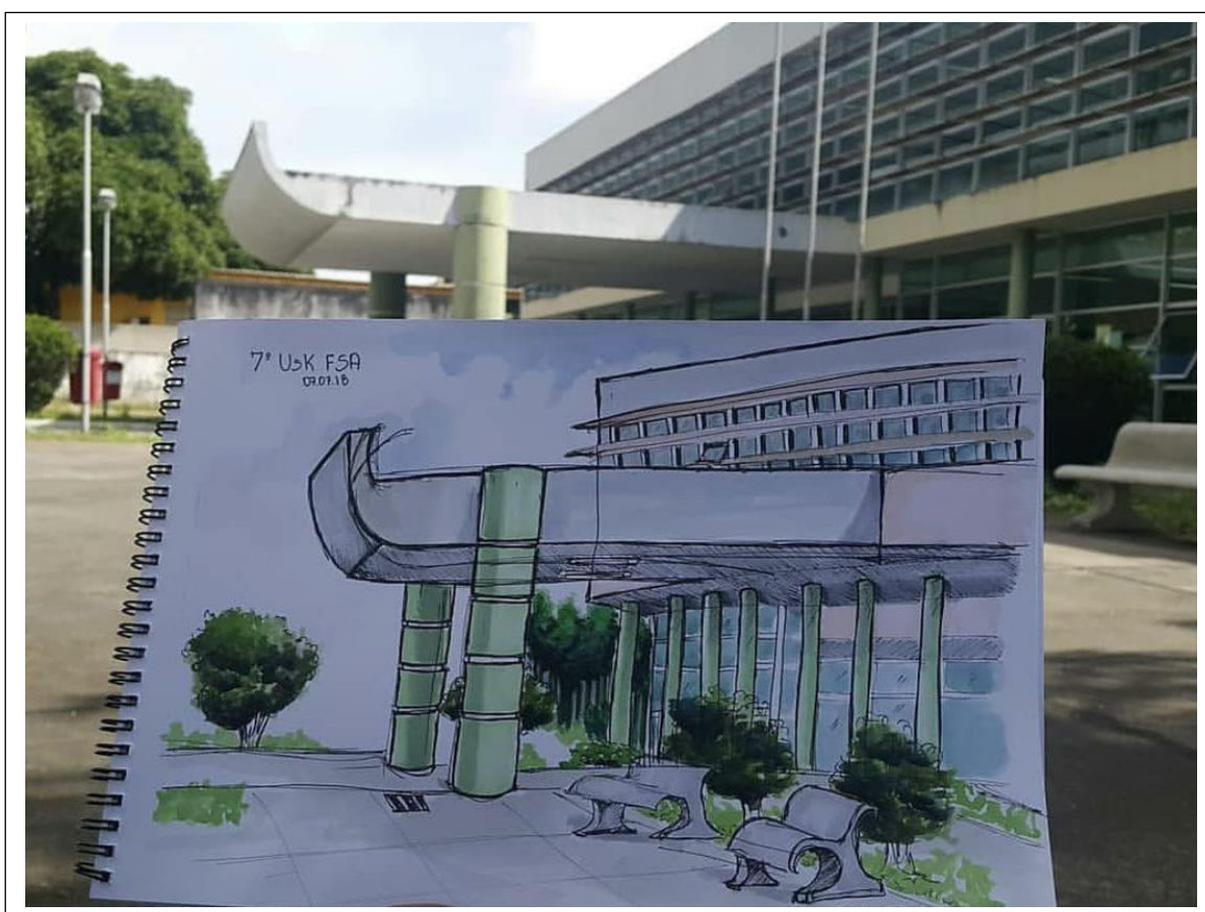
Após finalizar a estrutura do edifício, utilizei marcadores Copic para adicionar camadas de cor, enfatizando as árvores e arbustos ao redor da biblioteca, bem como bancos e elementos da fachada. O uso de marcadores à base de álcool permitiu um acabamento mais

<sup>44</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

vibrante e homogêneo, trazendo profundidade ao desenho e destacando a interação entre os elementos arquitetônicos e naturais.

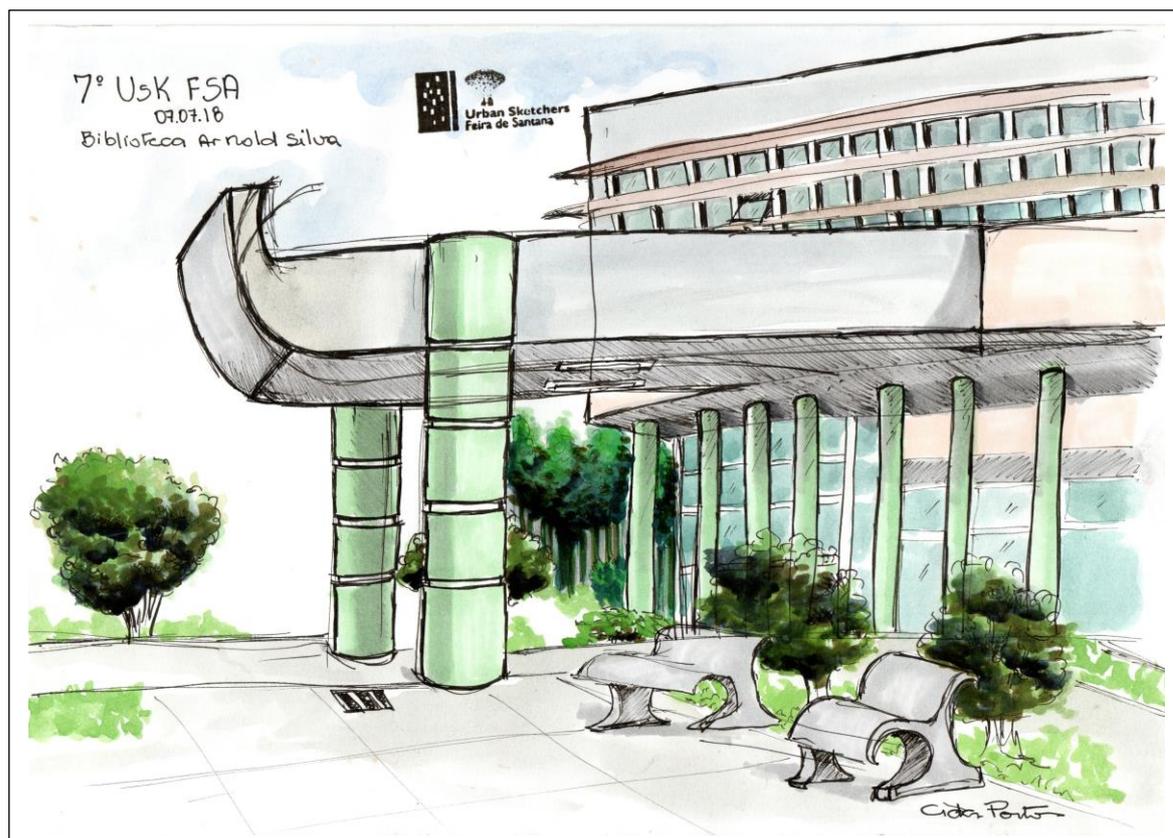
No entanto, assim como em outros encontros, as condições climáticas exigiram uma adaptação rápida do grupo. O tempo chuvoso nos levou a trabalhar com maior celeridade, tornando a captura da cena um exercício de observação intensa e síntese visual. Segundo Campanario (2012), um dos princípios do USk é justamente compartilhar histórias visuais sobre o mundo em que vivemos, desenhando *in loco*, no momento em que as cenas acontecem. A necessidade de presteza, portanto, não comprometeu a experiência, mas a tornou ainda mais significativa conforme você pode ver na imagem 46 e 47.

**Imagem 46** - Foto do desenho e local retratado



Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>45</sup>.

<sup>45</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

**Imagem 47** – Desenho do sétimo encontro de *Urban Sketchers* Feira de Santana

**Fonte:** Acervo particular da autora.

Dessa vez, o grupo esteve menor, mas a reflexão sobre o valor do desenho como ferramenta de observação e documentação foi amplamente discutida. O registro gráfico da arquitetura urbana permite uma apreciação detalhada dos pormenores estruturais que, por vezes, passam despercebidos no cotidiano. O USk, nesse sentido, não apenas documenta o espaço, mas também reeduca o olhar, incentivando uma relação mais atenta e sensível com a cidade, assim como propõem o pensamento psicográfico, no que se refere ao olhar atento as nuances das cidades.

Encerramos o encontro com a tradicional exposiCHÃO, um momento de compartilhamento e análise coletiva dos desenhos. A troca de ideias e percepções fortaleceu a compreensão sobre como o desenho pode ser um instrumento poderoso para o desenvolvimento da memória visual. Como afirma Ching (2017), o ato de desenhar é uma extensão da percepção, transformando a experiência sensorial em um traço materializado.

### 3.3.8 Catedral Metropolitana de Sant’Ana: ressignificando memórias por meio do desenho

O 8º Encontro do USkFSA ocorreu na Catedral Metropolitana de Sant’Ana (ver cartaz de divulgação na imagem 48), um dos marcos arquitetônicos mais importantes da cidade. Localizada no centro da praça Monsenhor Renato Galvão, a catedral se destaca pela sua imponência e valor histórico, sendo um símbolo da fé e da tradição cultural de Feira de Santana.

**Imagem 48** - Cartaz de Convocação do oitavo encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>46</sup>.

A construção original da igreja remonta ao século XIX, com sua fundação datada de 1852. No entanto, a edificação passou por diversas reformas e ampliações ao longo dos anos, consolidando seu estilo arquitetônico predominantemente neoclássico, caracterizado por sua simetria, colunas robustas, frontões triangulares e elementos decorativos inspirados na arquitetura greco-romana. O neoclassicismo, que surgiu na Europa no final do século XVIII, influenciou fortemente a arquitetura religiosa e civil no Brasil, especialmente no período imperial (Santiago, 2011).

Desde a infância, a Catedral Metropolitana de Sant’Ana tem sido um local significativo para mim. Foi onde fui batizada, e durante minha infância minha mãe me levava às missas dominicais. Enquanto ela acompanhava a celebração, eu me deitava nos bancos de madeira, observando as pinturas do teto, os detalhes dos altares laterais e as imponentes portas

<sup>46</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

talhadas em madeira. Esses elementos permaneceram vívidos na minha memória e foram reavivados ao retornar ao local para o USkFSA.

Neste encontro, optei por desenhar diretamente com caneta nanquim, sem rascunho a lápis, um desafio que exige maior confiança no traço e observação precisa. Essa técnica, permite um desenho mais expressivo e espontâneo, sem a possibilidade de correções, o que exige que o artista trabalhe com maior atenção e segurança na composição. Segundo Felix Scheinberger (2017), a técnica do nanquim é uma das mais versáteis e eficazes para o desenho de observação, pois proporciona traços nítidos e contrastes marcantes, além de permitir a integração com outras mídias, como a aquarela.

Infelizmente, a catedral estava fechada no dia da visita, o que nos impossibilitou de desenhar seu interior. Assim, concentrei-me na fachada monumental, iniciando o desenho pela porta central e, em seguida, adicionando os demais elementos estruturais, como as colunas, os detalhes ornamentais e o entorno coberto por árvores.

Após a finalização do desenho com nanquim, utilizei a técnica da aquarela para a pintura, destacando a volumetria da catedral e os contrastes entre a edificação e a vegetação ao redor. A aquarela tem uma longa história na arte ocidental, sendo amplamente difundida a partir do Renascimento, quando artistas como Albrecht Dürer (1471-1528) começaram a utilizá-la para estudos e registros da natureza (Gombrich 2015). Com o tempo, a técnica foi aprimorada e tornou-se um dos principais meios de expressão para paisagens e cenas urbanas, especialmente com a ascensão dos artistas ingleses do século XVIII e XIX, como William Turner (1775-1851), que revolucionou a aquarela ao explorar a fluidez da cor e a luminosidade na pintura (Gombrich 2015).

Na minha composição, apliquei a aquarela em camadas leves, valorizando a transparência das cores para criar a sensação de profundidade e luz. A fluidez da tinta permitiu capturar a atmosfera do ambiente, contrastando os tons quentes da estrutura da catedral com os tons frios das sombras e da vegetação. Tudo que descrevi sobre a composição do desenho pode ser observado na imagem 49.

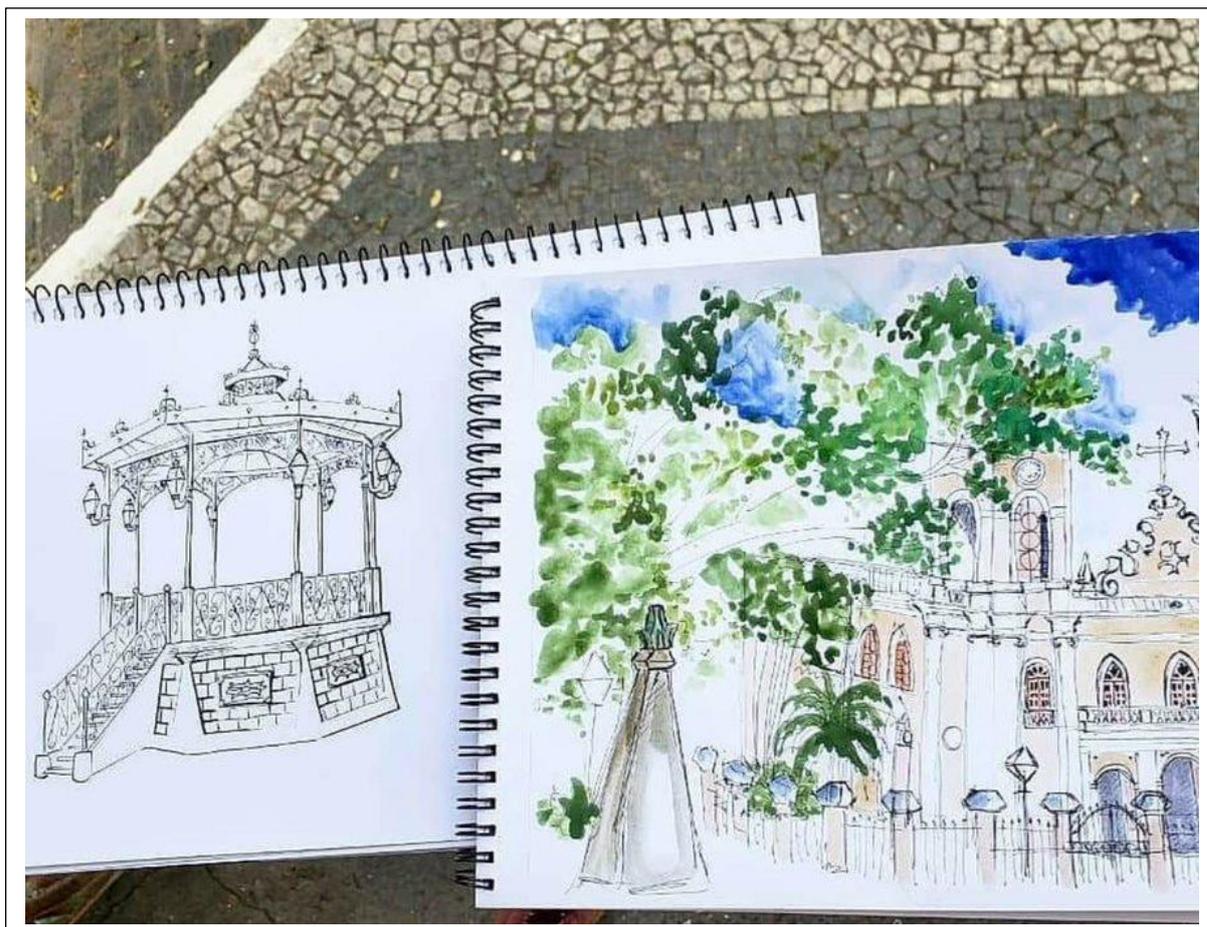
**Imagem 49** – Desenho do oitavo encontro de *Urban Sketchers* Feira de Santana



**Fonte:** Acervo particular da autora.

Ao concluir o desenho, fotografei (imagem 50) a composição e refleti sobre a necessidade de, futuramente, registrar também o interior da catedral, um espaço de riqueza simbólica e artística. A experiência deste encontro me fez revisitar memórias da infância, lembrando como a observação atenta do espaço sempre despertou meu fascínio pela arte e pela arquitetura.

**Imagem 50** – Registro fotográfico do desenho



Fonte: Acervo particular da autora.

O USkFSA, nesse contexto, não apenas atua como um meio de documentação do patrimônio cultural, mas também como um exercício de memória visual e conexão afetiva com os espaços urbanos. Essa atuação aproxima-se dos princípios da psicogeografia, ao propor uma experiência sensível e subjetiva da cidade, em que o deslocamento e a observação atenta, mediados pelos princípios da deriva, favorecem uma ressignificação dos territórios vividos

### **3.3.9 Catedral Metropolitana De Sant’Ana sob nova perspectiva**

Após um hiato de seis meses sem organizarmos encontros, devido às demandas da jornada de trabalho dos administradores, o 9º Encontro do USkFSA marcou o retorno das atividades com um desafio especial: desenhar o interior da Catedral Metropolitana de

Sant'Ana. Esse encontro foi planejado com antecedência, e, para garantir uma experiência mais completa, solicitamos uma visita guiada ao interior da catedral por meio de um e-mail formal. A permissão foi concedida, e tivemos a oportunidade de explorar e registrar artisticamente os detalhes arquitetônicos e ornamentais desse importante patrimônio da cidade (cartaz de divulgação na imagem 51).

**Imagem 51** - Cartaz de Convocação do nono encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



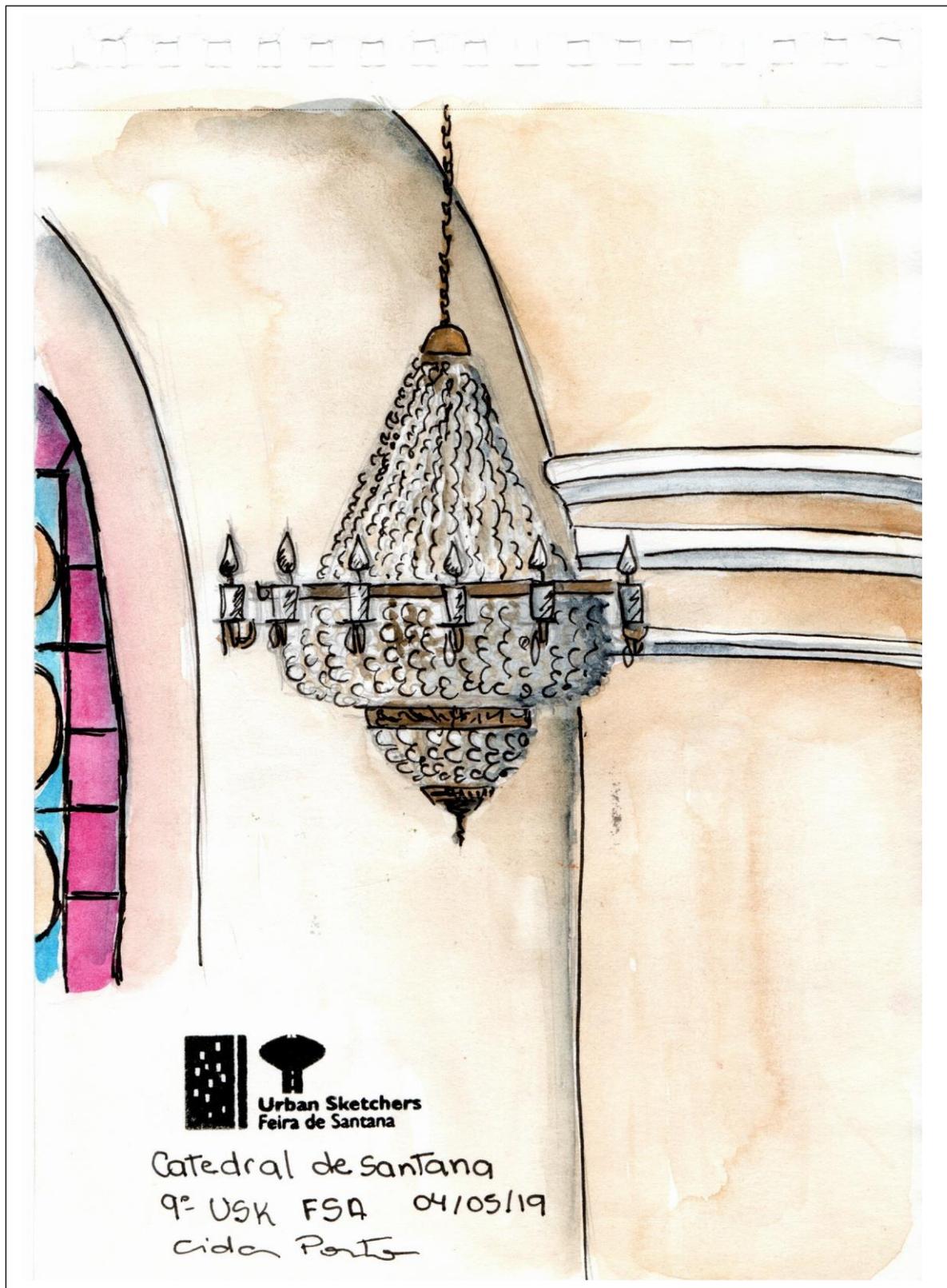
Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>47</sup>.

<sup>47</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

A Catedral Metropolitana de Sant'Ana, além de sua imponência externa, abriga um interior rico em detalhes decorativos, com pinturas no teto, vitrais coloridos e elementos esculpidos em madeira. O interior de edificações religiosas no estilo neoclássico muitas vezes combina a monumentalidade estrutural com uma ornamentação refinada, criando uma atmosfera que eleva a experiência sensorial dos visitantes (Santiago, 2011). Ao entrar na catedral, imediatamente fui transportada para minha infância, lembrando-me das vezes em que, ao acompanhar minha mãe nas missas, deitava nos bancos de madeira para observar as pinturas do teto. Esse momento de retorno à memória foi como um reencontro acolhedor, trazendo uma sensação de paz e pertencimento.

Para registrar esse ambiente singular, escolhi um enquadramento centralizado no lustre entre as pilastras, um elemento que simboliza a iluminação e a grandiosidade do espaço. Utilizei caneta nanquim sobre papel pólen, um tipo de papel de tonalidade amarelada que contribuiu para valorizar a luz ambiente e os contrastes do desenho. Como destaca Scheinberger (2017), o uso de papéis com tonalidade quente pode potencializar a profundidade da composição, especialmente em técnicas que exploram a luz e sombra, como o nanquim. Para realçar ainda mais o brilho do lustre, empreguei caneta acrílica branca (Posca), criando um jogo de luz que enfatizou a ornamentação do teto, conforme podem constatar na imagem 52.

Imagem 52 – Desenho do nono encontro de *Urban Sketchers* Feira de Santana



Fonte: Acervo particular da autora.

A experiência de desenhar dentro da catedral exigiu observação minuciosa e paciência, pois os detalhes das colunas, das molduras e dos elementos esculpidos demandam precisão. Como afirma Bajzek (2024), quando desenhamos nas ruas da cidade onde nascemos ou moramos, temos a possibilidade de ampliar nossos vínculos com ela. Esse pensamento se aplica perfeitamente à experiência desse encontro, pois o ato de desenhar a catedral não apenas registrou sua grandiosidade, mas também fortaleceu minha relação afetiva com esse espaço de memória pessoal e coletiva, dialogando com o pensamento psicogeográfico ao mobilizar percepções subjetivas e experiências sensoriais na vivência do lugar.

Durante a visita guiada, conduzida pelo Sr. Raimundo, fomos apresentados a diversas curiosidades sobre a catedral, sua história e seus elementos artísticos. Uma informação particularmente fascinante foi a respeito das pinturas do teto e das paredes, que, segundo ele, foram realizadas por um pintor de lambeiro de caminhão. Esse detalhe inesperado revela como diferentes expressões artísticas podem convergir, e como artistas populares frequentemente desempenham papéis fundamentais na preservação da arte sacra.

Durante a sessão de desenho, um momento inesperado chamou minha atenção: uma criança se aproximou e pediu papel e caneta, expressando o desejo de desenhar também. Seu entusiasmo ao experimentar a técnica do nanquim sem receios foi inspirador. Após finalizar o traço, ele pediu a aquarela e perguntou como utilizá-la. Expliquei o processo básico de ativação dos pigmentos com água e aplicação no papel. Em poucos instantes, ele já estava pintando seu próprio desenho: um dos vitrais da catedral.

Esse episódio reforça a importância de estimular a curiosidade artística nas crianças. Como afirma Bower (2015, p. 15), “incentivar crianças curiosas a explorar o desenho e a pintura é essencial para inspirar futuros artistas e fomentar a atenção pela arquitetura local”. Esse encontro não apenas proporcionou um novo olhar para a catedral, mas também possibilitou um momento de troca intergeracional, onde a arte se tornou um meio de conexão entre diferentes vivências.

### **3.3.10 CUCA: emoções e novas percepções**

O 10º Encontro do USkFSA ocorreu no CUCA (imagem 53, cartaz de divulgação desse encontro), um espaço que desempenha um papel fundamental na formação artística e cultural da cidade. Diferentemente das outras edições realizadas nesse espaço, essa edição teve um significado profundo e emocional, pois foi ali que iniciei meus estudos em arte. Ao cruzar os

jardins do centro, deparei-me com a porta da OCA (Oficina de Criações Artísticas), a sala onde, em 1999, tive minhas primeiras aulas de desenho com o professor George Galeano. Esse momento de reencontro com o espaço e com a memória me levou a interromper a caminhada para registrar a porta da OCA em meu sketchbook.

**Imagem 53** - Cartaz de Convocação do décimo encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



Fonte: Instagram: @USkSFA<sup>48</sup>.

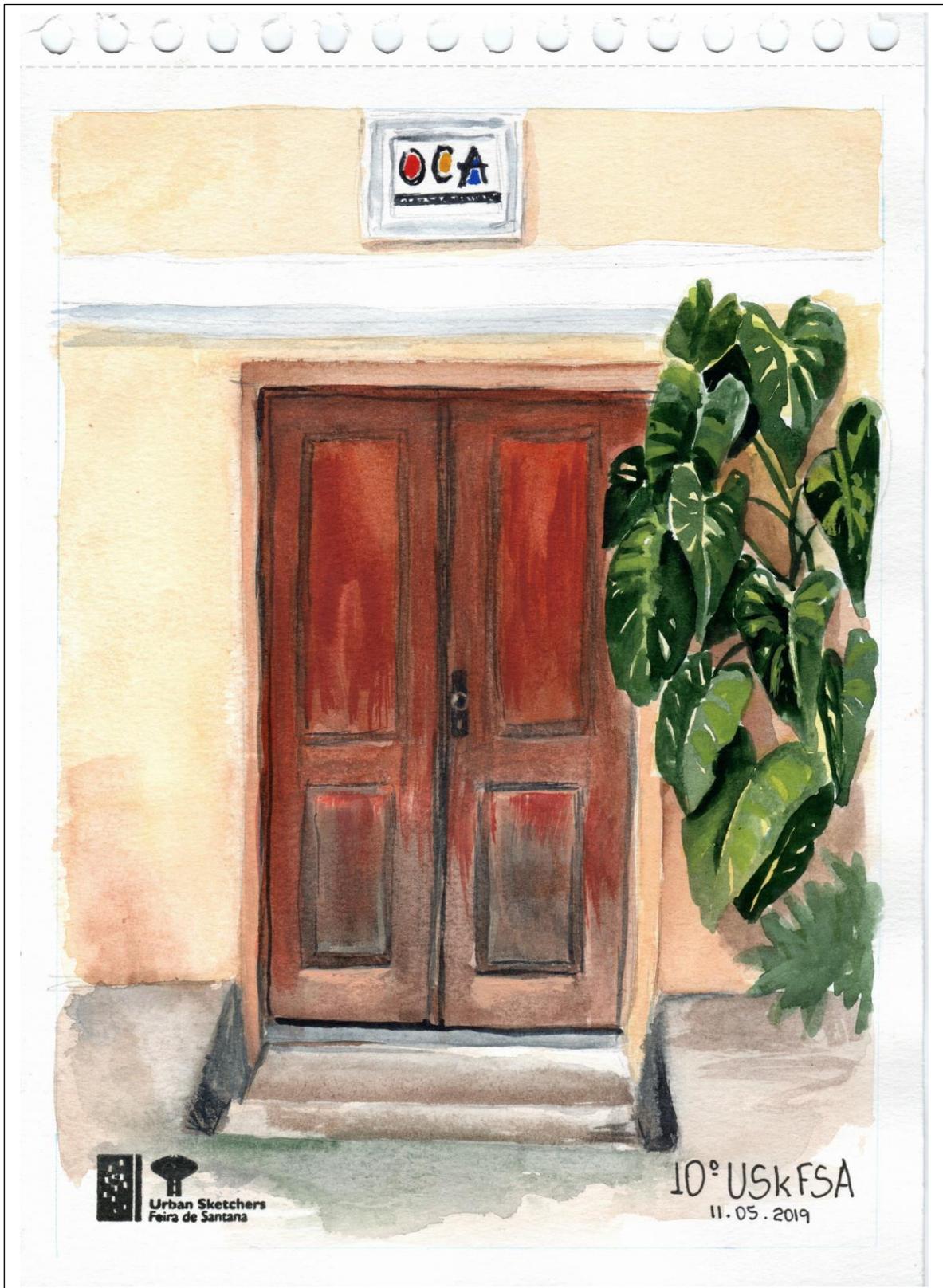
<sup>48</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

O ato de desenhar *in loco* não é apenas um exercício técnico, mas também um processo de ressignificação do espaço urbano e cultural. A experiência remete ao conceito de psicogeografia, que se refere à maneira como o ambiente urbano afeta as emoções e a percepção dos indivíduos (Bomfim, 2020). Ao traçar as linhas daquela porta, as lembranças das aulas de desenho, pintura, cerâmica, escultura e mosaico emergiram, criando uma conexão entre passado e presente.

Para essa composição, optei mais uma vez pela técnica de pintura com aquarela. O desenho logo ganhou forma, destacando a escada e a vegetação ao redor da porta, elementos que fazem parte da identidade visual da OCA. Essa escolha reflete a ideia de que o desenho *in loco* vai além da simples reprodução do real; ele é uma interpretação subjetiva do ambiente, influenciada pela experiência individual do artista. Ao desenharmos os espaços urbanos onde crescemos e vivemos, fortalecemos nossos vínculos com eles, transformando a observação em um ato de pertencimento (Bajzek 2024).

Após finalizar o rascunho do desenho com lápis, adicionei cor com aquarela, trazendo uma nova dimensão à composição. A aquarela se destaca por suas propriedades de transparência e luminosidade, permitindo que as camadas de cor interajam com o papel de maneira única (Harrison, 2002). No meu desenho, utilizei a aquarela para ressaltar os tons terrosos da porta, os verdes da vegetação e a textura das escadas, criando um efeito de profundidade e contraste com o uso de luz e sombra como pode ser apreciado na imagem 54.

**Imagem 54** – Desenho do décimo encontro de *Urban Sketchers* em Feira de Santana



Fonte: Acervo particular da autora.

Desenhar na área interna do CUCA, trouxe-me uma experiência particular, pois, ao contrário do que ocorre nas ruas, onde o ato de desenhar pode gerar estranhamento, ali ele é visto com naturalidade. O centro cultural é um ambiente onde as artes fazem parte do cotidiano, e a presença de um desenhista é rapidamente associada às atividades artísticas locais. Durante a sessão, algumas pessoas se aproximaram, perguntando de qual turma eu fazia parte, o que reforça o senso de pertencimento ao espaço.

Essa interação espontânea remete ao conceito da “deriva”, desenvolvido por Guy Debord em 1958, que propõe uma exploração não planejada do espaço urbano, baseada na experiência sensorial e emocional (Gonçalves, 2019). O USkFSA se encaixa nesse conceito, pois transforma a caminhada pela cidade em um processo de descoberta e registro da paisagem cotidiana, tornando cenas comuns em momentos extraordinários captados através do olhar artístico.

### **3.3.11 Um paralelo entre passado e presente: o Casarão Fróes da Mota**

O 11º Encontro do USkFSA (ver imagem 55 referente ao cartaz de divulgação) aconteceu no Casarão Fróes da Mota, um dos mais imponentes edifícios históricos da cidade. Localizado na Rua General Câmara, 56, com uma de suas fachadas voltadas para a Praça Fróes da Mota, o casarão é um marco da arquitetura feirense, com uma estrutura que preserva elementos clássicos e ornamentação requintada. Segundo Dórea (2018, p. 213), o casarão é um exemplar representativo da arquitetura urbana do início do século XX, com influência do ecletismo arquitetônico, estilo que mescla diferentes referências estilísticas, muito comum nas edificações da época.

**Imagem 55** - Cartaz de Convocação do décimo primeiro encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>49</sup>.

Para tornar a experiência ainda mais enriquecedora, foi organizada uma visita guiada, previamente solicitada por e-mail ao Casarão Fróes da Mota. Como as visitas são permitidas apenas em horário comercial, o encontro precisou ser realizado durante a semana, o que possibilitou uma imersão completa na história do edifício. Fomos recebidos com grande hospitalidade e conduzidos por uma verdadeira aula de história, na qual aprendemos sobre a construção e a importância do casarão para a cidade.

<sup>49</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

Minha relação com o Casarão Fróes da Mota remonta à infância. Lembro-me das inúmeras vezes em que passava de ônibus pelo local e ficava fascinada com suas colunas imponentes, suas varandas adornadas e suas pinturas decorativas. Na minha imaginação, o casarão sempre teve uma aura de castelo, um espaço grandioso e misterioso no centro da cidade. Essa sensação de deslumbramento infantil permaneceu ao longo dos anos e foi reativada ao cruzar suas portas com o USkFSA.

Esse processo de reconectar-se com um espaço por meio do desenho, dialoga diretamente com os conceitos de psicogeografia e deriva. A psicogeografia, nesse sentido, estuda a influência do ambiente urbano nas emoções e no comportamento das pessoas, enquanto a deriva propõe um deslocamento não planejado pelo espaço urbano, permitindo uma descoberta subjetiva e afetiva do território (Bomfim, 2020). Ao registrar o casarão no sketchbook, não apenas documentei sua estrutura, mas também reinterpretei as sensações e memórias que ele despertou ao longo dos anos.

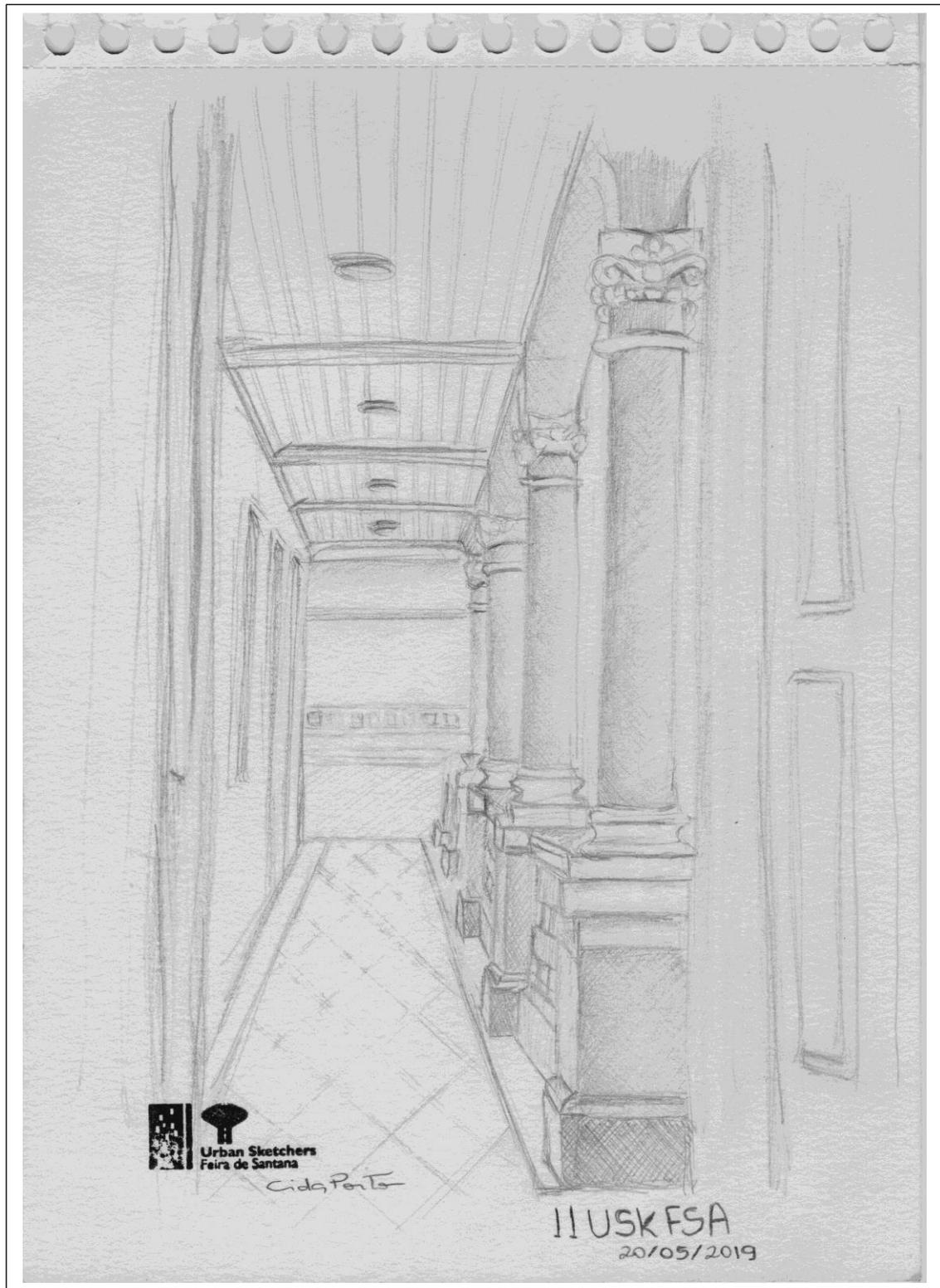
Após a visita guiada, chegou o momento de escolher um ponto da casa para desenhar. No entanto, a grandiosidade do casarão tornou essa decisão difícil – cada detalhe, cada ângulo parecia digno de ser retratado. Essa dificuldade inicial é comum entre desenhistas e, segundo Bajzek (2024, p. 64), “é particularmente desafiador lidar com a ansiedade dos primeiros traços no papel”. Após refletir, decidi por um enquadramento que destacasse a saída lateral da casa, logo busquei um local onde a perspectiva de um ponto de fuga era claramente visível, permitindo um estudo aprofundado das proporções e da profundidade espacial.

A perspectiva linear, desenvolvida no Renascimento por Filippo Brunelleschi (1377-1446) e teorizada por Leon Battista Alberti (1435), continua sendo uma das principais técnicas para representar o espaço tridimensional no desenho. Nesse caso, a escolha de um único ponto de fuga permitiu explorar a profundidade do corredor, destacando as colunas que se repetiam ritmicamente até desaparecerem no horizonte.

Comecei o desenho traçando os pontos principais da composição, seguindo uma abordagem de construção progressiva. Segundo Bower (2023, p. 57), no livro 101 Dicas de Sketching, “devemos desenhar como arquitetos, começando pelas formas maiores antes de nos aprofundarmos nos detalhes”. No meu caso, preferi iniciar pelas colunas, sempre do menor para o maior, garantindo que a perspectiva fosse precisa antes de detalhar a ornamentação.

Para definir sombras e detalhes, utilizei caneta nanquim de ponta fina, uma escolha que possibilitou uma maior precisão nos contornos e texturas como, podem verificar na imagem 56 que apresenta o desenho descrito.

**Imagem 56** – Desenho do décimo primeiro encontro de *Urban Sketchers* em Feira de Santana



**Fonte:** Acervo particular da autora.

Ao concluir o desenho, percebi o quão importante foi registrar mais um prédio histórico de Feira de Santana no meu sketchbook. Esse ato de desenhar *in loco* não é apenas um exercício artístico, mas uma forma de preservar a memória visual da cidade, capturando aspectos arquitetônicos que, muitas vezes, escapam ao olhar habituado à rotina diária.

A prática do *in loco* proposta pelo USk se alinha com estudos sobre documentação visual e transformação urbana. O ato de desenhar não apenas registra um lugar, mas constrói um vínculo entre a percepção e a experiência pessoal, transformando o espaço em memória (Ching 2017). Assim, o desenho do Casarão Fróes da Mota tornou-se mais do que uma simples representação gráfica, ele se consolidou como um registro afetivo e histórico de um dos edifícios simbólicos da cidade, revelando a potência das experiências subjetivas na construção de sentidos sobre o espaço urbano, tal como propõe a psicogeografia.

Ao final do encontro, fotografamos nossos desenhos e compartilhamos as impressões sobre a experiência. O Casarão Fróes da Mota, que um dia foi um enigma para minha imaginação infantil, agora estava ali, registrado no papel, consolidando mais um capítulo na trajetória do Urban Sketchers de Feira de Santana.

### **3.3.12 A Arte do Urban Sketchers durante a Pandemia: Desenho, Aquarela e Memórias Afetivas em Tempos de Isolamento**

A pandemia de COVID-19, declarada oficialmente em março de 2020, trouxe mudanças significativas na rotina global, impondo medidas de isolamento social para conter a disseminação do vírus. Nesse contexto, as práticas artísticas do USk adaptaram-se às novas circunstâncias, encontrando maneiras alternativas de expressão e conexão.

Tradicionalmente, o USk envolve desenhar cenas urbanas *in loco*, capturando a essência dos espaços públicos. Com as restrições impostas pela pandemia, muitos grupos ao redor do mundo migraram para plataformas digitais, realizando encontros virtuais e explorando ferramentas como o Google Maps para continuar suas atividades. Por exemplo, artistas do USk em Bristol adaptaram-se utilizando o Zoom para se conectar e o Google Maps para explorar virtualmente diferentes locais, permitindo a continuidade da prática artística e a manutenção dos laços comunitários.

No caso do USkFSA, optamos por uma abordagem intitulada USkDENDICASA (uma expressão afetuosa para “dentro de casa”). Criamos um cartaz incentivando (imagem 57) os membros a desenharem o que viam dentro de suas casas, das janelas, varandas ou jardins,

compartilhando essas obras nas redes sociais. Essa iniciativa não apenas manteve a comunidade ativa, mas também proporcionou uma forma de lidar com o isolamento, utilizando a arte como meio de expressão e conexão.

**Imagem 57** - Cartaz de Convocação do décimo segundo encontro Urban Sketchers em Feira de Santana: USkDendicasa



**Fonte:** Instagram: @USkFSA<sup>50</sup>.

Durante o período de isolamento, encontrei refúgio na casa de praia da minha família, onde a partir da laje observava uma vasta área de vegetação. Munida de sketchbook, nanquim e aquarela, dedicava as tardes a registrar a paisagem ao redor. A permanência em casa

<sup>50</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

permitiu experimentar técnicas diversas, como o uso de sal e plástico bolha para criar texturas na aquarela, explorando as nuances de cores presentes na natureza circundante.

A observação atenta revelou a multiplicidade de tons presentes até mesmo em elementos simples, como o capim, e a variação do azul do céu conforme a incidência da luz ao longo do dia. Essa prática, ao privilegiar a percepção sensível e a experiência estética do espaço, dialoga com os princípios da deriva situacionista, ao propor um olhar desacostumado sobre o cotidiano. Tal sensibilidade, também, está presente nas séries de pinturas de Claude Monet, que, fascinado pelas mudanças de luz e cor, dedicou-se a retratar a Catedral de Rouen em diferentes momentos do dia e sob diversas condições atmosféricas. Monet produziu mais de trinta pinturas dessa série entre 1892 e 1893, capturando as sutis variações de iluminação na fachada da catedral.

A prática do USk durante a pandemia serviu não apenas como uma válvula de escape criativa, mas também como um meio de documentar a experiência coletiva do isolamento. Artistas ao redor do mundo registraram cenas de suas rotinas domésticas, criando um mosaico visual deste período singular. Tais registros oferecem uma crônica social dos dias de quarentena, revelando o cotidiano íntimo dos lares durante a contingência global.

Além disso, a arte proporcionou uma forma de manter a saúde mental durante o isolamento, oferecendo um espaço para reflexão e expressão pessoal. A possibilidade de compartilhar essas criações nas redes sociais fortaleceu o senso de comunidade entre os artistas, promovendo solidariedade e apoio mútuo em tempos desafiadores.

A pandemia de COVID-19 redefiniu as práticas artísticas, levando a adaptações que permitiram a continuidade da expressão criativa mesmo em condições adversas. O USk, em particular, demonstrou sua flexibilidade e resiliência, transformando o isolamento em uma oportunidade para explorar novos horizontes dentro dos limites domésticos. A arte, nesse contexto, emergiu como um poderoso instrumento de conexão, reflexão e resistência, registrando para a posteridade as nuances de um período que marcou profundamente a sociedade contemporânea. A seguir temos as imagens 58 e 59 que são registro visuais desse momento.

**Imagem 58** – Registro fotográfico do USkDendicasa



**Fonte:** Acervo particular da autora.

**Imagem 59** – Desenho do USkDendicasa

Fonte: Acervo particular da autora.

### 3.3.13 O Retorno ao Urban Sketchers: Psicogeografia, Deriva e a Expressão do Desenho a Lápis

O 13º Encontro do USkFSA, realizado em 31 de julho de 2022 (cartaz de divulgação na imagem 60), marcou um retorno significativo à prática do desenho urbano presencial, após um longo período sem encontros de campo. O evento ocorreu na Praça Marcus Moraes, localizada na Avenida Getúlio Vargas, um espaço que, além de sua relevância urbana, naquele momento, sediava uma exposição coletiva de artistas visuais. A escolha do local se mostrou estratégica, pois permitiu a interação entre o grupo e o público da exposição, fomentando a troca de conhecimentos sobre USk e a relação entre arte e cidade.

**Imagem 60** - Cartaz de Convocação do décimo terceiro encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



Fonte: Instagram: @USkFSA<sup>51</sup>.

O USk, termo popularizado por Gabriel Campanario em 2007, é uma abordagem de desenho *in loco* que busca registrar, por meio da expressão gráfica, as experiências vividas nos espaços urbanos (Campanario, 2012). Mais do que um simples registro visual, essa prática está intimamente ligada aos conceitos de psicogeografia e deriva.

A psicogeografia explora os efeitos do ambiente urbano sobre as emoções e os comportamentos dos indivíduos, propondo uma experiência que vai além da percepção

<sup>51</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

objetiva do espaço. Já a deriva, refere-se a um deslocamento exploratório e intuitivo pelo meio urbano, permitindo ao artista absorver elementos da paisagem e registrar impressões subjetivas do espaço.

Durante o encontro, essa abordagem foi evidente na maneira como os participantes interagiram com o entorno, desenhando espontaneamente a partir das cenas e figuras em constante movimento. O ato de desenhar *in loco*, sob a influência direta do ambiente, fortaleceu a ideia de que o USk é uma forma de experienciar e interpretar a cidade, tornando-se um meio de documentação e ressignificação dos espaços urbanos.

Para a feitura desse desenho, optei por utilizar grafite sobre papel de 140 g/m<sup>2</sup>, uma escolha que favorece tanto o esboço rápido quanto o detalhamento progressivo. Como destaca Gómez (2019), o uso do grafite no USk permite um controle dinâmico da tonalidade e da textura, possibilitando explorar nuances de luz e sombra de maneira expressiva.

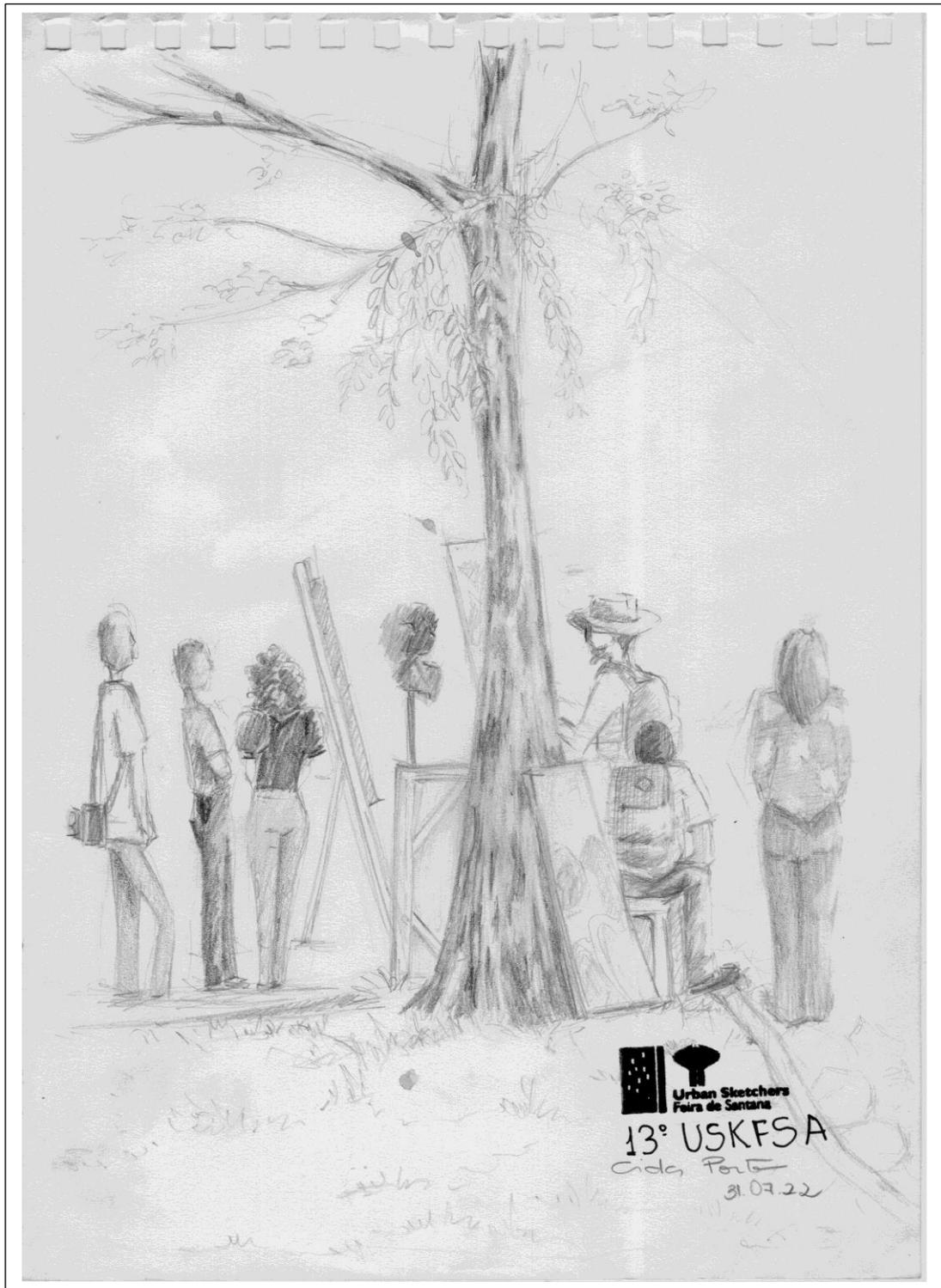
O desenho iniciou-se com um esboço rápido, dada a dinamicidade da exposição e o fluxo de pessoas no local. A primeira estrutura traçada foi a árvore central, que funcionou como um ponto de ancoragem para a composição. Em seguida, foram adicionados os cavaletes da exposição, estabelecendo a cena.

A representação das figuras humanas exigiu uma abordagem ágil, pois as pessoas se moviam constantemente. Para capturar essas presenças, utilizei uma estratégia comum no USk: o registro sequencial da postura e da posição espacial, seguido da adição posterior de detalhes baseados na memória visual. Vencer a ansiedade dos primeiros traços exige olhos atentos e a leveza de simplificar, como quem apreende a cena antes que ela escape (Bajzek 2024).

Ao longo do processo, notei a importância da observação sensível da luz e sua incidência sobre os objetos. Inspirado na abordagem impressionista de Claude Monet, que estudou as variações de luz ao longo do tempo, busquei registrar contrastes sutis entre áreas de claridade e sombra, o que adicionou profundidade à composição (Tucker, 1998).

Além do aspecto técnico, a experiência de desenhar nas ruas trouxe à tona desafios e particularidades típicas da prática do desenho urbano. Interagir com transeuntes, responder perguntas e lidar com imprevistos do ambiente, como o ataque inesperado de formigas, tornou o momento ainda mais memorável. A seguir temos a imagem 61 do desenho realizado nesse encontro.

**Imagem 61** – Desenho do décimo terceiro encontro de *Urban Sketchers* em Feira de Santana



**Fonte:** Acervo particular da autora.

O diálogo espontâneo com o público da exposição permitiu divulgar a proposta do USk e demonstrar a importância do desenho como uma ferramenta de exploração da cidade. A presença do grupo gerou curiosidade e engajamento, fortalecendo a relação entre arte, espaço urbano e comunidade.

O 13º Encontro do USkFSA consolidou-se como um marco na retomada das atividades presenciais do grupo, reafirmando o valor do desenho urbano como meio de registro, interpretação e experiência dos espaços públicos. A escolha da técnica do grafite proporcionou uma abordagem flexível e expressiva, enquanto a interação com o ambiente e os transeuntes evidenciou a dimensão psicogeográfica da prática.

Dessa forma, esse evento reforçou a importância do USk não apenas como prática artística, mas como uma forma de ressignificação dos espaços urbanos, estabelecendo um diálogo entre memória, percepção e representação visual.

### **3.3.14 Diálogos entre Música, Psicogeografia e Pintura Plein Air no Museu Regional de Arte**

O 14º encontro do USkFSA ocorreu no Museu Regional de Arte, cuja informações de divulgação estão presentes na imagem 62 que traz o cartaz desse encontro. A proposta para este momento artístico foi unir as práticas do USk e da pintura *in loco* à experiência de um espetáculo musical, destacando as relações entre desenho, percepção do ambiente sonoro e deriva. A apresentação musical foi conduzida pelo clarinetista Luiz Cerqueira, e o evento proporcionou um diálogo entre diferentes formas de expressão artística dentro do espaço museológico, reforçando a importância da arte como ferramenta de interação social.

**Imagem 62** - Cartaz de Convocação do décimo quarto encontro Urban Sketchers em Feira de Santana



**Fonte:** Instagram: @USkFSA<sup>52</sup>.

O USk é uma prática que extrapola o mero registro visual da cidade; ele permite que os artistas desenvolvam um diálogo sensorial e afetivo com o espaço, o que lhe proporciona confabular com a abordagem psicogeográfica e com a prática da deriva. Nesse sentido, esse encontro permitiu uma nova perspectiva sobre o desenho in loco ao integrar a dimensão sonora na experiência criativa.

O espaço museológico, carregado de referências históricas e artísticas, influenciou não apenas a forma como os participantes se posicionaram e observaram o evento, mas também o

<sup>52</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

ritmo e a intensidade da própria produção artística. Ao desenhar enquanto a clarineta soava pela sala, percebi como o som afetava minha forma de traçar e manchar a aquarela, adicionando uma nova camada de interpretação à cena.

Além disso, o conceito de deriva, também proposto por Debord em 1958, foi relevante para esse encontro. A deriva envolve um deslocamento espontâneo e exploratório pelo espaço urbano, e nesse caso, a experiência foi potencializada pelo deslocamento sonoro. O som da clarineta conduzia o olhar e influenciava o ritmo da pintura, criando um fluxo de movimento e pausa entre a observação e a ação.

Para a elaboração deste desenho, optei por utilizar um cavalete de plein air, uma técnica tradicional que se popularizou no século XIX com os impressionistas, como Claude Monet e Pierre-Auguste Renoir. A pintura plein air, ou “ao ar livre”, refere-se à prática de pintar diretamente no local, capturando as nuances de luz, cor e atmosfera do ambiente (Gombrich 2015). Embora originalmente associada à pintura de paisagens, essa técnica se adapta perfeitamente ao USK, permitindo uma abordagem mais fluida e dinâmica da cena urbana.

O cavalete trouxe vantagens significativas para a execução do trabalho. Ajustável e portátil, ele permitiu uma melhor visão da composição e facilitou o controle do gestual da aquarela. Além disso, possibilitou pausas para apreciar a música e absorver a atmosfera antes de retomar o desenho, proporcionando um equilíbrio entre observação e ação artística.

Iniciei o desenho com um esboço a lápis, focando nas formas principais do clarinetista e nos elementos ao redor, como a caixa de som e o suporte de partituras. A escolha do lápis permitiu uma abordagem flexível, facilitando ajustes na composição antes da aplicação da aquarela. O grafite é um meio versátil que permite um controle gradual da tonalidade e do volume, essencial para a estruturação do desenho.

Com os contornos definidos, comecei a aplicar a aquarela, explorando variações tonais para criar profundidade e volume na figura do músico. A técnica foi utilizada de forma gestual, capturando a fluidez da cena e incorporando os elementos sonoros à composição. Pequenos salpicos de tinta foram adicionados para enfatizar o dinamismo da apresentação, evocando visualmente o impacto da música no ambiente.

A escolha da paleta cromática também teve um papel fundamental. O uso de tons quentes e neutros para o chão e o fundo contrastou com os azuis vibrantes da vestimenta do músico, destacando sua presença na composição. Como observa Scheinberger (2017), a cor na aquarela pode transmitir não apenas luz e forma, mas também emoção e movimento, reforçando a intensidade da cena musical.

A pintura resultante sintetiza a experiência de desenhar ao som da clarineta. A postura relaxada do músico, a inclinação do corpo e a forma como segura o instrumento reflete a expressividade da execução musical. O uso do nanquim para reforçar contornos e texturas adiciona um aspecto gráfico ao trabalho, equilibrando-se com a transparência da aquarela.

Além disso, a presença de elementos como a caixa de som e o suporte de partituras contextualiza a cena, proporcionando um recorte do momento vivido no museu. O fundo minimalista, marcado apenas por alguns splashes de tinta, sugere a ideia de som reverberando pelo espaço, reforçando a conexão entre música e pintura. Todos os elementos destacados por mim podem ser observados na imagem 63.

**Imagem 63** – Desenho do décimo quarto encontro de *Urban Sketchers* em Feira de Santana



Fonte: Acervo particular da autora.

O 14º Encontro do USkFSA foi uma experiência única que combinou diferentes linguagens artísticas em um mesmo espaço. A prática do USk integrada à música revelou novas possibilidades narrativas e reforçou a importância da arte como meio de expressão sensorial e emocional.

A abordagem psicogeográfica e a prática da deriva sonora evidenciaram como a música pode influenciar a percepção do espaço e a produção artística. O uso da pintura *plein air*, por sua vez, consolidou-se como uma ferramenta essencial para capturar a espontaneidade e a energia do momento, transformando a experiência musical em um registro pictórico vívido e expressivo.

Esse encontro demonstrou que o desenho não apenas registra o mundo visível, mas também traduz sensações, atmosferas e emoções, reafirmando o USk como uma prática que ultrapassa os limites do papel e se transforma em um diálogo contínuo com a cidade e suas múltiplas expressões culturais.

### **3.3.15 Idas e vindas: um novo olhar sob o Parque Erivaldo Cerqueira**

O 15º encontro do USkFSA (cartaz de convocação na imagem 64) marcou um retorno ao Parque Erivaldo Cerqueira, permitindo a realização de um estudo comparativo entre o desenho produzido no 5º encontro (2017) e o mais recente, evidenciando mudanças não apenas na paisagem do parque, mas também na evolução técnica e estética do trabalho desenvolvido ao longo dos anos.

**Imagem 64** - Cartaz de Convocação do décimo quinto encontro *Urban Sketchers* em Feira de Santana



**Fonte:** Instagram: @USkFSA<sup>53</sup>.

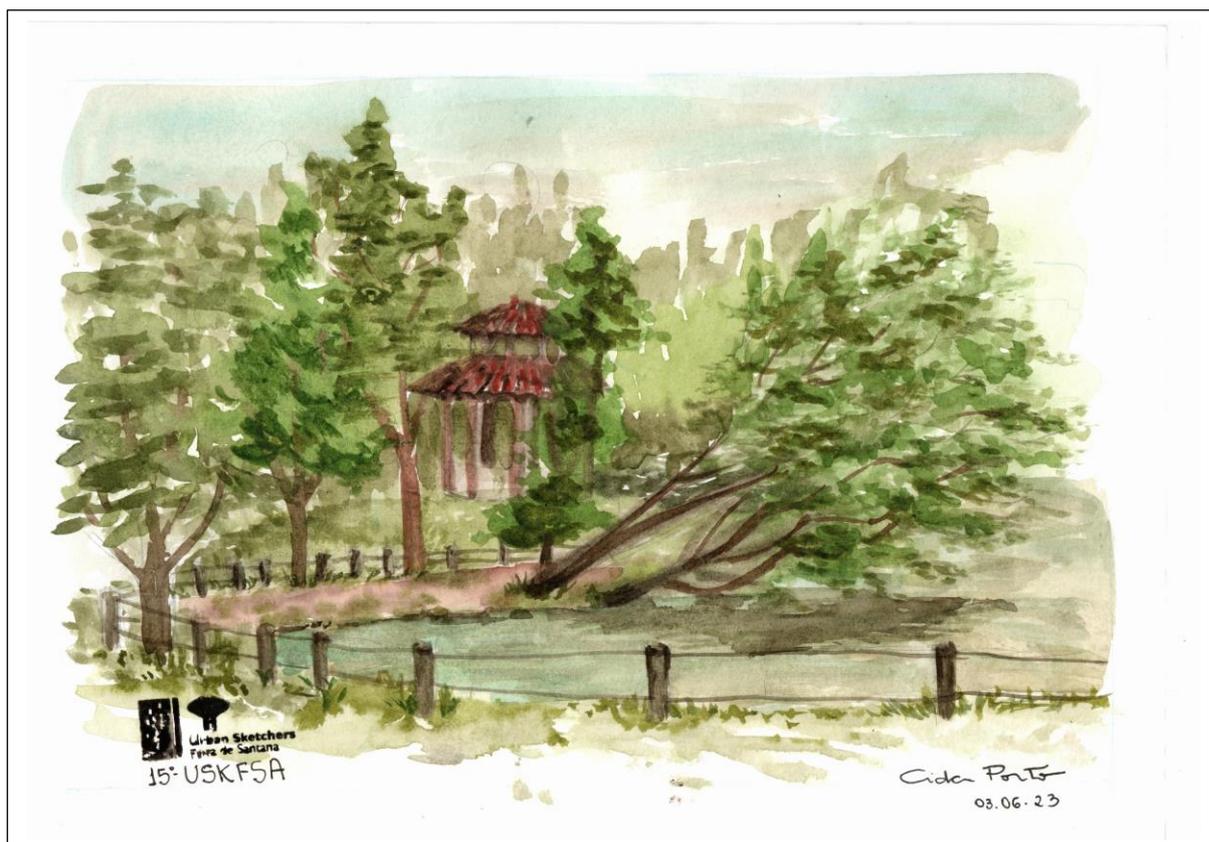
O USk é uma prática que propõe a imersão do artista no espaço urbano, utilizando o desenho como uma ferramenta de registro e interpretação do ambiente. Essa abordagem está intimamente ligada aos conceitos de psicogeografia e deriva, porque analisam como a configuração urbana influencia a percepção e a experiência humana. Ao retornar ao Parque da Lagoa após seis anos, a experiência foi potencializada pela relação afetiva e histórica estabelecida com o espaço, tornando o ato de desenhar não apenas uma observação técnica, mas um reencontro com o passado e suas transformações.

<sup>53</sup> <https://www.instagram.com/p/CBoqgySgaVp/?igsh=MTBmMHU5b3o4a3R1YQ==>

Ao comparar os dois registros gráficos, percebe-se a evolução da percepção do espaço, refletida na maneira como as formas, cores e composições foram abordadas. Se no primeiro desenho há uma ênfase na captura do momento com traços mais soltos e uma paleta de cores mais vibrante. No segundo, nota-se uma maior maturidade no uso da aquarela, com um refinamento nas transições tonais e um controle mais preciso das texturas e profundidades.

No 15º encontro, utilizei um sketchbook de papel 100% algodão cold pressed, um material que possui uma leve textura que favorece a absorção da tinta e permite maior controle sobre a técnica da aquarela. A escolha do local para a realização do desenho foi estratégica, considerando a sombra e o tempo de execução, que variou entre duas e três horas. Como aponta Hallawell (2001, p. 42) em *A Mão Livre, a Linguagem Visual*, “a escolha do suporte e das ferramentas influencia diretamente o resultado da composição, pois determina a interação entre os elementos gráficos e a expressividade da obra”.

O processo do registro visual por meio do desenho, foi iniciado com a observação das variações tonais do verde na lagoa e na vegetação ao redor. A árvore inclinada para a água tornou-se um ponto focal da composição, exigindo um trabalho detalhado de luz e sombra para criar profundidade. No primeiro desenho, observa-se uma abordagem mais espontânea, com manchas menos controladas e um uso intuitivo das cores. No trabalho mais recente, observa-se um aprimoramento nas sobreposições e uma intencionalidade mais evidente no uso da luz, o que confere maior realismo à paisagem. Além disso, elementos estruturais, como a cerca e a área coberta com telhas avermelhadas, foram representados com mais precisão no segundo desenho, demonstrando um avanço na capacidade de observação e na aplicação da perspectiva, como pode ser percebido na imagem 65.

**Imagem 65** – Desenho do quinto encontro de *Urban Sketchers* em Feira de Santana

**Fonte:** Acervo particular da autora.

A experiência no parque não se limitou apenas ao desenho. Durante a sessão, guardas municipais que trabalhavam no local se aproximaram para observar o processo. Ao observar o desenho realizado na 5ª edição do USkFSA, foi possível perceber como o próprio espaço havia se transformado ao longo dos anos. A troca de impressões sobre a paisagem reafirmou a importância do USk como um registro histórico e social da cidade, preservando visualmente mudanças que ocorrem gradativamente e que, muitas vezes, são invisibilizadas no fluxo cotidiano.

A observação comparativa entre os dois desenhos não apenas revelou um amadurecimento técnico, mas também a evolução na forma de interpretar e traduzir o ambiente através do desenho. Como destaca Hallawell (2001, p. 68), “o desenho é uma forma de pensar visualmente, e seu desenvolvimento está diretamente ligado à percepção e ao refinamento da sensibilidade do artista em relação ao mundo”.

O retorno ao Parque Eivaldo Cerqueira para o 15º encontro do USkFSA proporcionou-me uma experiência enriquecedora, tanto no aspecto técnico quanto no emocional. A prática

do USk, associada aos conceitos de psicogeografia e deriva, demonstrou como a relação entre o artista, o tempo e o espaço influenciam a interpretação visual da cidade.

A comparação entre os dois desenhos evidencia um crescimento significativo no domínio da aquarela, no uso das cores e na composição espacial, reforçando a importância da prática contínua do desenho como forma de aprimoramento técnico e de registro visual da história urbana. Esse processo demonstra que, mais do que capturar a imagem de um local, o USk permite vivenciar, compreender e reinterpretar a cidade, tornando cada encontro um momento único de aprendizado e conexão com o ambiente.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, busquei compreender como a prática do USk contribui para a preservação da memória visual de Feira de Santana, enfatizando o desenho de observação como um instrumento de registro, interpretação e valorização do espaço urbano. Durante essa trajetória, ficou evidente que o desenho, mais do que um simples exercício técnico ou uma forma de expressão artística, constitui uma poderosa ferramenta de documentação e sensibilização sobre os lugares que habitamos.

Os desenhos produzidos nos encontros do USkFSA permitiram-me não apenas registrar visualmente a cidade, mas também ativar memórias. O ato de desenhar *in loco* exigiu-me uma observação atenta, um engajamento direto com o ambiente e uma conexão subjetiva com os elementos urbanos que o cercavam. Essa relação diferenciada com a cidade, levou-me a perceber nuances que passam despercebidas ao olhar cotidiano, pois se diluem na percepção da paisagem habitual. A interação entre o artista e o espaço desenhado estabelece um vínculo que vai além da mera reprodução visual, promovendo uma conexão sensorial e emocional com o local.

A adoção da psicogeografia e da deriva como referenciais teóricos me possibilitou uma compreensão mais profunda sobre a interação entre o indivíduo e o espaço urbano. Durante minhas caminhadas e sessões de desenho, percebi como a cidade se revela de maneiras distintas a depender do percurso, do tempo de permanência e do olhar que se lança sobre ela. Essa abordagem metodológica demonstrou que o desenho não apenas registra a paisagem, mas também é influenciado pelas emoções, memórias e experiências de quem o executa.

Um dos desafios mais marcantes ao longo dos encontros do USkFSA foi a escolha e o manuseio dos materiais de desenho. Diferentemente do ambiente controlado do ateliê ou da sala de aula, desenhar ao ar livre exige flexibilidade na escolha dos materiais, pois cada suporte e ferramenta responde de maneira diferente às condições externas.

O uso do lápis grafite me proporcionou uma abordagem célere e espontânea, permitindo-me capturar rapidamente a estrutura dos edifícios e a composição da cena antes de investir em detalhes mais refinados. Já o nanquim, por sua vez, trouxe precisão às linhas, possibilitando um traço mais expressivo e uma abordagem gráfica marcante. No entanto, o uso da tinta nanquim direto no papel, sem esboço, exigiu de mim maior controle e segurança,

já que qualquer contato acidental poderia comprometer o desenho, especialmente em papéis mais delicados.

O papel aquarelável revelou-se um grande aliado, pois sua textura e resistência permitiram uma melhor absorção da tinta sem comprometer a qualidade do traço. A aquarela, por sua vez, proporcionou-me uma leitura mais sensível da paisagem urbana, com suas cores suaves e fusões que evocam a atmosfera dos locais desenhados. Todavia, sua aplicação ao ar livre exigiu uma adaptação constante, pois o tempo de secagem pode variar dependendo da umidade e da temperatura do ambiente.

A escolha dos materiais, também, esteve diretamente ligada à praticidade e portabilidade. Por isso, optei por kits compactos de aquarela, pincéis com reservatório de água e pequenos sketchbooks, garantindo maior agilidade na execução dos desenhos. Essa necessidade de adaptação ao ambiente reforçou a importância de experimentar diferentes materiais ao longo dos encontros, identificando quais eram mais adequados para cada contexto.

Outro fator determinante na experiência do USkFSA foi a variação climática, que por vezes interferiu no ritmo de produção dos desenhos. Diferente de um ambiente fechado, onde o desenhista tem controle total sobre o tempo e as condições de trabalho, no espaço urbano, a prática do desenho está sujeita a mudanças repentinas no clima, que podem tanto potencializar quanto dificultar a experiência.

O sol intenso em determinados momentos, exigiu a busca por áreas sombreadas ou a necessidade de alternar rapidamente entre os materiais para evitar que o calor afetasse o desempenho do papel e das tintas. O vento, por sua vez, apresentou desafios como a necessidade de segurar o papel com firmeza ou evitar que elementos do ambiente (poeira, folhas, pequenos galhos etc.) interferissem no desenho em andamento.

A chuva foi um dos elementos que mais impactou os encontros, pois, em algumas ocasiões, os desenhos precisaram ser finalizados rapidamente ou mesmo interrompidos antes de serem concluídos. Esse fator exigiu-me criatividade e adaptação, levando-me a desenvolver estratégias para continuar desenhando em locais cobertos ou a registrar a cena de maneira mais gestual e expressiva, sem a necessidade de detalhes excessivos.

Essa experiência mostrou que o USkFSA não é apenas um exercício técnico, mas também um exercício de adaptação e resiliência, onde cada encontro se torna um aprendizado sobre como lidar com diferentes desafios ambientais, enquanto se mantém o foco na observação e no registro visual da cidade.

Ao longo dos 15 encontros do USkFSA, pude perceber uma transformação não apenas nos aspectos técnicos dos meus desenhos — evidenciada na segurança dos traços, na composição das formas e no uso mais consciente da luz e da perspectiva —, mas sobretudo na forma como passei a olhar e a me relacionar com a cidade. O ato de desenhar *in loco* me ensinou a desacelerar, a observar o que antes me escapava e a construir uma escuta visual mais atenta.

Cada linha tornou-se uma tentativa de compreender o espaço não só como cenário, mas como território de afetos, memórias e histórias compartilhadas. Essa experiência me permitiu ressignificar a paisagem urbana, percebendo nela não apenas estruturas físicas, mas marcas do tempo e da vida que pulsa em silêncio entre uma esquina e outra. Nos primeiros encontros, os desenhos demonstravam um maior nível de timidez e hesitação, com traços mais leves e composições mais simples. À medida que os encontros avançavam, foi possível perceber um maior domínio das técnicas de desenho de observação, com composições mais elaboradas, uso mais confiante das cores e uma abordagem mais expressiva das cenas urbanas.

Além da evolução técnica, houve também um amadurecimento na percepção e interpretação da cidade. Se no início me atentava mais para a precisão dos traços, com o tempo passei a explorar diferentes formas de representação, buscando capturar não apenas os detalhes arquitetônicos, mas também a atmosfera e a dinâmica do espaço.

Esse processo de amadurecimento ficou evidente na diversidade de estilos que se desenvolveram ao longo dos encontros. Nos primeiros encontros preferi uma abordagem mais gráfica, explorando linhas definidas e contrastes marcantes, enquanto nos encontros finais optei por uma interpretação mais pictórica, utilizando aquarelas para criar efeitos atmosféricos e captar a luz e as sombras dos espaços desenhados. Essa diversidade enriqueceu ainda mais a experiência do desenhar *in loco*, tornando cada desenho uma oportunidade de aprimorar e desenvolver habilidades técnicas e perceptivas.

Além do aspecto individual, a pesquisa revelou que o USkFSA possui uma forte dimensão coletiva. Os encontros do grupo criam um ambiente de troca e aprendizado, no qual diferentes percepções sobre a cidade se encontram e se complementam. Essa experiência reforça a ideia de que o desenho de observação não é apenas um ato solitário, mas também um meio de interação e compartilhamento, onde cada participante contribui para uma leitura ampliada da cidade.

A análise dos desenhos realizados nos encontros revelou que essa prática não se limita a uma reprodução fiel da paisagem urbana, mas envolve uma ressignificação dos espaços

representados. Ao desenhar, cada participante do USk interpreta a cidade a partir de suas próprias vivências, destacando aspectos que lhe parecem mais significativos e, muitas vezes, transformando o modo como esses lugares são percebidos pelos demais observadores. Esse processo reforça a ideia de que a memória urbana não está apenas nos edifícios e monumentos, mas também nos olhares e narrativas que construímos sobre eles.

Outro ponto relevante observado ao longo da pesquisa foi o impacto da prática do desenho de observação na valorização do patrimônio arquitetônico e histórico. Ao selecionar determinados locais para desenhar, os participantes do USk contribuem para a sua visibilidade e reconhecimento, promovendo um olhar mais atento e cuidadoso sobre esses espaços. Em um contexto no qual muitos elementos do patrimônio urbano estão sujeitos ao abandono ou à descaracterização, essa prática se torna um meio de resistência e valorização, incentivando a população a enxergar a cidade como um espaço de memórias e histórias a serem preservadas.

O desenho *in loco* nos ensina a olhar com mais atenção, a perceber detalhes antes ignorados e a estabelecer um vínculo mais profundo com os locais que frequentamos. Ele também nos ensina sobre adaptação e resiliência, pois cada encontro traz desafios únicos, seja na escolha dos materiais, na adaptação ao clima ou na maneira como interpretamos o espaço. Dessa maneira, a prática do USk se revelou uma importante ferramenta para a valorização da memória urbana, permitindo que locais históricos, muitas vezes esquecidos no cotidiano acelerado da cidade, fossem registrados e reinterpretados por meio do olhar sensível dos desenhistas.

Assim, a pesquisa demonstrou que o desenho de observação pode atuar como uma estratégia de sensibilização sobre as transformações urbanas e seus impactos na paisagem. O crescimento desordenado das cidades, a substituição de edificações históricas por novas construções e a padronização dos espaços urbanos são fenômenos que frequentemente resultam na perda de referências visuais e afetivas. Os registros gráficos produzidos pelos USk funcionam, nesse sentido, como um contraponto a esse processo, oferecendo um olhar detalhado e subjetivo sobre a cidade e suas mudanças.

Dessa forma, concluo que a prática do USk se estabelece como uma importante ferramenta de documentação e preservação da memória urbana. O desenho de observação, ao captar a essência dos espaços urbanos, não apenas os registra visualmente, mas também os ressignifica, criando formas de relação entre a cidade e seus habitantes. Essa prática fortalece a percepção do espaço urbano como um lugar dinâmico, repleto de histórias e significados, e incentiva um olhar mais atento para os processos de transformação que ocorrem constantemente no meio urbano.

A partir das reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa, considero que o USkFSA possui um grande potencial para ser explorado em diferentes contextos, ampliando sua atuação como ferramenta de preservação da memória urbana. Estudos futuros podem aprofundar a relação entre o desenho in loco e as políticas de conservação do patrimônio, investigando como essa prática pode contribuir para a formulação de estratégias de educação patrimonial e sensibilização sobre a importância dos espaços históricos.

Dessa forma, acredito que novas pesquisas podem explorar a relação entre o desenho de observação e a participação comunitária na valorização dos espaços urbanos. O envolvimento da população em práticas artísticas como o USkFSA pode fortalecer o vínculo das pessoas com a cidade e incentivar ações de preservação e revitalização de áreas históricas. Essa perspectiva abre um campo fértil para investigações sobre o impacto do desenho na construção de um senso de pertencimento e na conscientização sobre o patrimônio urbano.

Assim, esta pesquisa reforça a importância de olhar para o desenho de observação como um meio de registro, reflexão e intervenção na cidade. Mais do que uma prática artística, ele se revela como uma ferramenta de resistência diante das transformações urbanas, permitindo que histórias, memórias e paisagens sejam preservadas de maneira sensível e autêntica. Como pesquisadora e participante ativa do USk, reafirmo meu compromisso em continuar explorando essa prática e promovendo sua valorização como um instrumento de documentação e ressignificação da cidade.

Acredito que esta pesquisa abre caminhos para novas abordagens sobre a relação entre arte, memória e espaço urbano, incentivando o desenvolvimento de estudos que ampliem a compreensão sobre o papel do desenho na preservação e valorização das cidades. Dessa maneira, fica a convicção de que o desenho de observação seguirá desempenhando um papel fundamental na construção de narrativas visuais sobre o mundo que habitamos, fortalecendo nossas conexões com os espaços urbanos e suas histórias.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Livia Dias. **Feira de Santana: entre culturas, paisagens, imagens e memórias urbanas**. Feira de Santana: UEFS, 2015. 298p.
- BAJZEK, Eduardo. **Percursos da aquarela: fundamentos da técnica e possibilidades expressivas**. São Paulo: Olhares, 2024. 208p.
- BATALLER, Maria Alba Sargatal. **O Estudo da Gentrificação**. *Continentes* – Revista de Geografia, Barcelona, n.1, jul – dez. 2012. Acesso em: 30 maio 2024. Disponível em: <https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/5>.
- BOMFIM, Natanael Reis. A Psicogeografia como Trajetos Metodológicos: dimensão afetiva no agenciamento de espaços formativos, “fora da escola”. **Ciência Geográfica** - Bauru - XXIV - Vol. XXIV- (1): Janeiro / Dezembro – 2020. Disponível em: [https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV\\_1/agb\\_xxiv\\_1\\_web/agb\\_xxiv\\_1-14.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxiv_1-14.pdf). Acesso em: 10 dez. 2024.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso: 20 nov. 2023.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Vocação de Criar: Anotações Sobre a Cultura e as Culturas Populares. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n. 138, p. 715 – 746, set./dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000300003>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- BOWER, Stephanie. **Desenho em Perspectiva: técnicas fáceis para aceitar as linhas de fuga em qualquer situação**. São Paulo: Olhares, 2023. 112p.
- BOWER, Stephanie. **101 dicas de Sketching: técnicas e truques para desenhar na rua**. São Paulo: Olhares, 2023. 112p.
- CAMPANARIO, G. *The Art of Urban Sketching: Drawing On Location Around The World*. Beverly: Quarry Books, 2012.
- CARDOSO, Diogo; et al. Espacialidades e ressonâncias do patrimônio cultural: reflexões sobre identidade e pertencimento. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território** – GOT, Portugal, nº11, p. 83-98, jun. 2017. Acesso em: 25 mar 2024. Disponível em <https://cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/view/2017.11.004>.
- CARERI, F. *Walkscapes: Walking as an Aesthetic Practice*. Culicidae Architectural Press, 2013.
- CHING, Francis D. S. *Representação Gráfica em Arquitetura*. Tradução de Alexandre Salvaterra. 6ed. Porto Alegre: Bookman, 2017. 264p.
- COELHO, Carlos Dias. **Os tempos da cidade: uma metamorfose imperfeita**. Lisboa: Argumentum, 2000.
- DIAS, Laerte Freitas; LOBÃO, Jocimara Souza Britto. **Um olhar sobre o município de Feira de Santana: a geografia e o geoprocessamento num contexto socioambiental**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016. 156p.
- DÓREA, Juraci. **Feira de Santana memórias e remanescentes da arquitetura eclética**. Feira de Santana: UEFS, 2018. 330p.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Tradução de Ricardo Silveira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. 299p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**, 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.

GONÇALVES, Gabriel. Conheça a história da caixa d'água do Tomba, o reservatório que virou cartão postal de Feira de Santana. *Acorda Cidade*, Feira de Santana, 17 set. 2021. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/feira-de-santana/conheca-a-historia-da-caixa-dagua-do-tomba-o-reservatorio-que-virou-cartao-postal-de-feira-de-santana-2/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

GONÇALVES, Glaucio Roberto. A deriva e a psicogeografia e suas possibilidades para os trabalhos de campo em Geografia Urbana. *Ateliê Geográfico - Goiânia-GO*, v. 13, n. 3, dez./2019, p. 100 – 111. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/58750>. Acesso em: 10 dez. 2024.

GOMBRICH, E. H. **Livro A História da Arte**. Rio de Janeiro: Martins, 2015. 688p.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. Santa Maria- RS: editora da UFSM, 1996.

HALLAWELL, Philip. **À mão livre: a linguagem visual**. São Paulo: Editora Senac, 2017. 221p.

HARRISON, Hazel. **Técnicas de desenho e pintura: um curso completo de técnicas criativas e práticas**. Tradução Echo Consultoria. Rio Grande do Sul: EDELBRA Ind. Gráfica e Editora Ltda, 2002. 255p.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. 331p. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/7894/3/Elogio\\_aos\\_Errantes\\_RI.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/7894/3/Elogio_aos_Errantes_RI.pdf). Acesso em: 13 mar 2025

JUNIOR, Alfredo Barbosa de Oliveira; SOUZA, Antônio Wilson Silva de. **Cidade, Memória e Patrimônio Arquitetônico: reflexões a partir da realidade de Feira de Santana**. In: *Revista Brasileira de expressão Geográfica*, v. 8, n.º. 2, p. 108-125, dez. 2020. Disponível em: <<https://www.rbeg.net/index.php/rbeg/article/view/98>>. Acesso em: 04 mai 2024.

KALLAS, Luana Miranda Esper; GUILLEN-SALAS Juan Carlos; SILVA, Eliel Américo Santana. da. Resgate, valorização, educação e documentação do patrimônio por meio de sketches. *Revista Jatobá*, Goiânia, v. 2, 2020. DOI: 10.54686/revjat.v2i.66526. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revjat/article/view/66526>. Acesso em: 04 mai. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 5ªed. São Paulo: Centauro, 2011. 143p.

MADERUELO, Javier. **El paisaje: génesis de un concepto**. Madrid: Abada Editores, 2005.

MARTINS; Ana Cecília e et al. **Iconografia baiana do século XIX na Biblioteca Nacional**. São Sebastião do Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2005. 213p.

MONTE, Luiz do. **Deriva e Psicogeografia na Cidade Contemporânea: experimento situacionista no centro do Recife**. Dissertação (Mestrado em Design). Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal de Pernambuco. Recife – PB, p. 176. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17370>. Acesso em: Acesso em: 10 dez. 2024.

NASCIMENTO, Flávia B.; SCIFONI, Simone. A paisagem cultural como novo paradigma para proteção: a experiência do Vale do Ribeira. *Revista CPC*, São Paulo, n. 10, p. 28-48, maio/out2010. disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15660>. Acesso em 30 nov. 2023.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 16 mar. 2025.

NUNES, Maylla. Tomba é bairro mais populoso de Feira de Santana; veja o ranking. *Acorda Cidade*, Feira de Santana, 01 mar. 2013. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/feira-de-santana/tomba-e-bairro-mais-populoso-de-feira-de-santana-veja-o-ranking/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

OLIVEIRA, Sidiney de Araújo. **Desenhando a ideia de uma “avenida feliz”: imagens das histórias e memórias da avenida Senhor dos Passos, em Feira de Santana, BA**. Feira de Santana: UEFS, 2013. 158 p.

PEDROSA, Israel. **Na contramão dos preconceitos estéticos da era dos extremos**. Rio de Janeiro: Léo Cristiano Editora Ltda, 2007. 319p.

PEIXOTO, Simone. **Pensar o desenho: linguagem, história e prática**. Guarapuava: Unicentro, 2013.

PINTO, Suely Lima de Assis. **A Cultura e as Diferentes Concepções Apreendidas nas Determinações Históricas**. Revista da pós-graduação em educação da Universidade Federal de Jataí, v. 3 n. 1, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rir.v1i3.208>. Acesso em: 30 nov. 2023.

RODRIGUES, Rodrigo José Cantarelli. O Neogótico em Pernambuco e a obra do arquiteto Rodolpho Lima. *MOUSEION*, Canoas, n. 40, dez. 2021, p. 01-12. ISSN 1981-7207. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/360326109\\_O\\_Neogotico\\_em\\_Pernambuco\\_e\\_a\\_obra\\_do\\_arquiteto\\_Rodolpho\\_Lima](https://www.researchgate.net/publication/360326109_O_Neogotico_em_Pernambuco_e_a_obra_do_arquiteto_Rodolpho_Lima). Acesso em 30 jan. 2024.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. Tradução de José Charters Monteiro. Portugal: Edições 70, 2016. 242p.

SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto. As influências do neoclassicismo na arquitetura brasileira a partir da missão francesa. In: *A Europa das nacionalidades*. 2011, Aveiro. Anais... Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/12994>. Acesso em: Acesso em 30 jan. 2024.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997. SIMPÓSIO DE URBAN SKETCHERS. *Urban Sketchers*. Disponível em: <https://urbansketchers.org/usk-symposium/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

SCHEINBERGER, Felix. **Aquarela para Urban Sketchers: Como desenhar, pintar e contar histórias coloridas**. São Paulo: Gustavo Gil, 2016. 156p.

Silva, Aldo José Morais. **De terra são a berço da micareta: estratégias constitutivas da identidade social em Feira de Santana**. Revista de História Regional 13(2): 104 -133, Inverno, 2008. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2272>. Acesso em: 04 mai 2024.

SILVA, Giovana Carolina. **Janelas do Cerrado para o Mundo: o movimento Urban Sketchers**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades). Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, p. 100. 2020. Disponível em: < <https://www.btdt.ueg.br/handle/tede/409> >. Acesso em 02 ago. 2023.

SOUZA, Emanuel Aquila Bezerra de. **O Olhar Sobre A Cidade Através Do Desenho E As Dinâmicas Coletivas Do Grupo Urban Sketchers (Natal/RN)**. Dissertação (Mestrado Antropologia

Social). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p.159. 2021. 04 mai 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/46530>. Acesso em: 04 mai 2024.

THORSPECKEN, Thomas. **Guia completo de técnicas de desenho urbano**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

TRINCHÃO, Glaucia Maria Costa; OLIVEIRA, Lysie dos Reis. **A história contada a partir do desenho**. In.: Graphica 98: II Congresso Internacional de Engenharia Graphica nas Artes e no Desenho e XIII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico. Disponível em: <[https://scholar.google.com/citations?view\\_op=view\\_citation&hl=pt-BR&user=4Oqg-\\_sAAAAJ&citation\\_for\\_view=4Oqg-\\_sAAAAJ:Wp0gIr-vW9MC](https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=4Oqg-_sAAAAJ&citation_for_view=4Oqg-_sAAAAJ:Wp0gIr-vW9MC)>. Acesso: 20jul. 2023.

TRINCHÃO, Glaucia Maria Costa; COSTA, Ivoneide França; QUEIROZ, Quelle Santos de. **Desenho e difusão do conhecimento: cultura visual, etnicidade, moda, gênero, educação**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2021. 401p.

VALGAS, Paulo Henrique Tôres. **Urban Sketchers e o heroísmo moderno**. In: Revista Latino-Americana de História. V.8, n.21, 2019. Acesso em: 05 dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/995>